

# REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Numero 2

Manaus—Amazonas



Maio—1955

## PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

---

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
nº 1	Gonzaga Duque	Pericles Moraes
nº 2	Euclides da Cunha	Dom Alberto Gaudêncio Ramos
nº 3	Raul Pompéia	Agnello Bittencourt
nº 4	Sílvio Romero	(vaga) - - ALFREDO DA MATA
nº 5	Martins Junior	André Vidal de Araujo
nº 6	Eduardo Prado	José Jorge de Carvalhal
nº 7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Mala
nº 8	Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
nº 9	Machado de Assis	Felix Valois Coelho
nº 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
nº 11	José Veríssimo	Djalma Batista
nº 12	Sousa Bandeira	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
nº 13	Tobias Barreto	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro
nº 14	Adolfo Caminha	Moacyr Rôsas
nº 15	Tomás Lopes	João Mendonça de Sousa
nº 16	José do Patrocínio	(vaga) + JOÃO LEDA
nº 17	Francisco de Castro	Leôncio de Salignac e Sousa
nº 18	B. Lopes	Aristophano Antony
nº 19	Oswaldo Cruz	Genesino Braga
nº 20	Afonso Arinos	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
nº 21	Tenreiro Aranha	Padre José Pereira Neto (eleito)
nº 22	Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
nº 23	Cruz e Sousa	Nunes Pereira
nº 24	Joaquim Nabucó	Sadoc Pereira
nº 25	Aluísio Azevedo	Raul de Azevedo
nº 26	Raimundo Corrêa	Waldemar Pedrosa
nº 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
nº 28	Anibal Teófilo	Hugo Bellard
nº 29	Capistrano de Abreu	José de Castro Monte
nº 30	Tito Livio de Castro	Thiago de Mello

# REVISTA

DA

## Academia Amazonense de Letras

---

---

Fundada em 1.º de Janeiro de 1918  
Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil  
SÉDE PRÓPRIA: — Rua Ramos Ferreira — MANAUS

---

---

ANO XXXVII  
1955



**A ATUAL DIRETORIA QUE REGE OS DESTINOS**

**DA**

**ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

*Presidente* — PERICLES MORAES

*Vice-Presidente* — + JOÃO LEDA

*Secretário Geral* — ARTHUR VIRGILIO C. RIBEIRO

*1º Secretário* — Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

*2º Secretário* — MARIO YPIRANGA MONTEIRO

*Bibliotecário* — WASHINGTON CESAR MELLO

*Tesoureiro* — MOACYR ROSAS

**PRESIDENTE DE HONRA**

**General NELSON DE MELO**

\* \* \* \* \*

**OBSERVAÇÃO:** O mandato da referida Diretoria, eleita no dia 3 de Maio de 1951, manter-se-á até o dia 3 de Maio de 1956, quando se realizarão novas eleições.

Tambo 2013.66  
c. 2



# REVISTA

DA

## Academia Amazonense de Letras

---

### SUMÁRIO:

	<i>Págs.</i>
<i>João Leda</i> — Pericles Moraes . . . . .	5
<i>Retrato de João Leda</i>	
<i>João Leda e a Língua Portuguesa</i> — Padre Nonato Pinheiro . . . . .	11
<i>Recordações de um Vernaculista</i> — Mendonça de Souza . . . . .	14
<i>Um Perfil de João Leda</i> — Mithridates Corrêa . . . .	30
<i>A Cultura Amazônica</i> — Djalma Batista . . . . .	36
<i>Um Historiador Diferente</i> — Aristophano Antony . .	43
<i>Um Príncipe do Paradoxo: Oscar Wilde</i> — Moacyr Rosas . . . . .	49
<i>Estrelas do Mar</i> — Mavignier de Castro . . . . .	58
<i>Quatro Filigranas de Genesino Braga</i> . . . . .	59
<i>Reminiscências</i> — Sadoc Pereira . . . . .	64
<i>O Grande Amazonas</i> — Agnello Bittencourt . . . . .	68
<i>Santo Agostinho, Padroeiro da Inteligência</i> — Pericles Moraes . . . . .	71
<i>Duas cartas de Augusto Linhares</i> . . . . .	78
<i>Noticiário Acadêmico</i> . . . . .	81
<i>Homenagens Póstumas a João Leda</i> . . . . .	84



# JOÃO LEDA

PERICLES MORAES

*Precisamente na hora em que começava a circular nossa Revista, na data de sua auspiciosa reaparição, nos chega, de chôfre, a notícia angustiosa do trespasse de João Leda.*

*Embora já o soubessemos gravemente enfermo, há longos meses, o desaparecimento do renomado filólogo brasileiro, que tanto relêvo e esmalte imprimiu às tradições da inteligência amazônica, foi para nós, nêstes últimos tempos, um dos mais lancinantes revéses. Porque, em verdade, o notável escritor de "A Quimera da Língua Brasileira" deveria ser considerado um dos mais lúcidos servidores do espírito em nosso país. Nos livros que escreveu estão patentes, através de páginas de incontrastável vernaculidade, os itinerários do seu tirocínio filológico, a disciplina do seu pensamento e o soberbo aprumo de sua cultura linguística, que se desdobravam profunda e harmoniosamente em defesa dos cânones do idioma. Dentro dêste critério, em represália às contumélias da incompetência desarvorada, João Leda transformou-se de repente em panfletário e acudiu a tôdas as provocações. Sob o perfeito domínio de si mesmo, não trepidou em afrontar com bravura as increpações e a petulância desrespeitosa de adversários pérfidos e contumazes. Às ofensas que lhe irrogavam, repulsava com o calor de dialética inflexível, timbrando de rígor em não conceder louvores imerecidos e recusando sistematicamente o elogio que transcendesse à órbita do equilíbrio e da justiça. Polemista ao jeito de Rochefort, jamais se absteve de julgar e tomar posição decidida nas mais tempestuosas refregas literárias que ainda se agitaram em nossa terra. Enfrentou corajosamente os mais eminentes mestres da língua luso-brasileira, em recontros memoráveis, onde tronava o seu verbo coruscante, que destroçava ídolos e idólatras. Dos aspectos de sua complexa personalidade, era certamente o de panfletário que definia melhor as perspectivas multiformes do seu temperamento de escritor. João Leda,*

antes e acima de tudo, durante tóda a sua grande existência, revelou-se sempre um ardoroso esgrimista da palavra, a despedir golpes inclementes com o arrojo e a fúria de um mosqueiteiro. No renhir dos combates, a sua arranhante irreverência de iconoclasta investia contra magos e marabutos, escorchando-os, aniquilando-os desabridamente com o ariete sarcástico de sua pena, que se assemelhava a um dardo em ação. Ninguém melhor do que êsse epigramista, a um tempo irônico e piedoso, aprendeu a arte de triturar o contendor, sem depois arcabuzar-lhe os despojos mortais. O que nêle parecia braveza, significava reação espontânea contra as diatribes e os aleives com que a mesquinharia humana intentava enlamear-lhe a dignidade de homem e de escritor. O que nêle poderia ser tomado como rudeza ágreste não passava de revide legítimo contra a congêrie de injúrias com que seus agressores improvisados lhe desvirtuavam as idéias e as atitudes. Não sabemos de outro escritor, no Amazonas, que fôsse tão atrozmente vilipendiado. Os seus encarniçados inimigos nada lhe poupavam. Por seu turno, as suas apóstrofes comburentes, de índole camiliana, de argamassa fialhesca, e os seus sarcasmos swiiftianos, à maneira dos de Ruy, na "escola da calúnia", solapavam a maldade e a impotência dos negativistas, que se espatifavam aos arremêssos titânicos de sua cólera ultriz. Não descia, porém, ao calão das invectivas soezes que, se envilecem o ofendido, ainda mais degradam o ofensor. O pelourinho e a pasquinada não eram do seu feitio. Desenvolviam-se em atmosferas mais elevadas os planos estratégicos dêsse nobre general das pugnas jornalísticas. A contextura moral do homem e as suas deficiências interiores não o interessavam. Restringia-se tão sòmente à substância das idéias em causa, que o seu cálamo poderoso, sob a impulsão de crises psicológicas inelutáveis, articulava e desarticulava, acicateando-as com o aguilhão da zombaria e do ridículo. Era assim João Leda. Era dêsse molde singular e desconcertante a figura do colendo preliador, cujas aparências tanto iludiam os que lhe não conheceram o trato íntimo e as delicadezas do coração.

Dêle nos aproximámos, animados por eloquentes mostras de amizade, que perduraram por quarenta anos consecutivos. No seu contacto diuturno, a sedução expressional do homem e o seu meridiano mental manifestavam-se em todos os sentidos. Assim na seiva espiritual de sua cultura e na irrepreensível casticidade do seu estilo, recortado em formas clássicas, como na hipersensibilidade do seu temperamento, que era um



*destrambelhado feixe de nervos. João Leda sabia, como Anatole, introduzir a volúpia nas sensações do espírito; e, por um milagre de volição, conseguia fazer-se amar e admirar, a despeito das restrições que se lhe pudessem arguir à rispidez com que aferia a capacidade dos seus contemporâneos, cuja incultura quase bárbara lhe provocava indignação e revolta.*

*Estas duas linhas desataviadas, escritas ainda sob a impressão da imensa vicissitude que sofremos, não intentam retrazar, em sua exata configuração moral e intelectual, o perfil do gigante invencível, que só a morte logrou derrotar. Esta página, retransida de amargura, escrita desordenadamente sob o domínio da emoção, não é mais, de resto, que o traço estrutural, expressivamente significativo, da fisionomia inquieta e conturbada do famoso filólogo e homem de letras, que operando na esfera da inteligência e da cultura, transmudou em estonteante floração de beleza e radiosa destinação, as opulências lexicográficas, as sutilezas sintáticas e as magnificências verbais de uma língua, como a nossa, que em confronto com os idiomas de irradiação universal, dá a lembrar um sarcófago impenetrável, onde as idéias se imobilizam e ficam perenemente sepultadas.*

*Essa teria sido a maior glória do batalhador indefesso, mestre de várias gerações de ingratos e amnésicos. Exilado voluntariamente do mundo pelo amargor de um ceticismo incurável, desencantado dos homens e de suas vilanias, João Leda enclausurou-se, como um carmelita, no isolamento e na solidão de sua biblioteca, entre os livros amados que lhe foram na vida os fiéis e verdadeiros amigos. Quando morreu, depois de longos meses de enfermidade torturante, cujos suplícios só a imaginação de Mirbeau conceberia, eram poucos os que acreditavam que êle ainda estivesse vivo. A sua imortalidade aleatória foi uma sombra, sem projeção, que sumiu para sempre na voragem dos Sete Palmos.*





**Escritor JOÃO LEDA, Vice-Presidente da Academia.  
Falecido em 1º de Março de 1955.**





# João Leda e a Língua Portuguesa

Padre NONATO PINHEIRO

O inspirado autor do Livro da Sabedoria, que é dos mais belos e dos mais iluminados da Bíblia, legou-nos páginas de inexcédível formosura, recamadas de pedrarias faiscantes.

Em estilo grandiloquo e sublime, tece o agiógrafo maravilhosos elogios à sabedoria, engrandecendo-a com o seu verbo onipotente, a causar no leitor os mais estupendos efeitos, e derramando-lhe estonteantes claridades, a modo dêsses grandes lumes que as tempestades despejam na escuridão da noite.

Travam-se entre o autor e essa grande norteadora da existência, que nos dá o sabor das coisas de Deus e nos ministra as regras do superior regime da vida, — dulcíssimos idílios, de que nos dá prova êste lanço lapidar: "Eu a amei e busquei desde a minha juventude, e procurei tomá-la para mim como esposa, e fiquei enamorado de sua formosura" (Livro da Sabedoria, cap. VIII, vers. 2).

Focando o amor de predileção que o vernaculista João Leda sempre votou à língua maviosa de Camões e de Ruy Barbosa, lembrei-me dos castos e indissolúveis amores do esposo da sabedoria, celebrados no estilo bíblico em extasiantes orquestrações. Escrevendo estas linhas despreten-siosas, a pedido de Pericles Moraes, o insuperável artista de "Figuras & Sensações" e o magistral panegirista de Coelho Netto, dedilhando o teclado de ébano desta elegante "Olympia", ouvindo os gorgeios da passarada numa aprazível residência desta pacata cidade de Parintins, parece-me também ouvir uma grande voz partida do além, voz que me era tão cara, a voz do meu inesquecível e pranteado João Leda, que do túmulo do cemitério de São João Batista, onde jaz, me envia pelas ondas misteriosas da imaginação e da saudade, as mesmas palavras bíblicas com que êle

afirma e reitera sua ardorosa paixão à encantadora língua luso-brasileira, a grande companheira da sua soledade e a inspiradora mais alta da sua inteligência: "Eu a amei e busquei desde a minha juventude, e procurei tomá-la para mim como esposa, e fiquei enamorado da sua formosura".

Nascido na Atenas Brasileira, onde o culto ao idioma integra as melhores tradições do velho Maranhão, desde a sua mocidade, efetivamente, se enamorou de nossa dulcíssima língua, estudando-a com acendrado devotamento, respirando-lhe as auras balsâmicas nos vergéis dos melhores clássicos, e buscando-lhe os festões nas páginas suntuárias dos seus maiores coloristas.

João Leda conhecia plenamente o idioma. Em sua biblioteca predominavam as gramáticas e os livros que versam assuntos vernaculares e temas de filologia. Os grandes e clássicos dicionários da língua, os mestres mais laureados e os escritores de mais alto coturno lá se encontravam, e o insigne vernaculista, nos inumeráveis serões dos seus dilatados anos, invadia todos os domínios do Português, perlustrando obras, anotando-as, criticando-as e enchendo numerosos e preciosos canhenhos.

Qualquer tema de língua portuguesa que pervagasse pela imprensa, nos noticiários dos nossos jornais e de outros órgãos da Federação, não lhe ficava sem o oportuno comentário, emitindo sempre sapientíssimas lições.

Sua linguagem era da melhor prosa portuguesa. Nos seus escritos pompeava o idioma na sua pureza cristalina. A frase castiça era de uma clareza inexcelsa, como a dêsse veios transparentes que permitem a visão dos pedrouços coloridos que dormem no leito. Em matéria de clareza, ninguém lhe levava a palma.

Pelo muito que li em suas obras doutrinárias, e pelo muito que ouvi de seus lábios magistrais, observei certa predileção por três clássicos: Vieira, Camilo e Ruy Barbosa! Tenho a impressão de que, na longa orografia dos clássicos da língua portuguesa, êsses três preexcelsos escritores representavam os mais altos cimos. Era a tríade culminante.

Camilo e Ruy foram objeto de preciosos estudos sob o prisma vocabular. O padre Vieira era sempre citado, não perdendo o vernaculista nenhuma ocasião para exaltar a inteligência portentosa do sábio jesuíta. Em "Nossa Língua e seus Soberanos" tece interessantes considerações sobre o "orgulho" do célebre sacerdote, e, já quase moribun-

do, nos devaneios de um longo delírio, fêz curiosa conferência sôbre o padre Vieira, tendo como auditório apenas o culto e dedicado médico Dr. Olavo das Neves...

Na imprensa amazonense João Leda derramou jóias com profusão. Quer assinando, quer usando pseudônimos, suas colaborações vinham sempre ataviadas com os mais belos ornamentos do idioma: expressão sempre castiça, construções cheias de elegância, vocabulário riquíssimo e nobre.

Frisando a casticidade idiomática de João Leda, não irei ao exagero de sustentar-lhe, ao lado da pureza de linguagem, a elegância do frasear. Palpita-me que esta o preocupava menos que aquela. Lembro-me, de uma feita, que Pericles Moraes, escritor dos mais elegantes de nossa língua, não lhe perdoou um "bacoreja-me", que lhe topou numa página de jornal... Assim lhe falou o doutíssimo presidente da Academia Amazonense de Letras, verdadeiro psicólogo do vernáculo, ao jeito de Coelho Netto: "Leda, êsse **bacoreja-me** é detestável! Jamais o empregaria nos meus escritos!"... O filólogo limitou-se a dizer-lhe: "Pericles, que queres? E' vernáculo, e isso me basta!"

O Brasil perdeu um dos seus filhos mais ilustres. E a língua portugueza, um dos seus melhores cultores na atualidade luso-brasileira. O culto do idioma foi a grande paixão de sua vida. Talvez haja dedicado mais amor à língua de Camões, do que à própria D. Augusta, que lhe foi esposa modelar e extremosa. Há, também, o reverso da medalha: se êle engrandeceu a língua, foi igualmente por ela engrandecido. E, já que lhe apliquei um texto do Livro da Sabedoria, poderei ainda aplicar-lhe estoutro, extraído do mesmo capítulo, em que o autor demonstra a glória que lhe deu a sabedoria, e nos lábios de João Leda será o testemunho da celebridade que lhe granjeou a nossa incomparável língua: "Graças a ela terei glória entre os povos, e aparecerei admirável na presença dos poderosos, e os príncipes manifestarão em seus semblantes a admiração que lhes causei". (Livro da Sabedoria, cop. VIII, vers. 10 e 11).

# Recordações de um vernaculista

*Oração proferida na sessão solene da  
Academia, em 31 de Março, pelo acadêmico  
Mendonça de Souza.*

Mais pela fidelidade do coração, que pela fôrça da inteligência, aqui nos encontramos para lembrar a figura inolvidável de João Leda. Para falarmos do extraordinário intelectual desaparecido, da sua obra de filólogo, do seu traço dominante de polemista, da sua mais alta capacidade de educador, havia mistér fossemos possuídos das mesmas tendências de atividade artística, precisamente, às que lhe grangearam tão notável quão justa e honrosa popularidade. Nossa tarefa é antes uma evocação. Desejávamos todos comungassem conosco, na conceituação de nossa imorredoura saudade e de nosso afetuoso respeito, a reviver a personalidade admirável do Mestre que se perdeu. Não precisamos recomendá-lo à consideração e estima dos vindouros. Entretanto, como sempre acontece com figuras representativas dêsse feitio, poucos são os que não lhe penetrando o íntimo, através da convivência imutável, conseguiram ver naquela sua maneira combativa, por vêzes autoritária, o homem repleto de profundas afeições, da mais concentrada sensibilidade, da mais fina adesão espiritual. Perdoai-nos se vos falamos assim de um dos maiores obreiros desta douta Academia, se não conseguimos refrear os sentimentos que nos emocionam. Por certo, neste Silogeu, ninguém mais profundamente ligado a êle do que nós. Êle foi o idealizador de, hoje, convivermos entre os eminentes confrades que tutelam cadeiras nesta casa de letrados. Se assim não fôsse, a oportunidade a nós oferecida pelos ilustrados membros deste augusto cenáculo, não seria de reconhecimento à profunda estima e soberana amizade que nos prendia ao grande morto.



Foi de apenas dez anos a nossa convivência. Foi breve; mas, inesquecível. Ainda parece que estamos a vê-lo, como se aqui estivesse dando-nos o prazer de sua palavra de batalhador incisivo, cintilante, claro, inconfundível, e da sua variada cultura literária. No silêncio de sua biblioteca, com aquêlê caráter de erudito profundo, sutil e equilibrado, muitas vêzes fomos encontrá-lo traçando na imaginação as idéias da Beleza capazes de ressurgir por si mesmas, tomar corpo serem assimiladas pela mocidade radiante, e se tornarem intensas, elásticas, dúcteis, no tempo e no espaço. Havia nêle um mundo de ideal, uma babilônia de fé inextinguível do homem que combate pela suprema universalização de nossa língua, de nossos costumes, de nossa civilização. A vida de João Leda, todos sabemos, resume-se em duas palavras: por uma fatalidade histórica, nasceu no Maranhão; mas, literariamente, aqui se projetou para o Brasil e para o mundo, e com êle tôda uma plêiade verdadeiramente brilhante de jornalistas, poetas e prosadores, que, alguns anos antes da guerra de 14-18, deixaram o nosso Amazonas para surgirem, noutras paragens, noutros países, triunfantes na arte e na vida. Ao seu lado, recebendo a sua leal amizade, imensa, indescritível, repleta de expansivas aleluias, vemos aparecer escritores do porte de Pericles Moraes, sem favor nenhum, estilista dos maiores de nossa Pátria, e conhecedor profundo do idioma de Racine. João Leda era, como geralmente se proclamava e reconhecia, o grande vernaculista do Amazonas. Deu-nos tôda a seiva da sua longa existência vivificante, do seu espírito, da sua conduta moral irrepreensível; levou com êle os entusiasmos febris da nossa mocidade, do nosso respeito, da nossa afeição nativa. Cremos, jamais se desesperou em frente ao mar de lama, ao demagogismo rasteiro e à politicalha vigarista, que conseguiram abalar os alicerces morais da Nação. Acreditava incessantemente, com fé inabalável, nas energias cívicas do seu povo e no destino grandioso das terras de Santa Cruz.

No lar, era João Leda um exemplo vivo de amor e dedicação a sua esposa, ao seu filho e a sua neta. Quarenta anos, os melhores da sua profícua existência, foram oferecidos, com todo o imenso carinho da sua alma e do seu coração, à extremosa consorte, senhora dona Albina Augusta Veiga Leda. Nos sete mêses sucessivos da doença pertinaz, que terminou em roubá-lo aos seus e do nosso convívio, lembramo-nos como se ôntem fôsse, constantemente, a sua voz elevava-se, por vêzes acompanhadas de palmas, chamando-a para junto de si. Seus grandes olhos voltavam-se frequentemente para ela,

em busca da esperança, do lenitivo, das palavras que tanto necessitava ouvir da sua boca: "Eu estou aqui, meu velhinho". Depois disso, falando ou gesticulando, êle nos deixava sentir a enorme vontade que tinha em sobreviver à molestia implacável, o grande anseio de viver mais alguns anos acalentando dentro do coração o amor de sua idolatrada esposa, de sua neta Augustinha. Esta, soberana princesinha da sua vida, era a menina para quem sonhava, de olhos abertos, tôdas as coisas boas da terra. Arthur, seu filho, presentemente residindo em Pernambuco, também não lhe saía do pensamento, já nos momentos derradeiros. Seu honrado genitor e sua santa mãe, ambos, há alguns anos desaparecidos, foram lembrados vêzes sem conta. Houve um instante em que o infatigável lutador, já no momento da agonia extrema, deu-nos a impressão exata de receber a bênção de seus pais. De sua irmã Cotinha e cutros parentes, vivendo noutros Estados, igualmente, não se esqueceu de nos solicitar que lhes enviássemos o seu adeus.

Porque predominassem em João Leda tôdas essas afeições e sentimentos, com a profunda gratidão enraizada nas entranhas da sua alma, nada mais devendo ou querendo esperar do seu dedicadíssimo amigo Olavo das Neves, a êle ofertou, para servir de guia à glória deste médico eminente, uma das jóias de raro fulgor de sua biblioteca. Referimo-nos ao Dicionário de Moraes. Glorificando, por um lado, a integridade profissional do clínico, reconhecia, por outro lado, as raras qualidades intelectivas do estudioso, do homem afeito às obras-de-arte e aos itinerários superiores da Medicina. O que o sábio artista de *Nossa Língua e seus Soberanos* tinha em alta dose era essa vibração do reconhecimento entre as virtudes mais estimáveis. Hoje, relembremos aqui, à noite em que o inesquecível amigo mergulhou na molestia fatal, a conversa mantida sôbre as perguntas do nobre professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito do Amazonas. É o mais interessante é que a nós, para o pouco dos nossos conhecimentos sôbre o Padre Antônio Vieira, só nos foi dado acompanhar os debates travados em redor do genial sacerdote, espírito eminentemente rico de idéias humanitárias e com o alto merecimento de haver pregado perante o Papa Clemente X, "junto a quem defendeu a causa dos judeus de Portugal *injusta, tirânica e barbaramente perseguidos pela inquisição*". Não sabemos dizer até que ponto chegara a ser colossal a discussão travada. Se Olavo das Neves não fôsse o temperamento integral de homem culto e amante das boas letras, que todos conhecemos e admiramos, talvez não ficasse na

tertúlia memorável com o brilhantismo por nós confirmado. Nos seus olhos, observamos que aquela noite jamais se tornaria indiferente ao seu pensamento. Não o vimos presente ao nosso último adeus a João Leda. E bem sabemos porque. Apesar de acostumado aos desfechos imprevistos da profissão, os sete meses consecutivos que passara à cabeceira do doente ilustre, tão grande mesmo até na maneira de lhe cativar o afeto, pelo fulgor da inteligência e pelo muito dispensado em prol do alevantamento cultural do nosso querido Amazonas, quebrantaram-lhe as enrijadas resistências para aquêlo ato final.

Como escritor, como amigo, João Leda tinha um sentimento superior da afeição, da lealdade e do cavalheirismo. Vejamos a carta enviada ao acadêmico Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, um dos valores positivos da nova geração de intelectuais da nossa terra, na qual êle nos diz bastante da amizade de quarenta anos, que o fizera devoto incondicional do saber e do real mérito estilístico de Pericles Moraes. Observemos ainda, nos ligeiros desentendimentos de pensar e sentir entre ambos, nas discussões travadas quando a dúvida, a atitude resultante, o motivo da desavença, alçavam para lhe arrancar instantes de fundas reflexões, que o seu grande coração nunca o sacrificava a um afastamento definitivo da presença e consideração do ilustrado ensaista de *Figuras & Sensações*. Tinha, como traço característico de homem íntegro, o dom divinatório de conservar velhas amizades. Havia nêle, é certo, uma qualidade bem pronunciada de lexicógrafo, que se completava tanto pelo lado da pureza idiomática como pela maneira singular do crítico sagaz, por vêzes irônico. Foi admirável como estudioso e divulgador do idioma luso-brasileiro, e notabilíssimo como homem de impecável projeção moral. E, mercê dos seus alevantados propósitos, do seu devotamento e da sua lealdade, com que rutilância e merecimento serviu a Deus, ao Brasil, aos parentes e amigos. Daí o espetáculo que nos oferecera, cultivando as excelsitudes da fé nos destinos da nossa nacionalidade, a confraternização de idéias e sentimentos, o espírito altaneiro, a sátira aguda, tôdas as conquistas ditosas, por vias impressionantes, difíceis, como prova irrecusável da sua mestria, da sua experiência e do seu poder de interpretação, da fôrça criadora de sua arte muitas vêzes consagrada na universalidade de um povo hospitaleiro, bravo, inteligente.

Afortunadamente, dentro deste trajeto intensivo, pôde ainda encontrar amigos da têmpera de Aristophano Antony. Acredi-

tamos, só por isto, o preexcelso autor de *Os Áureos Filões de Camilo*, já entrando num dos seus momentos de crise, foi capaz de reconhecer, num simples aperto de mão e num quase murmúrio, o ilustre confrade que tão superiormente dirige os destinos da Associação Amazonense de Imprensa. Todos ouvimos, do renomado garimpeiro dos juízos flamejantes, a célebre frase que se tornou imperecível para o correto Diretor do conceituado vespertino *A Tarde*: — “Como vais, meu caboclo?” Extinguiu-se o homem, o querido e torturado imortal das páginas de *Nossa Língua e seus Soberanos*, numa tarde em que a própria Natureza chorava, rodeado de todos os seus e dos amigos dedicados. A cabeça do glorioso triunfador repousava inerte, sem vida, sôbre o travesseiro. Aquela inteligência que por longos anos reviveu a glória de Camilo, Ruy, Vieira, e tantos outros insignes cultuadores da Civilização Luso-Brasileira. O grande e estimado amigo desapareceu, sem pronunciar sequer uma única palavra. Mas o espírito brilhante, que tracejou períodos admiráveis de filologia e nos ofereceu crônicas aureoladas de imenso valor cultural, jamais deixará de existir em nosso respeito e mais distinguida consideração. Nenhum grande artista desaparece da afeição dos seus admiradores, dos que lhe seguem a arte, pelo simples fato de não mais existir como nós outros. Só os tíbios, os recalçados, os profanos, os desatinados, os emproados, poderão supor não ser eterno o monumento literário de João Leda. Num país onde sempre maiores, mais aplaudidas, se tornam as obras artísticas de Camilo Castelo Branco, Ruy Barbosa e Pe. Antônio Vieira, a ninguém é dado duvidar seja o nome luminoso do autor de *A Quimera da Língua Brasileira*, para todo o sempre, o triunfo sereno da fôrça que se impõe.

Foi sempre dos hábitos de João Leda, conservando-o sempre afastado das fuxicadas despersonalizadoras, saber seleccionar os amigos e conservá-los. Neste propósito, tal como a existência dos rios, não se furtava de estimular, de querer bem, a todos quantos conquistassem a simpatia da sua confraternidade de alma e coração. Mas, este assombroso vocabulista, que, para ser immortalizado e ficar na memória de todos através da sua obra, prescinde em absoluto da nossa humilde palavra, teve a acompanhar-lhe à última morada, além dos seus ilustres pares de Academia, amigos e discípulos, verdadeira multidão de admiradores. O povo amazonense reconhecido à sua formação espiritual, ao valor documental dos seus estudos linguísticos, às proficientes qualidades de haver projetado, no Brasil e além-fronteiras, o alto merecimento neo-



lógico de Ruy, trazia-lhe naquêlo momento de lágrimas e desolação profundas, também, o seu adeus final, decisivo, eterno. João Leda foi o insuperável preletor da nossa adolescência. Aliás, para nós, êle jamais envelheceu, ou se mostrou superado, arcaico, nos seus artigos, nas suas crônicas, nos estudos que apresentara por devoção à arte e à língua vernácula. No seu testamento literário, idiomático, não encontramos, uma única vez, o artificialismo dos elogios preparados com as próprias mãos, como é hoje moda fazer-se nas rodas literárias e elegantes. Foi grande, colossal, fabuloso mesmo, sem se valer dos expedientes escusos, próprios dos cabotinos e dos homens rotulados de sapientes.

Raros, raríssimos os que se podem equilibrar numa linha uniforme de pensamento, a despeito do alto aprêço pronunciável com referência à proibidade ilustrativa. E aí está porque não precisamos de grande dialética para comprovar que João Leda, o puro e glorioso linguísta de *Os Áureos Filões de Camilo*, *A Quimera da Língua Brasileira*, *Vocabulário de Ruy Barbosa*, *Nossa Língua e seus Soberanos*, permanecerá sobreeminente na sua genialidade de pontífice da cultura luso-brasileira. Verdade é que, vivendo nesta longínqua região do Rio Mar, nesta Manaus de Eduardo Ribeiro, o seu nome ultrapassara as fronteiras do Território Nacional para revelar, no outro lado do Atlântico, alguma coisa a mais do nosso idioma e da nossa literatura. Não sondemos as causas da sua vitória grandiloquente sôbre Candido de Figueiredo; recordemos, nêste momento, apenas o valor real de dois maranhenses que muito fizeram por nossa terra. Eduardo Ribeiro, cognominado o Pensador, de uma aldeia fêz uma cidade: Manaus. João Leda, culto intérprete do vocabulário de Camilo e Ruy, foi dos primeiros e dos maiores a dignificar o nome do Amazonas no cenário mental de nossa Pátria. Auto-didáta. Um suntuoso pensador que se propagou emancipado nos amplos caminhos das investigações vocabulares, do ensaio, da crônica, da polêmica e dos magnificentes artigos de jornal. Exatamente por isso, um homem invulgar, uma figura respeitada, um Mestre, entre outros. Sem ser professor catedrático, sem possuir escolas onde pudesse lecionar ou transmitir os seus sobejados conhecimentos filológicos, influenciou gerações de estudiosos, de vernaculistas enredados em descobrir o mais belo sentido da palavra.

João Leda era formado na civilização do velho classicismo camiliano. Ainda há pouco vivia como devotado propagador das expressões vocabulares de Antônio Vieira e Ruy

Barbosa. Ele próprio confessava que era um esteta radicalmente cristianizado na linguagem dos clássicos. Jamais tomara outro caminho; nunca aceitara outra atualidade que não fôsse a dos legítimos sabedores da língua. Cinquenta anos de atividade fecunda deu-nos êle, através dos proficientes estudos que fizera, discorrendo sôbre transitividade vernácula e perífrases gerundiais. Não o caracterizava nenhuma atitude de reforma idiomática ou linguística, que não tivesse servido de modelo aos clássicos. Talvez por isso sempre estivera plenamente de acôrdo com estas palavras de Benedetto Croce: "Desejais fugir da baixa atualidade e ficar sempre atual? Refugiai-vos naquilo que jamais teve atualidade"! Nos domínios da gramática, da história, das obras de arte, há muito o que interpretar, nunca, porém, o que reformar, com pequenas variações de forma. Certos aspéctos da vida do insigne autor de *Nossa Língua e seus Soberanos*, causas primaciais das soberbas explanações glóticas que nos apresentara, só poderão ser desvendados no manuseio incessante de escritores da estirpe magistral de Gil Vicente, Frei Luiz de Sousa, Pe. Antônio Vieira, Manuel Bernardes, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco, José Maria Latino Coelho, Augusto Epifânio Dias, Leite de Vasconcelos, Antônio de Moraes Silva, João Francisco Lisboa, Rui Barbosa, João Ribeiro, Carlos de Laet, Ernesto Carneiro Ribeiro, Francisco de Castro, e muitos outros fâcilmente encontradiços nas suas acepções sintáticas.

O nosso heroísmo, já que estamos falando do grande João Leda, tem a sua razão de ser, para o pouco merecimento das nossas palavras, no fato de só nos ter sido dado contar com os nossos próprios recursos. No caso, embora êle nos houvesse honrado com a sua confiança, permitindo-nos rebuscar os seus arquivos, tão logo fechasse os olhos para sempre, não fizemos uso deste consentimento. Não porque nos julgássemos infalíveis, sem necessidade de compulsar os seus tesouros literários, para melhor dar cumprimento à delicada missão a nós confiada por esta douta assembléia de homens de letras. Mas apenas por considerarmos que êsse direito estava absolutamente reservado a Pericles Moraes, amigo de quatro décadas do querido morto, e escritor de amplos recursos em reproduzir com exatidão a vida de homens ilustres. Em uma Academia de literatos notáveis, aclamados, eruditos e sapientes, o elogio de João Leda não se podia resumir nesta nossa homenagem singela e descolorida. Nossa estima e devoção pelo requinte da sua sensibilidade, pela vastidão do seu saber,



por tudo quanto diz respeito ao aguerrido defensor de *Os Áureos Filões de Camilo*, é unânime, indiscutida. Mas nessas terras de Santa Cruz, é impossível existir alguém que, conhecendo-lhe a obra e o largo fôlego de hinólogo vieirense, não lhe admire a celebridade inquebrantável e sempre vitoriosa. Lexicólogos eminentes jamais evitarão de citar os seus livros. Críticos, escritores, estudantes, professores, igualmente, não deixarão de louvar, com profunda simpatia, as suas explicações semânticas. Todos sabemos que êle foi um esteta consagrado, um espírito soberanamente evoluído, milionário de idéias luminosas, para mais completamente ter servido ao Brasil com a sua pena. E, no entanto, durante o longo período da sua venerável vivência, só teve uma ambição: ser Mestre aclamado do idioma de José Maria Eça de Queiroz e Joaquim Maria Machado de Assis.

Em nossa Pátria, os arroubos nobilitantes do seu entusiasmo eram, de fato, reproduzidos no firme propósito de mostrar um conhecimento mais forte e confiante das suas reais qualidades de vernaculista. Possuía, a par da sua inteligência fulgurante, apenas quatro livros raros, verdadeiras obras-primas, confeccionados para lhe perpetuarem o nome na eternidade dos séculos. Otimismo? Exagêro? Apenas certeza de um Brasil imortal, de um Portugal eterno, da existência das cem milhões de pessoas que falam o grandioso e másculo idioma de Camões. E nós, bem sabemos, para felicidade nossa, João Leda jamais deixará de ser um oráculo cintilante e virtuoso de quantos desejem melhor compreender Camilo, Vieira, Gil Vicente e Ruy Barbosa. Foi preliando pelo divino realce do vernáculo que êle, mais exatamente, conseguiu adensar a fama da sua cultura transatlântica. Por isso, também devido a sua existência com duas partes distintas e opostas, lançou-se de alma e corpo para encarnar um propósito, fazer dêle a transmutação das coisas visíveis e palpáveis, e não apenas refleti-lo indiferentemente no cenário das letras nacionais. Tal o mérito das suas obras de arte. Seus estudos linguísticos são realçados por uma pesquisa movimentada e segura, de par com as solicitações dos professores e dicionaristas. Um dos seus grandes serviços ao País foi a construção paciente da sua monumental *A Quimera da Língua Brasileira*, a obra basilar que no gênero possuímos, para bem se ajuizar qual o verdadeiro merecimento dos nossos tão decantados brasilógrafos. É a exposição inexcedível, imparcial e triunfante, sôbre a nossa suposta autonomia linguística. Trabalho sistemático, complexo, único, que se consulta, se

aceita e se constitui, tanto pelo itinerário percorrido, como pelos documentos examinados, um precioso relicário de informações úteis.

Todavia, não esqueçamos de perguntar: qual o vernaculista que aqui surgiu, ao certo se fêz notável, com o brilho e a firmeza de João Leda? No seu íntimo, encontravamos um mundo tumultuoso de expressão verbal e de patriotismo indiscutível. Pelejador de sentimentos e idéias claras, que não excluía a combatividade conceptual e invectiva. Jamais deixava um leal contendor sem resposta. Era um homem culto e intencional na apresentação da sua defesa imediata. Fazia parte integrante da sua conduta persuasiva a réplica ilustrada, forte, clara, dominadora, sincera e gloriosa. Via-se nêlo o ardoroso articulista que se unia elegantemente à ironia. A sua atitude de combate era saber, de fato, que atingiria em cheio o mais aguerrido combatente; e que poderia encontrar a própria valorização dos seus recursos sintáticos, em face da liquidação total do adversário. Quanto maior era o combate em que se empenhava, tanto mais avultava a ação que o singularizava, acima de tudo, na sua pureza de vocabulista limpidamente admirável. Porque assim foi, de fato, até na estimativa das comparações, não lhe podemos negar o alto valor da obra resumida, mas edificante, soberana e imortal. Falta-lhe, porventura, um pouco mais de páginas ilustrativas e equivalentes, mas, sobeja-lhe a majestade olímpica, a proficiência, a serenidade, o equilíbrio. Naturalmente, nós o desejaríamos pródigo, fértil, incomensurável, na sua maneira de produzir obras de arte. Em compensação, os problemas, as dúvidas, a maior variedade de temas e de formas, de concepções exatas acêrca da autonomia, origem e evolução de nosso idioma, encontram nêlo um pesquisador sincero, que tem tanto de erudito quanto de filólogo consagrado nos países de língua portuguesa.

Através dos seus estudos modelares, de uma ilustração imensa e de um brilhantismo clássico, sente-se que êle foi essa consciência lógicamente compreensível respirando um ar de pura universalidade surpreendente. Pensando assim, apenas consideramos salientar a sua posição, venturosa na importância da sua dignidade intelectual, para sempre perpetuada no mais alto grau do idioma pátrio. E, contudo, embora, imperfeita esta nossa interpretação, nem fiel nem hábil, muito distanciada, em finura e leveza, da projeção alcançada pelo saudoso etimólogo, consignamos aqui, sem lágrimas nos olhos, nossas profundas e imorredouras saudades. Regis-

tamos, sim, no livro aberto da nossa recordação, o quanto êle foi realmente preclaro, na magistratura dos seus triunfos, pela excelência das imagens, pela suntuosidade das ações equilibradas, pelo entusiasmo de fé resplandecente nos destinos da Pátria. Era real e profundamente delicado na vitória do instinto sôbre a inteligência. Estilista impecável e vigoroso dos segrêdos da vida, soube, além disso, apresentar e compreender a sua geração e, sobretudo, erigir êsse monumento inapreciável que é *A Quimera da Língua Brasileira*. A palavra fácil e segura de João Leda, na sua irreduzível significação, ilustrava, não apenas pelo entusiasmo da beleza pura e a suntuosidade da linguagem acadêmica, mas, ainda sob uma configuração necessariamente ampla, integral, pela riqueza da sensibilidade invulgar. Estreme e harmonioso julgador das formas analítica e sintética, com a percepção direta e imediata de um profeta, não sabia guardar segrêdo sôbre a explicação de um fato, de uma representação concreta ou abstrata, de uma pequenina letra do alfabeto. Requentado artífice na vulgaridade dos conceitos, a cuja sombra deixou crescer a árvore seivosa do seu vocabulário, era, por sinal, uma voz poderosa dos conhecimentos científicos e humanísticos. Era um gigante do espírito latino. Era um artista pomposo face à sublime estabilidade do verbo e fascinação da idéia.

Foi na primeira metade do século XIX, que o seu conterrâneo João Francisco Lisboa julgou para Vieira a glória de maior representante da língua de Camões. Leda, quase uma centúria depois, endossava a opinião do venerabilíssimo clássico maranhense, numa conferência realizada no Teatro da Paz, em Belém do Pará, aos 31 de maio de 1927, sob o sugestivo título **DA PSICOLOGIA DO PADRE VIEIRA**, da qual transcrevemos para aqui o período seguinte: "Na formação daquele cérebro, onde os pensamentos se fraguavam em tumulto, mas apareciam cá fora ordenados, penteados, com todos os donaires e feitiços da forma, Deus, evidentemente, prodigou mimos em demasias; e Vieira compreendeu tão bem êsses caprichos divinos, que lidou por fazer da humanidade um plinto onde se alçassem as suas glórias de político, de diplomata, de estrategista, de financeiro, de consultor régio e de tribuno, — esta última magnificando as demais pelo fulgor do verbo, que forte se projetou contra as escurezas do século XVII, inundando-o de radiações solares". Aliás, o que logo nos encantou neste período faz honra à nossa maior ilustração sôbre figura tão respeitável. Resume-se, de fato, à certeza de sabermos que o vasto e dominador merecimento de Vieira

não era apenas o da ordem cristã do mundo, mas, de forma mais ampla e mais completa, o evidenciado no conjunto dos fenômenos resultantes do pensamento universal. Em mostrá-lo, nas páginas de *Nossa Língua e seus Soberanos*, João Leda sem sucumbir ante o avanço atilado do genial sacerdote, chega mesmo a confessar que "muito embora, no balanço geral das suas virtudes e desvirtudes estas sobrelevem àquelas, bastará o amor que o jesuita votou à língua portuguesa, o muito e muitíssimo que há ensinado a gerações sucessivas, para o absolvermos de tôdas as culpas e o colmarmos em nossa admiração".

Mas observemos que o prodigioso conferencista de *Nossa Língua e seus Soberanos* se apresentava, à consagração do povo paraense, com as mesmas armas usadas por Vieira, atraindo para si, para o seu talento ainda desconhecido, as atenções da própria intelectualidade brasileira. João Leda emergiu desta outrora Cidade Risonha para ser imortalizado na capital do Brasil, a encantadora Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. *A Quimera da Língua Brasileira* evidencia esta grande verdade. Neste trabalho, êle chega a ferir ou turvar a fulgurância de filólogos respeitáveis. Para recomendá-lo à consideração dos estudiosos de obras feitas, de professores e de alunos, basta que vejamos seu encontro com etimologistas da capacidade mental de Said Ali, João Ribeiro, Sá Nunes, Mário Barreto, e tantos outros. A estes, se os conhecimentos de João Leda não fossem positivos, se a tanto não o impelissem as suas convicções, mais do que um teste professoral, teria êle apresentado o ato final do seu destino grandioso. Entretanto, no intuito de evitar, ao julgamento de homens inteligentes, prejudicar a retidão, a pureza, o juízo, a sinceridade das suas palavras, afirmou-se com uma tão nobre importância, plenamente confirmada nesta sua opinião judicativa: "A sintaxe brasileira é igual à sintaxe portuguesa nos usos prepositivos que discutimos, e mais uma vez se verá que não passa de fantasia inconsistente a bradada diversidade de linguagem nos dois povos". E mais adiante, conclue, o íntegro manuseador de autos, "pode acontecer que o êrro milite do nosso lado neste cavaco apreciativo e que nossa visão caôlha veja escuro, onde os édipos vêem assaz claro. Como disse Camilo na *Bruxa*, "isto afinal são questões em que rinhem os sábios de topête suado".

Perante *A Quimera da Língua Brasileira* os filólogos fantasistas quedam sem palavras. Pode dizer-se mesmo, nesta produção artística, João Leda, na sua análise histórica e per-



cuciente, em face da asserção de outros pesquisadores, atinge a uma conduta tão exemplar e tão pessoal, que julgamos reconhecer-lhe uma revivescência helênica na imaginação iluminada e ciclópica, formidável e inconfundível, forte e confiante. Não será preciso ser-se linguista para se compreender a fervorosa sabedoria que o caracterizava. Estudo, seleção, clareza, esmêro, propriedade, harmonia, competência, formavam o círculo do seu vasto cabedal de conhecimentos. Na verdade, o que se chama transfusão oracional, linguagem sintática, estética semasiológica, nas páginas de *A Quimera da Língua Brasileira*, comprova realmente a finura interpretativa e exibição pública do seu autor. Igualmente, o melhor elogio que se lhe podíamos fazer, sem público, sem aplausos, era reconhecê-lo como dos maiores cultores do gramaticalismo de Camilo Castelo Branco. Mas isso incontestavelmente reconhecemos e provamos com essa magnífica polêmica, sob o título de o MAIOR CLÁSSICO, travada entre êle e o colossal Sá Nunes. Ninguém, todavia, mais dispostos que João Leda e Sá Nunes, para aquêle combate vigoroso realizado sôbre as fortalezas camilianas. Luta de peito aberto, de guerreiros filológicos, sem estratégia, sem bocas de lobos camufladas, sem cêrcas de arame, sem infiltração pelos flancos. Na expressão *perder a cabeça*, que Sá Nunes credita como imperdoável francelhice de Camilo Castelo Branco, coloca João Leda, ao seu dispor, na defesa do escritor português, o maior libelo gramatical jamais apreciado por nossos olhos. Numa autêntica demonstração de acatamento à liberdade de Camilo, Leda burila com a enorme aptidão da sua potência cerebral as maravilhosas pepitas da locução *perder a cabeça*. Como na tela de um cinema, vemos passar os nomes mais gloriosos da língua portuguesa: Carlos de Laet, Antônio Vieira, João de Barros, Aulete, Fr. Domingos Vieira, Carlos Goes, Castilho, todos produzindo conceitos jamais olvidados, e que representam, de fato, a absolvição triunfal do discutido autor do *Amor de Perdição*.

Temperamento aristocrático, João Leda não escondia a devoção, o sentimento profundamente elevado pela sua arte. Poucos escritores conseguiram dominar com sutileza e elegância todo o enorme privilégio de uma concepção, e se imortalizar realmente para a posteridade, como o apreciável criador da *A Ortografia de Ruy Barbosa*. Sua habilidade, diga-se de passagem, nêsse trabalho é inteiramente bela, perfeita, estética, meritória. O que êle escreve intima consultas de bibliotecas e dicionários. Ruy, diante das civilizações e dos

homens, é um beltrista que ri, peleja, chora, padece, odeia, e ama; desce às arenas da vida, do debate e do pensamento universal; saúda a Deus em tôdas as expressões convulsivas, sincopadas e inconfundíveis; tumultua a Natureza em tôdas as metáforas, anacolutos e elípses personalíssimas; diz mil coisas de confissões indiretas, de insegurança artística, de oração objetiva e subjetiva; arrebatada e comove, domina e é dominado é luminoso e sombrio. Mas, para o autor de *Nossa Língua e seus Soberanos*, Ruy Barbosa — estava acima de tudo isso — era o artista onímodo das Letras Brasileiras. E para a segurança dêsse triunfo, via-se que Leda, em todos os seus trabalhos, atropela e domina, despersonaliza e atrofia, o renome dos negadores do império ruiano. Tinha em reverenciosa aprovação o valor esfuziante daquêle que fôra o paladino dos direitos do homem, o apóstolo da imortalidade da língua, o extraordinário autor da *Réplica*, já definitivamente consagrado no feito memorável de *A Águia de Haia*. De fato, para bem compreendermos o traço inconfundível de Ruy Barbosa, nada melhor que lêr, sentir e amar, a interpretação judicativa, perpétua e brilhante, do imponente magistrado de *Nossa Língua e seus Soberanos*. Culto e delicado, João Leda empregava, quando examinava o gramaticalismo de Ruy Barbosa ou de Camilo Castelo Branco, o método de ajustar cada vocábulo à lógica exata, cada frase à perfeição da beleza estética. Cremos, por isso, que seu veemente desejo era o de ensinar, sempre instruir, convencer pela dignificação das letras e impor-se pela inteligência. Demonstrar, na pirâmide babélica do idioma, o verdadeiro significado da palavra: na frase, na oração, no período.

Realmente, agrilhado à universalidade desta língua meiga e apaixonada, andina e sugestiva, imperante e fidalga, Leda, o esteta altíloquo e primoroso, confraternizava com o enlêvo e a perfeição, com o produto do seu labor e o vernaculismo farto, com as altezas do pensamento e a nobreza de um caráter altivo. Cavalheiro, diplomata, fidalgo, em todos os embates que preliou pela sua mais justa e consagrada reputação. Lealdade sempre pronta a honrar uma amizade. Espírito inteiramente devotado a salientar os aspéctos mais belos da predicação, da filosofia e da história. Jamais temeu entrar na seara dos filólogos para lhes oferecer o seu saber, a sua lição clássica. Respeitado e admirado, unia em seus trabalhos a finura de um emocional à destreza de um cinzelador castiço dos períodos rugidores, salientava em suas produções a aptidão natural à sublimidade de um semeador desvelado das frases



luxuosas e cachoantes. Cultura foi a sagração do seu triunfo, do seu prestígio e da sua ensinação magistral. Cultura foi tudo quanto pôde dirigir a altiloquência da sua imunidade laureada. Cultura foi o que representou a originalidade dos seus conceitos, o brilho dos seus trabalhos e a distinção da sua individualidade. Cultura, sem dúvida nenhuma, foi o que lhe conferiu o pleno direito de dominar e universalizar a língua de Antônio Vieira e Ruy Barbosa.

Nêle remanesciam as influências superiores do seu individualismo exterior. Por desejo de execução formal, por vontade do seu ideal de magnificência e beleza, por satisfação de desenvolvimento intuitivo, levantou os alicerces dos seus fecundos anos de vida, com as pepitas e as gemas neológicas dos vultos mais relevantes das letras nacionais. Sua potente cerebração, apresentando numerosas e peregrinas facêtas, era um mundo de vasto e sólido saber. Essa a verdade, a grande verdade do homem que, pelo seu verbo elevado e enérgico, peleando na tribuna dos jornais, dos livros, das publicações periódicas, conseguira impor-se à admiração de todos nós. Reçumante de personalidade egrégia, no cenário mental da nossa Pátria, jamais lhe será negado privilégio, reverência, reconhecimento de genial polígrafo da frase pressurosa e bem lavrada. Talvez, porque, intrépido reciário de clava apavorante em multiplicados recontros, para justificado proveito da sua fama, para júbilo da sua alma, houvesse percorrido todos os diferentes caminhos de nossa língua e seus soberanos. Para sentir os fulgores da imortalidade, para viver com os triunfos de último guerreiro, perdido no coração deste longínquo Amazonas, não refugiou uma única vez aos campos de batalha. Procurou sempre, atacando de frente, levar ao Tabor da glória a bandeira consagrada das suas virtudes morais e intelectuais.

Só um verdadeiro artista, perlustrando seu infindo, monumental e fabuloso acervo, pela fôrça imponderável da inteligência, pelo inartificioso poder de interpretação, é capaz de sentir, em tôda a sua espectacular apoteose, a glorificação de João Leda. Valha-nos, pois, a lembrança indelével do venerável lidador da nossa raça. Aliás, nossa presença aqui, na tribuna deste sodalício, não foi para assegurar-lhe o prestígio professoral dos recursos sintáticos, das singularizações estéticas, plenas, fortes, de adjetivações e adverbiasções. Essa virtude, tão peculiar aos gênios, não assinala nenhum merecimento ao nosso humilde caminhar pelos amplos itinerários das letras. Aconselhamos, entretanto, pela leitura dos jornais

e hábitos de ouvir dizer, a todos os estudiosos do idioma de Camilo e Ruy Barbosa a percorrerem com a vista e máxima atenção *A Quimera da Língua Brasileira*. Trinta anos de pesquisas ininterruptas para a confecção desta obra basilar de nossa filologia. Em nossa desprezenciosa avaliação, é o maior tributo do inolvidável polígrafo apresentado a quantos desejem conhecer a real evidência da origem e evolução do idioma nacional. Assim pensamos, e acreditamos, por outro lado, pelo seu significativo mérito preeminente e inimitável, pela sua exuberante vocação analítica e judicativa, pela sua expressiva personalidade estética e emotiva, pela sua nobilitante experiência viva e variada, pelo seu ilustrado espírito criador, fino e fidalgo, que, se nossa língua e seus soberanos tinha, de fato, um Soberano, João Leda era êsse Soberano, era este Rei.

Mário Ypiranga Monteiro, figura aclamada do nosso folclore e da nossa história, que nesta Academia tem como patrono a Rio Branco, ainda recentemente, através de uma palestra rememorativa, disse-nos da imensa satisfação de guardar em sua biblioteca uma relíquia preciosa, um dicionário anotado por João Leda. E para logo, não se esqueceu, exibindo aos nossos olhos a jóia valiosa, em nos fazer sentir a admiração e o respeito que sempre dispensara ao paciente e magnífico beneditino do nosso idioma. Era de observá-lo como, recompondo debates travados entre ambos, nos fazia acreditar que, ainda pela natureza especial dos seus estudos, não podia deixar de reconhecer e louvar a elevada estirpe intelectual de João Leda. Ficamos satisfeitos disso tudo saber. Os moços, também, souberam estimar o acatado homem de letras. Ao longo de uma carreira palmeada de cintilantes e fecundas vitórias, em face da tormenta, o notável autor do *Vocabulário de Ruy Barbosa*, jamais deixou de apoiar-se numa conduta de confraternização sem mácula. É que, êle mesmo, reconhecia ser um passageiro transitivo deste mundo; deste globo terrestre, cada vez mais sem o sentimento do *amai-vos uns aos outros*, que as guerras imperialistas, a vil politiquice e o rasteiro demagogismo fazem inquieto, irreverente, para avaliar a grande missão que nêle devem representar o futuro das crianças, da juventude e dos novos escritores. Que alegria para nós, para os seus amigos e admiradores, sabermos que João Leda viveu entre a poligrafia e a sanção vernácula, entre o sentimento de fraternidade e a conquista do ideal de perfeição! Foi um predestinado até no instante do seu adeus final. Em 25 de fevereiro deste ano, êle nos distinguiu, oferecendonos *Os Áureos Filões de Camilo*, com esta dedicatória ímpar

e inesquecível à nossa alma e coração: "Ao último e mais querido dos meus amigos João Mendonça de Souza, com um abraço de João Leda".

Foi-se João Leda neste melancólico e chuvoso 1.º de março de 55. Partiu para a Eternidade. Perda dolorosa para este País, onde os homens de ideal, que desprezam posições eletivas e cargos bem remunerados, por desejo de amor à liberdade, ao direito e à justiça, são raros. Um dia virá em que no Amazonas, agora mundialmente celebrado pelo surgimento do Petróleo de Nova Olinda, no Rio Madeira, o gramaticalismo lediano não mais sairá do caudal de expressões da nova geração de estetas da língua fulgente. Legislador do noveleiro de Seide, o extinto polímato, majestoso condor dos mais lustrosos brasões do classicismo, era, pelos louvores gerais, "um vulcão a vomitar lavas sem trégua". Foi sempre, no fuzilar das estremes dições vernáculas, nos labores dos tropos aurifulgentes, nas rútilas sinonímias ruianas, diligente minerador, estilista inconfundível, venerabilíssimo sumo-pon-tífice da veridicidade dos textos clássicos e magistrals.

Venerando lidador de sólido saber e legítima nomeada, com a nobreza de um caráter fiel aos seus compromissos, não tinha outro ideal, ainda se acreditando cronista primoroso, escritor de um estilo ático, escorreito, arquipotente, inconfundível e inimitável, senão o de ensinar e corrigir os detratores da excelsa cerebração de Ruy, Camilo e Antônio Vieira. Mas se ainda quizessemos dizer alguma coisa sobre a personalidade do saudoso e temível libelista, para justificar "os louros mais virentes de sua corôa de glórias", nada mais justo que exaltá-lo e compreendê-lo nestas suas palavras finais: "Eis aí o resultado da faina, que raramente abriu tréguas ao repouso. Dar-nos-emos por pagos de tudo, se forem escutadas as lições e seguidos os exemplos de quem amou e defendeu a nossa língua com zelos de fanático, até a hora de o intimar a morte a entregar as armas e render-se". O homem desapareceu numa tarde tristonha e chuvosa, por singular capricho do destino, no mesmo dia em que, há 22 anos decorridos, falecia no Rio aquêlo que fôra o seu Mestre preferido — o insigne Ruy Barbosa. João Leda morreu, mas, correndo a velas desfraldadas, no oceano imenso das palavras, a sua obra literária, filológica e artística, continuará a singradura da sua imortalidade.

# Um perfil de João Leda

**ORAÇÃO** proferida pelo acadêmico  
Mithridates Corrêa, na sessão solene da  
Academia, em 31 de Março.

Senhores Acadêmicos

Quiz o irreverente destino, por inconsutil nos seus desígnios, que um pássaro travesso, depois de atormentados e torturantes remígio na luta pela vida, e que, às imposições de Péricles Moraes, pousara, um dia, num dos cubizados galhos do Contencioso Fiscal, que êsse mesmo pássaro irrequieto, criado pela ironia matizada de malevolência em que se requintara o nosso companheiro João Leda, pousasse agora nesta tribuna para entoar-lhe, em nome dos que lhe pranteiam o eterno silêncio, as sentidas modulações da sua grande saudade.

E êsse pássaro não será, sem dúvida, aquela ave agoureira do impressionante e movimentado poema de Edgard Allan Poe, a modular, na densa escuridão da noite, como intérprete de máus presságios, o seu alucinante "never more". Não será ainda, pelos imperativos da minha formação espiritual, o celebrizado melro de Guerra Junqueiro, em madrigalescos e joviais gorgeios, para a irritabilidade de um cura de aldeia, saudando as manhãs de sol primavera entre os apendoados de ouro dos trigais. Quando muito, sem o disfarce do mais leve ressentimento, mas, de bom grado, aceitando o malicioso debique como homenagem, muito sincera, a quem cedo se deixou envolver pelo estonteante fascínio da terra imatura, nesta hora amargurada para nós da Academia, tôda ela sob o crepe de profunda tristeza, tôda ela envolta num sudário, ora posso assemelhar-me à melancólica araponga do cair das tardes brasileiras, lamentando, em monocórdios gemidos, a ausên-



cia do que, entre nós, foi o insuperado mestre da língua portuguesa.

De qualquer maneira, justificada ou não a semelhança, vale a simplória imagem como demonstração insuspeita do meu pesar, eu que lhe ouvi dos lábios, nos últimos instantes de lucidez, no arremate dos seus prolongados sofrimentos, a afirmação do seu reconhecimento numa frase prosaica, aflorada entre um desfigurado sorriso, no momento em que dele me despedia:

— Mithridates, você é um camaradão!

À essa altura dos acontecimentos estava êle plenamente convencido do fim. De nada mais adiantaria a continuação da desesperada luta entre a ciência e o seu valedudinário organismo, sôbre o qual a enfermidade que o prostrara parecia tripudiar. Da luz dos seus olhos, até então ávidos de vida, expungira-se o brilho da esperança. Era o desfêcho.

Não sei, meus senhores, de quem pudesse ser mais reconhecido um ao outro. Se êle a mim, pelas atenções que lhe dispensei, quando mais íntima se tornou a nossa amizade, se eu a êle, em razão das suas lisonjeiras referências, ao receber-me nesta Academia.

Confesso-vos, porém, que não apenas o dever de solidariedade humana servira ao meu interêsse pelo seu estado de saúde. Persuadidos do inevitável, em João Leda, todos viamos extinguir-se, lenta e dolorosamente, um denodado caçador de pérolas. O idioma pátrio fôra, para êle, um oceano de horizontes largos e de pélagos insondáveis, à crista de cujas ondas, serenas ou revoltas, o seu espírito se arrojava com a intrepidez e a coragem indômita dos argonautas, em ânsias de conquistas, buscando a linguagem perfeita. Em João Leda, a exemplo do árdego espadachim do século XIX, perdíamos o preliador de maior destreza nos embates linguísticos, aquele que dava uma das suas costelas por esgrimir o adversário imprevidente que intentasse empanar a heráldica flor-de-liz do seu brasão.

Sôbre êsse pendor de sua vida, assinalado por alguns incidentes dignos de nota, quando a tivermos de rememorar ressaltando-lhe os alto-relêvos, onde e quando se fez admirado, reconhecendo-se-lhe a rija têmpera de polemista e o estalão da sua cultura, sobram-nos exemplares de vários periódicos, se não mais contássemos com o testemunho dos seus contemporâneos.

A imprensa que conceituara como a matriz dos inte-

lectuais da terra constituiria-se o seu maior campo de ação, transformada em arena aos arremessos da sua crítica contundente e demolidora. Imprensa transfigurada em ídolo de suas melhores oferendas, por cujas oblações e ardor de seu culto logrou a sua reputação como filólogo, consagrada, mais tarde, com a "Quimera da Língua Brasileira", "Nossa Língua e seus Soberanos", "Os Áureos Filões de Camilo" e o "Vocabulário de Rui Barbosa". Desde que elegera esta terra como sua, que os bons ou máus fados o fizeram emigrar, tangido pelos mesmos sonhos que embalaram a imaginação febricitante dos ádvenas que aqui ficaram para sempre, ela exerceria sôbre êle domínio quase absoluto, porque esmerado na teia dos epigramas mordazes, da ironia transparente ou velada, mas sempre causticante, destro no achincalhe pelo ridículo ou pelo escárneo, nela foi que se abroquelou para desferir os mais rudes golpes contra os que investiam ou tentavam escalar as ameias do castelo de que se tornara senhor feudal e guardião indormido, na defesa dos imarcessíveis tesouros do nosso idioma.

\* \* \*

Até aqui, neste rápido esboço de traços imprecisos, sem méritos biográficos, enredei no meu juízo o crítico e o filólogo. Crítico e filólogo que, em muitas ocasiões, deparávamos confundidos no primoroso indumento do panfletário impiedoso ou do mestre-escola sanhudo, para quem a falta de um acento ortográfico importava numa inqualificável heresia; que não tinha contemplações e nem atenuantes para os violadores contumazes dos cânones gramaticais; que era implacável e nunca transigia com a solércia e a fatuidade dos rabiscadores medíocres. Do primeiro, em todos os seus pronunciamentos, desde logo, entre a pompa de uma linguagem cuidadosamente ornada com o sâinete da sutileza vocabular, no trato de um estilo aristocrático, entrevia-se a ponta acúlea do estilete, rebrilhando no efeito de um adjetivo ou mal dissimulada no sentido de um verbo, quando o veneno não porejava, em fluxo, da cisura aberta pelo epigrama ferino ou da martirizante ironia. Da maior soma dos elogios prodigalizados usurariamente, raros traziam o contraste do metal puro, precioso, inestimável, porque importava sempre em ouropéis, pacientemente filigranados, com a perícia de um artezão, mas sempre ouropéis, de brilho efêmero e de efeito momentâneo, sem o valor intrínseco das joias verdadeiras.



Crítico à feição do seu temperamento, sem trair as características da sua formação e nem alterar os moldes a que submetia o seu pensamento, não podemos, a rigor, tê-lo na conta dos que se especializaram em preferido assunto, de vez que, não raro, surgiam comentários seus sôbre política administrativa e econômica, sôbre fatos sociais os mais diversos, quando não se entretinha nas agitadas e sensacionais polêmicas em que punha em ação o acervo da sua cultura e exhibia os seus popularizados dotes de epigramatista impenitente.

Não era de sua índole exalçar os merecimentos de quem quer que fôsse ou do que lhe caísse em mãos, sem o propósito deliberado do analista ou do preceptor a quem nada escapa e que nada perdôa, que não se separa do viscerótomo, nem do lapis vermelho no incontido afã de apontar e corrigir defeitos.

Veio daí o contraste por êle mesmo formulado, confrontando-se com o crítico de "Coelho Neto e sua Obra" em carta que deveria endereçar ao talentoso Pe. Raimundo Nonato Pinheiro, carta esta encontrada no meio de seus trabalhos, depois da sua morte.

Entre um e outro a antítese é gritante, no estilo, no gênero e na forma de pensar. Tão diversificados quanto dispares foram as suas predileções literárias e divergentes as trajetórias de suas vidas. Enquanto Pericles Moraes, com a insatisfação dos grandes e verdadeiros artistas, devassando os estádios de cultura de todos os povos, esmerava-se na policromia de suas obras, dando-lhes um sentido de helênica beleza; enquanto o escritor de "Figuras e Sensações" explorava apenas o lado bom dos homens de seu tempo, sublimando-se na harmonia e no ritmo preponderantes em tôdas as suas produções; enquanto o admirado presidente dêste sodalício, alheio às restrições formuladas aos transbordamentos da sua generosidade, continuaria sendo o que sempre foi, o crítico literário por excelência; o nosso saudoso João Leda, sob a perplexidade dos arrebatamentos da sua paixão vernacular, acorrentado à volúpia que lhe propiciavam os encantamentos da "Última flôr do Lácio", circunscrevêra tôda a sua longa existência nesse indefesso culto, para, aureolado com a soberania que deferira a outros filólogos, conquistar o prêmio maior de sua vida com a confortadora glória de haver sido também um dos grandes mestres da nossa língua.

Não nos legasse os quatro livros sôbre a matéria que absorvera a totalidade dos recursos da sua inteligência, não nos tivesse dado prova pública da sua autoridade como senhor de uma cultura invulgar nos domínios da filologia, e seu nome, êsse nome que hoje pronunciamos reverentemente, que para nós está inscrito, como preciosa legenda, nos anais desta Academia, como Adriano Jorge, Heliodoro Balbi, Araujo Filho, João Huascar de Figueiredo, e outros que iluminaram esta casa com projeções meteóricas, ficaria apenas lembrado, em sentimentais reminiscências, pelos que lhe testemunharam o esplendor.

Crítico ou filólogo, entretanto, sua vida teria sido por certo mais fecunda e de maior nomeada se outro o seu temperamento; vida que se mostraria rica de paisagens encantadoras e de episódios mais coloridos se aproveitadas as reservas da sua capacidade creadora em outras searas da inteligência; vida plenamente vivida se êle, João Leda, não a tivesse posto em holocausto de uma apagada burocracia.

Digo bem de uma inexpressiva e apagada burocracia, porque foi em redigir mensagens, pareceres e discursos para os empavonados licurgos de fancaria do parlamento estadual, que desperdiçou o melhor das suas energias, que consumiu o vigor da sua robustez mental. Ninguém supunha que aquele cidadão de passos tardos, parecendo não ter pressa de viver e que vivera, de fato, lentamente, doasse do seu sangue aos definhados aleijões da nossa democracia, alimentando-os na sua vaidade improdutiva, sem outra compensação que a de vê-los brilhando com o enxoval da sua linguagem peregrina.

Mas, João Leda, senhores, assim procedera por não nutrir outras ambições senão as que o recomendariam entre as figuras mais respeitadas pelo conhecimento do nosso idioma. Tão só esta preocupação lhe definiria a personalidade literária, facilitando o galardão que o consagrou à memória de quantos jornadassem pelos mesmos rumos, seguindo as diretrizes do seu evangelho, guiados pela poeira luminosa do seu espírito.

\* \* \* \*

Os livros que nos deixou, ainda que poucos para tão longa vida, representam valiosos legados, sobretudo "Nossa Língua e seus Soberanos". Nas suas páginas defrontamo-

nos com o mestre na pujança da sua cultura, na majestade do seu talento, na pureza do seu estilo, com a sua soberba contribuição, a mais impressionante, com que enriquecera o patrimônio das nossas letras. Ali a visão completa do filólogo que êle fôra, ensinando-nos a amar essa prodigiosa língua que para gravar em nossos corações a imagem de uma pessoa que nos foi querida, com a sonoridade de uma prece, tem esta palavra: SAUDADE.



# Cultura Amazônica

(Ensaio de interpretação)

*DJALMA BATISTA*

## I

Sabemos que é temerário, mas não concebemos outra maneira de encarar os assuntos regionais senão englobadamente. Para nós a divisão política da Amazônia, em Estados e Territórios, gerando rivalidades e isolacionismos absurdos e estéreis, é um preconceito que devemos combater e abolir: temos a continuidade geográfica, temos a identidade étnica, temos o mesmo tipo de economia; temos provavelmente o mesmo padrão de cultura, no Amazonas, no Pará, no Acre, no Guaporé, no Rio Branco ou no Amapá, com as variações que a história (principalmente a cronologia), a demografia e a situação material impõem.

Por que não considerar, portanto, a Amazônia como um todo, acabando de uma vez para sempre essa pendência inglória de uma desprezível ilha das Cotias?

Embora nosso conhecimento maior seja apenas do Amazonas, procuraremos generalizar os raciocínios a tôda a planície, na certeza de que estaremos sempre muito próximos da verdade.

A formação da cultura na Amazônia tem estado intimamente ligada à colonização e à economia.

O primeiro esforço de disciplinar as atividades regionais, devemos aos missionários, que intentaram o aldeamento dos gentios e sua incorporação à civilização do tipo europeu; e aos reinóis, que se fixaram nestas paragens, em busca de aventura ou no desempenho de funções administrativas. A rebeldia dos indígenas, a rarefação populacional, a extensão imensa da terra, a luta contra os invasores nas suas iterativas sortidas, o desenvolvimento econômico precário — tudo isso

contribuiu para que nada ou quase nada resultasse em favor da cultura, nesses primeiros tempos, sobretudo porque pretenderam os brancos fazer que os pele-tostadas ascendessem, de um salto, do totemismo ao monoteísmo, da barbárie ao cristianismo, do nomadismo à atividade sedentária, da colheita aleatória dos bens da terra e da água à agricultura sistemática. O fato, tal qual aconteceu nos longes de 1600 a 1700, se repete hoje, historicamente, no pouco rendimento cultural do trabalho da catequese.

Naquela altura, a drástica medida pombalina da expulsão dos Jesuitas, quebrando pela raiz o discutível processo civilizador das "reduções", constituiu certo golpe a subverter a nossa marcha espiritual e material. Porque, bom ou mau, o trabalho missionário já era um trabalho.

Dissemos que pouco resultou dos labores missionários e civilizadores do lusitano, sem perdermos de vista a nobre afirmação de cultura indígena, que foi a rebelião de Ajuricaba, tornado em símbolo da fibra indômita do caboclo amazônico.

Há outro marco isolado, na história de nossa evolução, que traduz um estádio cultural assinalável: é a Cabanagem. Indagamos hoje, curiosos: foi a Cabanagem um simples movimento nativista, reflexo dos levantes gloriosos das tribos da Mundurucânia? ou assimilação de ideais avançados de reivindicações sociais, visando a uma organização que honra, e muito, a cultura dos precursores e cabeças da luta, desde o Cônego Batista Campos, até o famoso Angelim, e se estendendo ao mais humilde caboclo do Baixo Amazonas?

Só mesmo o surto da borracha, atraindo massas humanas para o deserto da Hiléia Brasileira, permitiu, sob bases econômicas favoráveis, a criação de uma sociedade em que a cultura, na sua extensa gama de valores, pôde tomar corpo e ser aferida pelos padrões comuns.

No século passado, efetivamente, modorrou a Amazônia. Euclides reproduziu o testemunho insuspeito de um bispo, D. Frei João de São José, em relação à população: "lascívia, bebedice e furto..." No mais, contam mesmo, positivamente, as incursões dos cientistas que nos visitaram, e que constituem uma série notável, cujas obras são fonte de informação obrigatória, para quem desejar conhecer as primeiras decifrações dos problemas hinterlandinos. Os sinais de sua passagem não se refletiram entretanto sobre a sociedade nascente: deixaram livros, muitas vezes escritos e publicados na Eu-



ropa, — livros que o povo não leu, porque não estava capacitado a tanto, e para os quais ainda olhou com desconfiança.

É certo que o clima de cultura no Pará, uma grande província, só em 1850 desmembrada, com a autonomia política do Amazonas, cêdo se começou a criar e a consolidar, bastando lembrar o relêvo que alcançaram, no cenário nacional, duas de suas figuras marcantes: José Veríssimo, educador, sociólogo e crítico literário, e Inglês de Sousa, jurista e romancista da fase e da zona cacaulista.

Quanto ao Amazonas, porém, não há dúvida que assiste razão a Mário Ypiranga ao afirmar: "Só chegamos a um climax intelectual, depois que a borracha com os seus paroxismos elásticos e os seus cataclismos econômicos, carregou para o Amazonas uma leva de imigrantes do pensamento, paladinos do verso, cavaleiros andantes da prosa".

Foi realmente a importação de homens de inteligência, possibilitada pelo dinheiro, que permitiu os esplendores dos fins do século passado e princípios do atual. Vieram êles no meio de ambiciosos e de falsos valores, alguns até máus elementos, como aquêle desventurado Alexandre Haag, autor do assassinio por que Maurilo Torres pagou, com a liberdade, a fortuna, a honra e a própria vida. (Êste caso é famoso, porque todo baseado em prova indicial, e não deve ser esquecido pelos que lidam com a criminologia).

Não queremos fazer aos intelectuais e artistas que vieram para a Amazônia (e aqui se inclúem não sòmente os que se detiveram em Belém, como os que avançaram até Manaus e aos outros centros menores da hinterlândia) a grave injustiça de julgá-los atraídos tão sòmente pelo ouro: quando muito, buscavam êles, entre sonhos fantásticos e ilíadas helênicas, novos Jasões dos novos tempos, o velocino misterioso... Manaus e Belém se viram povoados dos melhores artistas da época, professores abalizados, jornalistas de alta estirpe, advogados que mereceram justificada fama, médicos e humanistas de grande cabedal, profissionais de tôda sorte e de rara capacidade.

Os sertanejos trouxeram o arrôjo e a ambição que propiciaram a riqueza. Graças a êles também foi possível que se escrevesse aquela página gloriosa para o desbravamento do Oeste, que foi a penetração e a conquista do Purús e do Juruá, de que resultou o domínio brasileiro no Acre — epopéia de larga repercussão sôbre a própria política do continente sul-americano, que veio de ser revivida no livro ex-

traordinário de Claudio Araújo Lima, glorificando a história de Plácido de Castro — “um caudilho contra o imperialismo”.

Evidentemente houve uma súbita transformação no processo cultural da Amazônia: a miscigenação se apressou, entre o caboclo — descendente do índio com o branco — e o mestiço imigrado, saído do *melting-pot* nordestino, entre o branco, o negro, o mulato, o índio, o zambo-cafuz e o curiboca; o mono-extratativismo matou a agricultura incipiente, dos cafeicultores, dos cacaulistas e dos outros lavradores; o alcool entrou em larga dose e as doenças chegaram com a civilização (o impaludismo, muito provavelmente com o navio a vapor; a febre amarela, a tuberculose, a sífilis, e as demais venéreas, tudo veio no vórtice do progresso); os burgos do interior transformaram-se em centros de aventuras políticas e comerciais; os jornais das capitais surgiram brilhantes e noticiosos, traduzindo o cérebro de seus redatores, no tempo em que não havia boletins de agências, nem copyrights, que simplificam a tarimba dos homens da imprensa... Houve conferências, festas literárias e polêmicas famosas. Carlos Gomes veio morrer em Belém, para onde Antonio Lemos arrebanhou uma luzida centúria de figuras exponenciais; lá também chegaram Carlos Dias Fernandes, Emilio Goeldi, Celso Vieira, Eliseu Cesar, Paul le Cointe, Pe. Dubois e quantos mais. Ao Amazonas vieram ter Alberto Rangel, Manoel de Bethencourt, Jacques Huber, o Maestro Joaquim Franco, Julio Nogueira, Adriano Jorge, Araújo Filho, João Barreto de Menezes, Achilles Bevilacqua, Ribeiro da Cunha, Sá Peixoto, Hermenegildo de Campos, Plácido Serrano, Vicente Reis, Wolferstan Thomas, João Leda, Alfredo da Matta, Galdino Ramos, Adolfo Ducke e tanta gente!

Tudo isto, por fôrça, influiu sôbre os filhos da terra e sôbre os filhos de outras terras que aqui se fizeram intelectualmente, sob a emulação do brilho incontestável dos advenas, — atingindo muitos o alto nível mental a que chegara o meio.

Vale indagar: quais os móveis dêsse borbulhar intelectual e artístico?

Creemos poder resumi-los em três 1) a atração exercida sôbre os homens de pensamento que demandaram a planície, pelo mundo novo que se descerrava, sob uma aureola de lenda e de fascínio, com possibilidades de inexplorados domínios para a inteligência; 2) a exigência de cabeças para enfrentarem os problemas amazônicos, antes apenas aflorados,

e então tornados vivos, palpitantes, sentidos, na éra nascida com o surto gomífero; 3) o desenvolvimento das duas metrópoles amazônicas, que se tornaram, dentro do Brasil de então, autênticos chamarizes, pelas condições de vida fáceis e pelo adiantamento urbanístico que deu às capitais do Amazonas e do Pará um cunho de beleza e de conforto de que hoje, com saudade e melancolia, ainda nos vangloriamos: ninguém ignora que as cidades são logares por excelência em que o espírito se alarga e a inteligência floresce.

Cogitemos agora, dentro do conceito antropológico de cultura, por nós adotado: que sentido teve essa ebulição mental? Quais os seus reflexos sobre o desenvolvimento cultural da região? As respostas não podem ser muito otimistas...

O sentido da ebulição foi desconexo e até certo ponto anárquico, em especial no Amazonas. No Pará, é preciso ressalvamos, verificou-se, em consequência de fatores históricos que não podem ser olvidados, um princípio animador de cristalização da cultura, resistente ao tempo e ao desmoroamento da riqueza fácil do extrativismo. Restou, porém, a tôda Amazônia, da época do fastígio, um certo quê de novorico, ou de aristocrata arruinado, que nos leva a exhibicionismos e exteriorizações muito além das reais possibilidades do meio: Gabriel Hermes Filho referiu-se, por exemplo, em uma de suas agudas reportagens, quando da viagem da Comissão Parlamentar de Valorização da Amazônia, em 1947, a certo banquete, oferecido em Rio Branco, Acre, com baixela de prata, porcelanas finíssimas, cristais não sei de onde

Restaram certas heranças que nos envaidecem, mas tradutoras do tumulto das mentalidades de 50/60 anos atrás, tais como os Teatros Amazonas e da Paz, as avenidas de Manaus e de Belém, etc. Restaram lembranças de orgias nababescas, de tertúlias memoráveis, de torneios de elegância que que fizeram furor... Em compensação, também restaram alguns dos livros mais importantes a respeito da Amazônia, marcando o tempo e glorificando os seus autores: "Le Pays des Amazonas", do Barão de Santana Nery, o "Inferno Verde", de Alberto Rangel, "Pelo Solimões", de Quintino Cunha, "Rimas", de Anibal Teófilo, e outros, vários outros.

Que a repercussão daquêlê alvorecer promissor de um ciclo de cultura não correspondeu totalmente à expectativa, temos nêstes pontos que referiremos esquemáticamente:

1) Quanto à economia, não permitiu a arrancada com que principiámos o século a superação da fase predatória: con-

tinuámos e continuamos extrativistas. Mal chegámos à pre-industrialização da borracha, com a simples lavagem do produto bruto. Mantemos presentemente uma economia artificial, sob a tutela do govêrno, obrigando os líderes da produção, dos Estados e Territórios, a uma, duas e mais viagens anuais ao Rio de Janeiro, a reclamarem, de chapéu na mão, à beira da falência, o pagamento das safras. Em outras palavras: não principiámos sequer a construir uma economia no sentido capitalista.

2) Do ponto de vista alimentar, é verdade que saímos, até certo ponto, da condição de importadores exclusivos de enlatados, e com isto ficou resolvida a terrível questão médica do beri-beri. Mas continuamos a receber quase tudo, inclusivè arroz, feijão, farinha, açúcar e outros produtos que sabidamente têm em nossas terras o melhor local para serem conseguidos. Nêste assunto, aliás, há nefandos crimes por expiar: um dêles é o da exterminação quase completa dos quelônios, mercê da imprevidência e da glotoneria da população, que tem nêles o seu grande e louvado acepipe, — consumindo-lhes os exemplares adultos, os pequeninos e até os ovos! No que se refere à agricultura, mal produzimos gêneros perecíveis para abastecimento das capitais, poucos, caros e sem seleção das boas espécies. Só com a imigração japonesa pudemos introduzir uma cultura em larga escala, que é a da juta, assim mesmo "cultura de párias" (a expressão creio que é de Moacyr Paixão), exigindo esforço sobrehumano do plantador, que na hora H não encontra mercado, como aconteceu em safra passada que teve de ser vendida por qualquer preço, com vantagem, aliás, para alguns. . .

3) Comercialmente, ainda predominam os sistemas antiquados: o aviador (que é o negociante atacadista das capitais, especializado em abastecer o interior) fia para o seringalista, e êste para o seringueiro. O pagamento se faz do último ao patrão em gêneros; apenas o seringalista já não entrega todos os produtos ao aviador, para que os transfira ao exportador (quando não é, êle mesmo, o exportador), porque, quanto à borracha, o malsinado Banco de Crédito da Amazônia quebrou um dos élos da cadeia. . . Isto é, o comércio em geral ainda não é comércio: é puro escambo — troca de mercadorias por gêneros — tal qual sempre fizeram os chamados civilizados com os índios, há séculos.

4) Quanto à política administrativa também demonstramos ter assimilado pouco ou nada a lição da cultura: nossas eleições, como de resto no Brasil inteiro, quase sempre se fazem através de escolhas sentimentais ou — o que é muito pior! — por força de cambalachos deprimentes. Quantas leis, realmente, já se fizeram na Amazônia, visando ao bem, ao verdadeiro, ao sagrado, ao inconspicável bem público? Longe de nós, todavia, qualquer contato com essa senhora política, que não é nem a “respeitável prostituta” de Sartre...

5) E as condições de vida do povo, em geral, têm progredido? E' certo que a febre amarela foi erradicada e que a malária bate em retirada diante das basucas do DDT. Mas, em compensação, a falta de higiene geral campeia, mesmo nas capitais, onde a água canalizada e tratada é escassa, inclusive (é uma esperança a renovação dos Serviços de Água de Manaus e de Belém!); a mortalidade infantil é terrível, a tuberculose tem incidência muito forte; as verminoses em certas localidades alcançam índices vizinhos de 100%; as residências ainda não se constroem, mesmo as melhores e mais confortáveis, segundo as exigências climáticas, com modelos, divisões e materiais de construção que se coadunem com o calor e as invernadas. De referência às barracas... nem é bom falar! Sem dúvida tudo isto decorre da incultura coletiva!

6) Intelectualmente... Tentaremos a seguir um quadro da atualidade amazônica.



## UM HISTORIADOR DIFERENTE

**Aristophano Antony**

Não faz muito tempo, quando escrevi sôbre A POLÍTICA DE PORTUGAL NO VALE AMAZÔNICO, do senhor Arthur Cezar Ferreira Reis, disse que os historiadores são estudiosos pacientes. De feito, perquirindo, amiúde, nos arquivos e nas bibliotecas, tudo quanto diz respeito ao passado, êles nos oferecem depois, para o esclarecimento, principalmente, das gerações esquecidas e descuidadas, o que ignorávamos ou já havíamos olvidado. Na sua função rebuscadora, os historiadores, acrescentava eu, são como os escafandristas de mares revoltos, que vão buscar, no fundo de cada um dêles, os mistérios e as coisas ignoradas, para o conhecimento dos que, longe de imaginá-las, com elas se maravilham porque têm, na sua expressão característica, o cunho da antiguidade e o valor das relíquias esquecidas. Perdidos no torvelinho dos alfarrábios, num verdadeiro maremoto de papeis às vezes seculares, vivem momentos intermináveis a consultar e a descobrir fatos e datas, confrontando uns e examinando outras, para a conclusão definitiva de um julgamento certo. São os historiadores, por isso mesmo, espíritos pouco apressados, em contraste com as exigências materialistas da hora presente, que quase exige vertiginosidade e malabarismos de inteligência, para assegurar a manutenção mais a mais difícil da existência coletiva. Parece que se não apercebem êles, desde que mergulhados na profusão dos in-folios empoeirados por muitas décadas de abandono, do correr dos minutos, que se transformam em horas, e das horas, que se transformam em dias. Para êles, o que importa, o que interessa não são os momentos gastos nas pesquisas, não são os dias consumidos nas observações, mas a descoberta de fatos esquecidos, de ocorrências envoltas nas brumas de um passado remoto. Habitua-se à lida espiritual dos livros antigos e de documentos que falam de épocas longínquas e é à cla-

ridade que êles irradiam, que fundem os seus conhecimentos e fortalecem suas opiniões. E, dêsse trabalho, que requer serenidade extrema, se projetam as verdades históricas, devassando-se as obscuridades e desvendando-se o verdadeiro sentido da criação dos povos. Essa, em suma, a tarefa dos pesquisadores. Para o autor de *AS FRONTEIRAS DO BRASIL NO REGIME COLONIAL*, o sr. Macedo Soares, "a história é uma ciência social e política; é um dos mais valiosos instrumentos dos govêrnos; é o repositório de sua existência e a base de sua sabedoria". Não pensava aliás, controversamente, o manuseador emérito dos velhos textos, que nos legou o *DESCOBRIMENTO DO BRASIL*. Para Capistrano de Abreu, que dissipava tôdas as suas horas aspirando o pó que se desprendia dos anais que remontam à nossa época de colônia, chegava a ser um regalo espiritual o tempo que gastava para conseguir uma obscura minúcia esclarecedora, isto porque, no íntimo, nada obstante o seu indiferentismo pela glória literária, sabia do grande serviço que reservava à sua pátria. Igualmente assim pensavam Varnhagem, Rocha Pombo, Taunay, João Ribeiro e tantos outros que, perdidos no redemoinho das cogitações históricas aprouveram restaurar a côr, dando vida e colorido às letras mortas.

\* \* \* \*

O que se faz mistér, entretanto, para um histroiadador, é, primordialmente, — já acentuei, certa vez, esta circunstância —, aquilo que Turgueneff, num epigrama injusto, dizia faltar a Taine: — o faro da verdade. Para quantos se comprazem em analisar, com agudeza, todos os domínios da história, até sua base amalgamada, os documentos devem ser revistos e tateados, fazendo-se de todos êles conferência minuciosa, para um julgamento final. Das obras estudadas e das anotações feitas, surgem os subsídios importantes e a aferição decisiva dos fastos universais. É dentro dêsses princípios e é inspirado nêsses conceitos que trabalha o sr. Carlos Pontes. O seu primeiro livro sôbre a personalidade insígne de Tavares Bastos, logo o situou, fazendo-se-lhe justiça, entre os nossos mais credenciados analistas literários. A vida e a obra do publicista brasileiro êle a examinou com acuidade, nada escapando do autor das *CARTAS DO SOLITÁRIO*, de *O VALE DO AMAZONAS* e da *CARTA POLÍTICA AO CONSELHEIRO SARAIVA*. O homem de cultura ressurgiu perfeito nas páginas magníficas do seu biógrafo,

que também examinou o filósofo, o crítico, o patriota, à justa medida, sem lhe escapar ao julgamento o menor detalhe esclarecedor. Agora é em MOTIVOS E APROXIMAÇÕES que reaparece Carlos Pontes, onde o pesquisador da nossa história política esplende nos ensaios, todos interessantíssimos, que enfeixou nêsse livro que é lido com o maior agrado, pela multiplicidade dos assuntos que encerra. Diz bem o escritor Hermes Lima, prefaciando-lhe o trabalho, que cada estudo seu "oferece a contribuição de uma interpretação, ou a contribuição documental de um fato na tarefa de revelar e esclarecer episódios, de retificar opiniões, de projetar luz sôbre pontos obscuros ou controvertidos de nosso passado". É o que se verifica, positivamente, lendo-se o publicista alagoano. A mim, quer me parecer que Carlos Pontes, amando a verdade, confêre, confronta, examina e, interpretando com inteligência os pontos confusos de nossa vida política, dêles extrái conclusões novas e imprevistas, para nos oferecer afirmativas positivas, escudadas na veracidade das afirmações de velhos manuscritos e de antigas publicações, em tudo descobrindo o desconhecido e o incontestável que o correr dos anos haviam feito desbotar. E nisto não fica, de vez que, interessado na verdade, vai encontrar nos arquivos desprezados e nas bibliotecas que frequenta com assiduidade, e onde passa horas intermináveis, velhos forais, antigos documentos já devastados pelas traças, jornais desbotados pelos decênios, em todos êles mergulha os olhos e, atento sempre às realidades passadas, vai recolhendo o que considera indispensável à reconstituição real do que pretende escrever para a elucidação da posteridade. Trabalho de paciência e de dedicação, não se pode negar, mas profundamente honesto e útil na sua finalidade, que jamais será apreciável sem o aprumo da inteligência. E não existe, vale confessar, em Carlos Pontes, o desgracioso do estilo, a não sugerir simpatias. Trata-se de um escritor cuidadoso na forma, que ama o vernáculo e o cultivado com extremos de carinho.

\* \* \*

É ainda em Hermes Lima que encontrámos êste conceito: — "Carlos Pontes domina a nossa história política como poucos. Ao saber das coisas gerais, das correntes de opinião, das linhas mestras do seu desenvolvimento, junta-se nêle o conhecimento dos episódios, peça a peça, a posse das minúcias que ambientam os caracteres e os

sucessos". E tudo isto o faz, devemos convir, cuidadoso e precavido. Se, com referência ao estilo, se mostra um discípulo bem amado de Leconte de Lisle, que aconselhava a escôlha escrupulosa do vocabulário, "dando à idéia sempre a melhor vestimenta", não foge àquela mania, que até parecia mórbida, de Capistrano de Abreu, que, se não possuía, como o acusaram tantas vezes, a preocupação de escrever sem bôrra na ponta da pena, não lhe faltava nunca, esta é a verdade insofismável, o critério insuperável de ater-se sempre à verdade dos fatos históricos, não os desvirtuando nunca. Não se poderá, portanto, com referência a Carlos Pontes, dizer que êle é um claudicante em matéria vernacular, para dêle concluir que "a frase não é, nêle, a matéria trabalhada e polida, de que a plaina e a lixa tiram tôdas as asperezas. É' o tronco selvagem, desbastado a machado, mas que guarda, ainda, em vez do verniz estranho, o cheiro da resina silvestre". Esse conceito sôbre o autor do *DESCOBRIMENTO DO BRASIL* não se ajusta, absolutamente, ao historiador-ensaista de *MOTIVOS E APROXIMAÇÕES*. Desmente, aliás, Carlos Pontes, quer no seu primeiro volume, quer no segundo, êste desairoso conceito de Agripino Grieco, contido na sua *EVOLUÇÃO DA PROSA BRASILEIRA*, no tocante aos que, dedicados às perquirições históricas, delas se não afastam e se tornam, por isso mesmo, "espíritos austéros que só se dão bem à sombra dos Institutos Históricos e Geográficos". Não é isto o que se verifica no escritor patricio, que, de par com a sua honestidade no recolher informes para os seus trabalhos, se não enclausura sempre nos vetustos casarões sombrios, mas se dedica, ininterruptamente, ao jornalismo, em que pontifica com a sua cintilante inteligência. Mas, fazendo ensaios históricos, Carlos Pontes dentro de um critério que devemos louvar, servindo-se da "documentação inerte dos arquivos", a todos nos satisfaz com as suas páginas que refletem, uma a uma, simplicidade, poder descritivo, julgamento honesto e reflexão amadurecida. É' o prefaciador do seu volume quem diz de Carlos Pontes, depois de bem aquilatar dos seus méritos: — "Nessa obra de precisão crítica e interpretativa, move-se Carlos Pontes com o equilíbrio que lhe advém do conhecimento das matérias versadas, e nunca lhe falta simpatia humana para julgar e discernir sem asperezas e reivindicações, que soem fazer da história um tribunal perturbado pelas próprias paixões dos con-



temporâneas". E', realmente, o que se depreende da leitura de MOTIVOS E APROXIMAÇÕES, para concluir, sem qualquer dificuldade mental, que no livro que analisámos, há o valor didático e há o estímulo moral, que se consorciaram de maneira admirável, constituindo lições de sabedoria, tanto mais valiosas porque tratam de homens nossos e de coisas nossas, intrinsecamente brasileiras.

\* \* \*

A respeito de MOTIVOS E APROXIMAÇÕES escreveu, há poucos dias, o ensaísta Mozart Monteiro, eminente pensador patricio, palavras a qualquer título judiciosas. Acha êle que o escritor alagoano fez História episódica, fez História narrativa, fez História erudita, e, por conseguinte, fez História objetiva, em que os fatos, afirma êle, "se situam no tempo e no espaço". Embora as ligeiras restrições feitas à obra, a esta não nega, em absoluto, qualidades excelentes que a classificam entre as melhores que, no gênero, já se publicaram em nosso país. Não penso de maneira diversa e de pleno acôrdo estou com o exegeta referido, quando diz que, nos escritos examinados, não há um só que não desperte interêsse, quer pela natureza do assunto, quer pela pesquisa histórica, pela honestidade, enfim, das observações. E cita, por exemplo, o estudo em que Carlos Pontes assinala alguns lapsos de Euclides da Cunha, os seus "cochilos", talvez, ao escrever sôbre o período que se compreende entre o crepuscular do Império e o dealbar da República, para o que se valeu "demasiadamente", de UM ESTADISTA DO IMPÉRIO, esquecendo-se de mencionar a origem, que era Joaquim Nabuco, sem se aperceber que os anais do parlamento eram a melhor fonte para os seus necessários esclarecimentos, ou mesmo os jornais da época, que podiam, perfeitamente, elucidá-lo das ocorrências havidas. Além disso, mostra outros enganos do plasmador consagrado de Á MARGEM DA HISTÓRIA, a quem não deixa de render, entretanto, o tributo da sua profunda admiração. Mas, não devemos nos restringir a êsse estudo, evidentemente dos mais preciosos do livro. Outros existem, de muita pólpa, a nos despertar atenção. E' mesmo difícil seleccioná-los, por constituírem, na sua maioria, recoltas magnificas do espírito de Carlos Pontes. Mas, não nos furtámos à exigência espiritual de, pela ordem, fazer menção especial à "Viagem da fragata Andromède", que em Janeiro de 1837, entrou no porto do Rio,



conduzindo um estranho passageiro que, quinze anos depois, com o nome de Napoleão III, era proclamado Imperador dos Francêses. "Imagens e Conceitos de Maximiliano", retrata episódios reais daquele que, quatro anos depois, se lançava a uma sinistra aventura, no México. "O drama do Conselheiro" é obra subsidiária, das mais notáveis, à epopéia de Canudos. "O mapa da linha verde" diz respeito à conquista do Acre e à ratificação da vitória brasileira pelo Tratado de Petrópolis. Drama pungente é o da "Escrava Joana" e os "Horrores da Escravidão" nos deixam compungidos. "Tavares Bastos e o Uruguai" é um estudo de sociologia política, que mostra a atuação singular do nosso patrício na missão ao Prata. Páginas impressionantes estão em "Os irmãos Moraes". E há, sôbre um incidente parlamentar entre Ruy Barbosa e José Bonifácio, o moço, no que tange à eloquência tribunícia, reminiscência amável. "Nabuco e a República", "A senatória de Saldanha Maranhão", "Um discurso de Luiz Delfino", "O Punhal de Navarro", "Anedota Eleitoral", "Um debate sensacional" entre Gomes de Souza e Joaquim Nabuco e "A última sessão do velho Senado" são páginas memoráveis e verdadeiramente inesquecíveis.

\* \* \*

A mim, particularmente, MOTIVOS E APROXIMAÇÕES agradaram plenamente. Carlos Pontes não é apenas um historiador diferente dos que, nêsse gênero literário, entediam e aborrecem. Êle agrada pelo estilo sempre fluente e pela originalidade dos assuntos escolhidos. E, não se fazendo enfadonho, com êle caminhámos, da primeira à última página, fruindo as belezas do seu espírito e as originalidades do seu talento criador. Eu devia estas palavras a Carlos Pontes, a quem não conheço, pessoalmente. Mandou-me êle, entretanto, um exemplar do seu livro, com palavras de admiração, e é para retribuir a sua cortezia, que resolvi, tendo em vista o conceito latino **ab alio expectes alteri quod feceris**, manifestar-me a respeito da sua obra, para louvá-lo, como merece, e para enaltecê-la, do íntimo do coração.

## UM PRÍNCIPE DO PARADOXO: Oscar Wilde

MOACYR G. ROSAS

"A mediocridade sempre detesta a inteligência e abomina o gênio". WILDE

Por que não se extingue a indignidade da face da terra? A sua existência tão viçosa será apenas para convencer-nos de que a dignidade é o maior galardão das virtudes humanas? Se não fôsem, na verdade, tão poucos os homens de caráter vertical, o **Purgatório** e o **Inferno** de Dante não estariam tão lotados de vís criaturas. O caráter não é privilégio de nenhuma casta social. Nas elites intelectuais sómente de, longe em longe, surgem elementos capazes de serem genuínos tipos de nobreza. Poucos povos podem ostentar com orgulho um caráter admirável como o espartano e o irlandês. E, para cúmulo do contraste, é de um filho da Irlanda que vou tratar. Chama-se Oscar Fingall O'Flahertie Wilde, bóde expiatório da fria e calculada vingança do revoltante puritanismo britânico. Preliminarmente, devo salientar que comungo da opinião de Vivaldi W. Moreira: "Aquêles que sofreram por um ideal qualquer, seja político, artístico ou religioso, merecem sempre um olhar de simpatia. Ainda que o vício lhes corôe a carcassa enquanto vivos, depois da morte devemos orar a êles de mãos postas, porque são êstes os heróis de Carlyle".

É tarefa quasi impossível contornar a ofuscante obra de Wilde, sem entrosá-la na sua vida, de vez que, como alguém já observou, a série de escritos wildeanos compõe a sua curiosa autobiografia. Além disso, é ainda Wilde quem diz: "o homem deixa de ser interessante, quando não fala nêle próprio". Assim sendo, para focalizar-lhe a obra, não se pode prescindir de sua vida espetacular e dramática.

Ainda bem que ela tem alguma utilidade à juventude, servindo de advertência acêrca do perigo a que estão expostos aquêles que se devotam exclusivamente à beleza, quando sabemos que a beleza é a moral. A arte é o meio e a beleza o fim. Mas se o homem se torna um sacerdote da arte sem possuir um código moral permitido pela confraria humana em que vive, êle é um elemento anárquico e pernicioso, que precisa ser expurgado. Não foi mais do que isso o que sucedeu ao plasmador de "O retrato de Dorian Gray". A miséria que lhe sacrificou a vida magnífica, não lhe causou nenhuma surpresa absolutamente. Sendo um gênio Wilde, previu, com rara intuição, que o caminho preferido o levaria à desgraça. "Os funestos equívocos da vida não devem ser atribuídos à falta da razão. Os momentos de irracionalidade podem chegar a ser nossos mais belos momentos".

Se o elegante de Hyde Park quiz parodiar Byron, foi logrado redondamente, embora os aspectos sociais da era vitoriana oferecessem elementos para uma dedução de que o mundo estava assistindo uma decisiva renovação no clássico espírito da velha Albion. O reinado converteu-se em império, os soldados britânicos lutam em várias frentes; nas assembléias, nos salões, na imprensa e no púlpito discute-se política, ciência e religião. A biologia, governada por Darwin, contunde um dos princípios basilares da teologia, quando afirma que o homem provém do primata, depois de incontáveis transformações.

Ora pois, num país onde todos discutiam, o irlandês laureado em Oxford não podia, é claro, deixar de tomar uma atitude, na qual se percebesse que o aluno do **Trinity College**, de Dublin, já era um "humanista completo e fulgurante". Primeiramente, rebela-se contra os cânones oficiais da estética e, depois, fazendo vista grossa ao prestígio da burguesia, dardeja-a na conduta e na moral. Tôda a sorte de epigramas êle arremessava à fria e convencional sociedade londrina, através de seus apólogos, contos, fábulas, romances, comédias e versos. Esta classe de gente açulada é mais feroz do que uma alcatéia de lôbos famintos. Mas a arrogância do cinzelador de "Salomé" o dispunha a enfrentar quaisquer aludes que rolassem em sua direção. "Um artista, conceitua Wilde, é inútil dizer, não se incomoda por tudo quanto se diga dêle ou se possa fazer-lhe. O verdadeiro artista crê sempre, de modo absoluto,

em si mesmo, porque êle é próprio do modo absoluto". Mais tarde, referindo-se ao tempo em que assim preceituava, declara: "Os deuses autorgaram-me quase todos os dons, mas deixei-me seduzir; concedi-me largos períodos de repouso insensato e sensual. Diverti-me em fazer de tolo, de peralvilho, de homem da moda. Rodeei-me de pequeninos caracteres e de espíritos sórdidos; prodigalizei o meu gênio, senti uma esquisita alegria em arruinar, em envelhecer prematuramente uma eterna juventude". Quando Wilde escreveu esta confissão já se parecia com um daqueles cristãos primitivos, que sacrificavam tudo em benefício do próximo.

Não ofendeu aquêles que muito contribuíram para o eclipse do seu gênio na sociedade da severa Londres. Tanto não os ofendeu como nem os culpou. Mas também não mais quiz aquêles crápulas em sua companhia. Sempre os elementos sórdidos são prejudiciais à vida e à obra dos artistas. "Os únicos em cuja companhia me agradaria conviver agora são os artistas e aquêles que sofreram. Os que sabem da beleza e os que sabem da dor". Assim êle disse na famosa epístola depositada no "British Museum", da qual o seu amigo Ross extraiu alguns trechos e os publicou sob o título: **De Profundis**. O original da maravilhosa peça só poderá vir a lume em 1960.

Em sua juventude, embora tivesse deixado em **Trinity College**, a reputação de ser o melhor **causeur**, não levou para Oxford uma orientação religiosa ou moral capaz de esteiar a sua conduta na vida. Tinha uma natureza profundamente sensual, detestava a pobreza, considerava a piedade e o arrependimento como fraqueza humana. É uma incógnita que ainda não pude interpretar. Frederico Nietzsche em seu "O Anti-Cristo", onde acredita que "a nossa época tem orgulho do seu senso histórico", concita: — Peçam os fracos e os falidos: primeiro princípio do nosso amor ao homem. É até preciso ajudá-los a desaparecer". E o grande filósofo, que não soube honrar a religião de seus pais, nos últimos anos de vida, dominado por uma loucura incurável, foi assistido piedosamente pelos que lhe cercavam. Enquanto Wilde, nos dias gloriosos de sua irrequieta juventude, comungando dos prazeres que lhe dava a aurilavrada prosa do clássico Walter Pater e a sabedoria renascentina de Ruskin, desquitava-se de qualquer sentimento humano que porventura ainda em estado latente houvesse

em seu espírito. Ruskin, com sua estética contemplativa, impressionou-o tanto que mais tarde se referia ao mestre desse modo: "Um homem maravilhoso e um maravilhosíssimo escritor. Uma espécie de esquisita flor romântica, qual violeta que saturasse o ar do perfume da crença. Ruskin sempre se me afigurou o Platão da Inglaterra; um profeta do Bem, da Verdade e da Beleza, que vislumbrou, como fez Platão, nas três virtudes uma e mesma flor perfeita. Entretanto, o que nêle me seduzia não era sua piedade, mas sua prosa. Seu amor aos desamparados da sorte aborrecia-me". E se houve escritores que atravessassem tôdas as gamas da natureza humana, poucos poderão se nivelar a Wilde. Embora Lord Alfredo Douglas o tivesse chamado de covarde por índole, êle não deixou, em muitas situações difíceis, de provar que possuía sangue frio. Só em proceder lealmente com sua consciência, confessando a sua negativa virtude de impiedoso, Wilde estava demonstrando heroísmo; e mais, em muitos passos de sua vida, foi de uma afabilidade quase maternal.

Não conheço escritor inglês, depois de Byron, que tivesse logrado tão imensa popularidade entre os leitores e no mundo das letras como Wilde. Quando passou a viver em Paris, entrou na amizade dos homens de letras mais eminentes de sua época. Dentre os nomes daquêles com quem se revelou afinidade espiritual, pode destacar-se os nomes de Vitor Hugo, Verlaine, Baudelaire, Paul Bourget, Daudet, Régnier, Edmond de Goncourt, Frank Harris, Maeterlinck, Robert Ross, Reginaldo Turner, Robert Sherard, André Gide, Bernard Shaw e Gomes Carrillo. A amizade dos escritores tem algo de secreta prevenção como a das mulheres bonitas. Mas êste fator comum, parece, não existia entre Wilde e as grandes figuras da inteligência daquela época. Dentre os nomes verdadeiramente ilustres, faz-se exceção a Octave Mirbeau, que injustamente lhe fez restrições. Gostou Wilde tanto do idioma gaulês que o aprendeu a manejar quase que fluentemente. Só na pronúncia havia um sotaque arrastado de insulano irlandês. Naquêle meio requintado, escreveu o emocionante drama "Salomé", o qual foi dedicado a Pierre Louys. O manuscrito foi entregue a três amigos, êste último, Adolpho Retler e Stuart Merrill, para retirarem algumas esquirolas de linguagem. A revisão tipográfica ficou aos cuidados de Marcel Schwab. Deleita-se com a prosa de Balzac, ao qual atribui



a encarnação do gênio latino. E' também neste meio espiritualizado que escreve o poema "Casa da Rameira" e conclui a tragédia em versos brancos "Duquêsa de Padua".

Sempre quando visitava Paris, antes de sua passagem pelo cárcere, havia nos salões uma ciumenta disputa em consequência do privilégio da sua presença que todos a desejavam egoisticamente. Era alí que o príncipe da intelectualidade inglesa ostentava a sua hierática figura. Tanto na obra como nas suas atitudes ressurgem o parisiense **honoris causa**, quer no seu trajar, quer na sua aversão ao **humour** inglês. Preferia, observou um crítico, Voltaire a Swift. Tôda sua existência é cheia de intelectualismo. E' inútil arrumar as palavras se não há um bom pensamento, mas as palavras de Wilde eram engastadas em ouro. O grande conversador tinha nos lábios o fogo sagrado da palavra convincente e comovedora. De uma frase, de um assunto vulgar, de qualquer coisa êle tirava um efeito inédito e impressionante. Era bem o máximo da ofuscante arte da lantejola. "Se há aventura em chamá-lo de gênio, escreve alguém que percebeu a sua subtilíssima obra, não nos cabe efetivamente essa culpa. A culpa está em seu espírito de elfo que ainda perambula por tôdas as páginas de sua obra. Pelos inimigos que suscitou calculamos realmente o seu valor".

Wilde deu à linguagem inglêsa, o mesmo que Eça de Queiroz ao idioma português — maleabilidade. E mais ainda do que Eça, a sua sintaxe não feria o gênio da língua. "Se sua forma era clássica pela pureza, isso não quer dizer que êle não tivesse rasgado novos horizontes à prosa inglêsa, tornando-a mais dúctil e sinuosa, plástica em tôda sua impecabilidade, conseguindo exprimir todos os matizes do pensamento e da idéia". Êle estava convencido de que êste dote era um dom celestial. "Os Deuses entornaram sôbre mim a taça dos seus dons. Despertei a imaginação do meu século de forma a crear em tôrno de mim um mito e uma lenda; resumí todos os sistemas numa frase, e tôda a existência num epigrama. Estive em relação simbólica com a Arte e a Cultura de minha época. Poucos até hoje gozaram duma situação igual à minha". Em certo passo da famosa carta que constitui o **De Profundis**, dirigida ao seu funesto amigo Lord Douglas, confessando a dôr que sentira ao receber a notícia da morte de sua própria mãe, assim escreve: "Sua morte foi terrível para mim. No entanto eu, que em

tempos fui príncipe do idioma, não tenho palavras para exprimir a minha angústia e a minha vergonha”.

Defendendo ou justificando Napoleão de se ter apoderado dos trabalhos dos seus colaboradores, ou melhor, de ter a história denominado todos os grandes feitos de sua época com o adjetivo napoleônico, conta Emerson que Mirabeau, portador de uma personalidade incomum “sentia que as coisas que a sua presença inspirava, pertenciam-lhe tanto como se êle mesmo as tivesse dito e que o fato de as adotar lhes imprimia o seu carater”. Se o pensador estadunidense quisesse prolongar mais o seu argumento, poderia citar Shakspeare, por se ter apoderado de todos os assuntos que serviram de linha medular ao seu teatro imortal. E também apontar Goethe, que se utilizou de uma história, que além de ser lenda popular, foi matéria tratada por dezenas de autores. Refiro-me ao “Fausto”. Isto vem com o propósito de salientar o quanto era exorbitante a personalidade do autor de “Uma mulher sem importância”. De qualquer assunto, mesmo banal, o príncipe da prosa inglesa sabia, ao jeito dos faquires, transmudá-lo com efeitos surpreendentes. Certa vêz, em Londres, no atelier do famoso pintor americano Whistler, cujos notáveis trabalhos eram distinguidos nas exposições da Academia Real de Londres, o crítico de arte do **Times**, Mr. Humply, querendo exhibir a sua pretensa autoridade, de dedo em riste, aponta uma tela e afirma:

— Êste quadro é de primeira, um pedaço delicioso do céu. Mas aquele, é francamente detestável, de um debuxo esquivo... Numa palavra: mau! E Whistler, que teve como Ruskin, Pater e Matthey tanta ascendência sôbre Wilde, retrucou calmamente:

— Meu amigo, você não deve dizer que tal quadro é bom ou mau. Palavra de honra! Bom ou mau não são termos de que você deva usar. Diga antes: êste agrada-me, aquele, não; e com isso você estaria em seu direito. E agora venha a um trago, pois disso, pelo menos, estou certo que você gostará!...

— Bravo! exclamou entusiasmado Wilde. Apetecia-me haver pronunciado tais frases.

— Oh! não te aflijas, murmurou Whistler, algum dia o dirás à queima roupa, com ares de superioridade.

A despeito dêste fato, a singular reputação de conversador genial, que fora o comediógrafo de “O leque de Lady

Windermere", não esmaece diante da prova concludente que se pode tirar de todos os seus escritos. Não obstante já se ter dito que êle apenas pusera o talento nas suas obras, o gênio espalhará-o na conversação. As suas **Intentions** são nuvens de ouro bailando num diálogo doutrinário de estética, onde o seu esteticismo peca como doutrina por fugir à verdade no que diz respeito à lógica e à observação. Neste livro, mais do que em qualquer outro,, a sua verve inexaurível ostenta-se de um modo tão absoluto que depois de tantos séculos de literatura, afora a de "As mil e uma noites", não se encontra outra obra em que esse dom a sobrepuje. Mesmo em "Retrato de Dorian Gray", romance do gênero fantástico de "Peau de Chagrin" do colossal Balzac, é o palestrador que mais se impõe. As sutilezas, os paradoxos, enfim, a roupagem estilística é que salva o livro. Pois é o que se conclui da opinião de Gaspar Simões, quando opina que o livro "se desagrega como romance, se pulveriza como observação, se superficializa como tese." Despido de qualquer pretensão, esta assertiva pode perfeitamente sofrer algum reparo. Sem dúvida o insigne crítico português não estava bem informado, pela psicanálise, da linha medular do romance. Se tivermos de fazer alguma censura a Wilde, que se faça ao folk-lore sueco. Pois qualquer arremetida à sua arte não deixa de ser malograda aventura quixotesca. Quanto a parte científica, só um militante na especialidade de Freud, pode arbitrar. E é justamente a um dos mais ilustres discípulos do mestre vienense que dirijo o leitor. E' êle Otto Rank, em "A Dupla Personalidade". Foi ainda êsse romance célebre que arrancou esta observação de João do Rio, estampada em sua **Nota** à tradução do mesmo. "Para traduzir Wilde, é preciso ver que a sua obra é como mosaico das basílicas antigas, como as tapeçarias de Aracio, como as rendas, como os tecidos, imagens que se justapõem e muitas vêzes ingênuas sugerem grandes coisas, e muitas vêzes perversas prendem e apavoram. O estilo de Wilde é o estilo que conversa, que ouve ou que narra. E' o movimento e o facil no esplendor. Exatamente por isso procuramos quanto possível conservar-lhe a característica".

Ainda é o palestrador insigne que arrebatou as platéias dos lugares mais cultos dos Estados Unidos da America, onde, em período pouco além de cinco mêses, pronuncia mais de uma centena de conferências, cujos assuntos de

preferência versavam sôbre **decoreção do lar e Renascença inglesa.**

Depois de pronunciar a sua primeira conferência, no **Chechering Hall**, empolga sobremaneira. Em Nova Iorque, "a nata social, mormente as mulheres, às quais logo encanta com aquêlê seu espírito de galantaria e capacidade de sedução, e a juventude, permeável ao imprevisto e à novidade, cumulam-lhe de gentilezas".

Ainda é o poder de seu espírito através de sua palavra que desarma a prevenção dos universitários de Harward, que estavam vestidos de "fraque com cauda até os calcanhars, calção, meias compridas, de cabeleiras longas e cacheadas, gravata verde, na mão esquerda vistoso girasol". Foi embalde a intenção depreciativa dos estudantes, ante o fascínio da eloquência de Wilde.

Mais tarde, êle confessou: "Mesmo na escola, eu já era um grande conversador. Em Trinnity, pode-se dizer que não fiz outra cousa senão falar; minhas leituras tinham lugar nos momentos de ócio. Fui o melhor conversador que já passou por Oxford". Dizem que a eloquência é um dom divino, assim sendo, então, êle tinha mais êste dote celeste.

Por isto mesmo, Wilde olhava os seus semelhantes, aos invejosos principalmente, com desdém, até mesmo com impiedade. Mas tôda esta grandeza da personalidade de Wilde veio ser eclipsada pelas sombras do cárcere de Reading. Sintetizando as linhas de seu espírito, um escritor afirmou: "Se êle fora, nos seus resplandescentes dias em Hyde Park, o jogral do Diabo, foi, no tempo e depois do Cárcere de Reading o jogral de Deus ou o seu menestrel".

Wilde, em respeito aos seus pensamentos, era bem aquêlê tipo de homem admirado por Balzac, cujos traços estão em algumas linhas do "Tio Goriot": "... o homem superior perfilha os acontecimentos e as circunstâncias para os guiar". E, justamente, eram das circunstâncias que nasciam as impressionantes frases do incomparável criador dos paradoxos. Eis algumas gemas wildeanas, escolhidas a esmo: "As lágrimas são o refúgio das feias e a ruina das bonitas". "Eu posso resistir a tudo, menos à tentação". "Mais da metade da cultura moderna depende do que se não deveria ler". Entre um homem e uma mulher não é possível a amizade. Há amor, ódio, paixão, mas não amizade". "Procurar a beleza é o verdadeiro segredo da vida". "A Fidelidade é para a vida emocional o que é a coerência

para a vida intelectual". "Uma grande paixão é o privilégio das pessoas que nada têm que fazer". "A coragem abandonou a nossa raça. Talvez até, na verdade, nós nunca a tivéssemos. O terror da sociedade, que é a base da moral, e o terror de Deus que é o segredo da religião — são as duas únicas coisas que nos governam". "Se nós déssemos forma a todos os sentimentos, expressão a todos os pensamentos, realidade a todos os sonhos, o mundo ganharia um tal impulso de alegria, que nós esqueceríamos todas as doenças do medievalismo e regressaríamos ao ideal helênico". "Censurar a um artista por uma falsificação, era confundir um problema ético com um estético". "O que é interessante não é nunca conveniente".

Todas as páginas de Wilde são recamadas dessas imprevistas e ofuscantes imagens.

Wilde, tendo vivido no esplendor e morrendo na miséria, não deixou de ser, no século XIX, um maravilhoso representante do aureo helenismo.



# *Estrêlas do Mar*

---

*MAVIGNIER DE CASTRO*

Quando, iroso e bramindo, o oceano revela  
sua fúria convulsa em turbilhões de espuma,  
as estrêlas do mar, sem trajetória alguma  
vagueiam, flutuando ao sabor da procela.

Espiralam à tona, e voltam, uma a uma,  
ao calmo sorvedouro onde o coral modela  
os purpúreos florões, na incrustação singela  
que, do calcáreo esconso, o polipeiro exuma.

E, quando o plenilúnio, em halos cintilantes,  
esmalta sôbre a areia as algas e os sargaços,  
dando ao nácar do búzio as chispas dos brilhantes,

as estrêlas do mar sulcam, luminescentes,  
as trevas abissais dos líquidos espaços,  
como à noite, no céu, as estrêlas cadentes !

# QUATRO FILIGRANAS

*De Genesisino Braga*

## I

### APRESENTANDO A CANTORA EDMÉE BRANDI, NO TEATRO AMAZONAS:

Em anúncio de uma oferta por demais grata à sua sensibilidade, a Academia Amazonense de Letras apresenta EDMÉE BRANDI ao mundo alto da sociedade de Manaus.

A Academia faz evidente, em EDMÉE BRANDI, a presença harmoniosa de nobre e exemplar consciência artística na pleniposse de um grande segredo da composição estética: a originalidade.

A arte de EDMÉE BRANDI não é, apenas, a das que transformam a vida em fonte de melodias, mas também a das que a dominam e engrandecem, na descoberta de interpretações novas dos ardores afetivos de seus poetas. Destaca-se a originalidade pelo fascínio envolvente das coisas que inspiram amor e admiração. É uma arte de reintegração das épocas, que se expressa através da música e do canto, reproduzindo velhos milagres do pensamento, na tarefa estética dos grandes mestres da música lírica.

EDMÉE, — nascida sob o signo da poesia e da beleza — porta a mensagem sonora de muitas ânsias transitórias que se perenizaram em testamentos de arte. Sua bela voz, — sua voz riquíssima de expressão — seu intelectualismo, sua formosura, a graça senhorial de seus gestos, — tudo está na base de uma interpretação objetiva, feita de equilíbrio e pureza de intenção.

EDMÉE reúne aos dons artísticos, com que Deus aformoseou o seu espírito, uma sólida e penetrante cultura. Poliglota, com os atributos reclamados pela garimpagem dos vocábulos e a caça das sensações, o trato com os léxicos de seis

idiomas encaminhou-a a um estado de graça em que requintou a sua sensibilidade artística. "Traduziu Heine com exatidão — escreve sôbre ela o acadêmico Mucio Leão — mantendo aquela emoção sutil, aquela ternura, aquela ironia do original, e respeitando também o ritmo, a musicalidade ondulante, sinuosa e suavíssima, que era tão própria ao grande poeta". Fê-lo não sòmente por deleite espiritual, mas por necessidade artística, por uma exigência de seu intelectualismo requintado, empenhado em que, na tradução, os maravilhosos versos do "Intermezzo" não perdessem a graça vocabular conservada na música de Schumann.

Deus, que a dotara de voz tão sublime, armou-a com divina intenção, pela luz solar do espírito e pelo domínio da inteligência, para essa grandiosa missão de propagar a felicidade sob formas várias de beleza.

De EDMÉE BRANDI, cantora, pode-se dizer como nos versos que, ouvindo-a compôs o poeta Raul Machado:

*"EDMÉE, — graça e mistério,—  
Dá a impressão quando canta,  
De dez canários do império  
A gorjear na garganta.*

*Pela emoção dominada,  
Vibrando em fôrças secretas,  
Ela é um toque de alvorada  
No coração dos poetas. . ."*

## II

### SAUDANDO A POETISA MERCEDES SILVEIRA, NA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS:

Este é o instante de Perfeição que tanto buscamos. Nô-lo dá a Poesia, sempre que faz presença em sua essência emocional, feita de frêmito e ironia, em síntese lúcida do tempo e do espaço, para revelar a transcendência da criação.

Este é o momento da plenitude espiritual que nos ensina amar as festas da terra e que nos dá a afinidade das imagens felizes pelo contentamento dos ritmos e dos símbolos.

A Academia Amazonense de Letras recebe a mensagem poética que nô-la conduz a senhora Mercedes Silveira, como provinda de divindades generosas, preocupadas com o prag-

matismo das metáforas brilhantes. Poetisa e *diseuse*, em que se equilibram os atributos reclamados pela música dos vocábulos, a criação dos ritmos e a ordenação dos versos, vem trazer-nos, ela com a graça e o encanto de sua arte, aquêlê instante e aquêlê momento de pura beleza espiritual, que Jean Casseau definira como um embalo no canto infinito da terra.

Vem oferecer-nos, a culta senhora, como voz de revelação para as exigências da sensibilidade moderna, o modelo intelectual que lhe veste o espírito. Como poetisa, mediadora da inspiração, e como *diseuse*, mediadora da ressonância, — traz-nos aquêlê sôpro de Infinito que dá corpo humano à essência divina e se transfunde em Glória, Vida e Criação.

Juncamos sempre de loiros o chão dêste sodalício para a passagem dos que derramam lindezas em seus rumos. Ao poeta, que passeia pelo mundo — continuador do Rapsodo Grego — a alegria de cantar, saudamos, em sua euforia miraculosa, como *ion* divino embutido no coração humano, a alegria de criar, — átomo imortal que, único pode iluminar a sombra dos nossos destinos; célula primordial e eterna de nossa efêmera existência.

Senhora Mercedes Silveira:

De loiros está juncado o chão da Acrópole, para a passagem de vosso talento, de vossa arte e de vosso orgulho de poetisa. Inclino-me para apresentar-vos a admiração da Academia Amazonense de Letras!

### III

#### NO ÁLBUM DA GENTIL SENHORINHA MARIA DE LOURDES ANTONY:

*O VIAGEIRO DA BELEZA.* — Na caminhada para o Adiante, perdeu-se o Apóstolo, viageiro da beleza, na busca ansiosa da Perfeição.

Andou, andou, andou... como nos falam, dos príncipes medievais, os recontos azuis dos irmãos Grimm...

Enamorado da forma harmoniosa, desejava a estesia artística da alma, para o refinamento do aspecto da vida...

Fez-se Bem. Cobriu de graça o chão do mundo para a passagem das sombras inquietas... Minorou as dôres do sofrimento humano com os unguentos da sua misericórdia... Derramou lindezas no seu rumo e esparziu esperanças por

todos os caminhos, objetivando aformosear os dias da humanidade...

Fez-se Poeta. E, Poeta, cantou, em parábolas sensíveis, por vales e montanhas, os poemas dos sentimentos generosos transfundidos no Amor... Amou as crianças, os pássaros, a Natureza...

Semeou alentos e otimismo entre os enfêrmos, os de alma triste e os sem fé... E o pugilo de iniciados, que agremiou em tórno de sua irradiação luminosa, transformou-os em argonautas de um ideal...

Fez-se Santo e obrou milagres: deu aos cegos o variegado das paisagens, aos surdos a orquestração multissôna do Universo, aos mortos a eurritmia da Vida. As vozes divinas, que emanaram de sua bôca, santificaram tôdas as áreas da Terra, séculos a fóra, numa perene propagação da Felicidade...

Então, proclamaram-no Deus!

... e crucificaram-no!

#### IV

### EM BUSCA DOS TEMPOS PERDIDOS (DEPOIS DE LÊR MARCEL PROUST).

*O INSTANTE DIVINO* — Daquela púcara de água fresca, que era a bôca ansiosa de Danielle, rolavam as bagas da última carícia. Na sôfrega mitigação de uma sêde de ternura, que lhe chegava em apêlo extrêmo, todos os instintos se refinavam para a consumação do instante divino.

No ventre da madrugada clara, da varanda de bambús debruçada sôbre a praia, as sombras das palmeiras esguias decalcavam as vozes do silêncio na paisagem fria. As ondas acordavam velhas canções dolentes que saudades marujas eternizaram em fermatas sem fim. O luar punha brunidos de faiança num céu remoto, sempre presente.

Vinha do "dancing", pela preguiça elástica do último bo-lero, uma sensação de inércia e de fadiga, que lá fora os ventos refrescavam. A música parecia querer fixar a imagem daquêle momento, na persuasão de seu nome: "O momento do amor". Havia nela um sonoro desêjo de explicar os ímpetos da carne pelo conflito dos baixos e agudos, que se intercontundiam na eminência dos sôpros metálicos. Cheia de epigramas estéreis, fastidiosa e vazia de comunicação, saturada de moleza e indolência, — elucidava, entretanto, a obje-



tividade daquela misteriosa fascinação dos sentidos.

Danielle vivia todos os momentos de seu próprio devaneio na imobilidade do transporte interior. Em estado mórbido de graça e consentimento, deixava repousar, ao colando, a cabeça em abandono do Bem-Amado. Fruía a posse corpórea da sua andolatria, na capacidade integral de todos os sentidos, com os grandes bens da sua sensibilidade. Aquêlê instante de ternura e satisfação, hauria-o em gôtas, a onírica enternecida, como se protraísse de sí própria, para a perpetuação das horas eternas, a filtração de seus gratos anelos.

A exata interpretação daquêlê idílio daria alguma coisa de místico e profundo para o olhar sensível da alma. Eram fusões de quantidades negativas integradas no contato poroso, na adesão da matéria, para o curso livre das imagens sem percussão. O esplendor dionisiaco da vida surgia e oscilava entre o espírito ferido pelo efêmero e a idéia misteriosa da eternidade.

O fundo lírico da paisagem — o mar, as sombras vãs, o luar, o vento e a música lasciva — ainda trabalhava a precipitação do choque definitivo das revelações, quando ocorreu o desmoronamento da resistência física que o retardava, na substância palpável.

— Danielle . . .

E houve, então no Tempo, no Espaço e na Forma, o colapso fatal do macrocosmo no microcosmo do amor.

# REMINISCÊNCIAS

SADOC PEREIRA

Eu era muito jovem quando conheci Araujo Filho. Vi-o pela primeira vez quando, recém-vindo de Pernambuco, sua terra natal, ao fazer uma conferência, no Teatro Amazonas, sobre a personalidade de Martins Junior, era interrompido, a cada passo, em sua brilhante oração, pelos aplausos fremen-tes e calorosos da assistência, enlevada, fascinada pela sua palavra fulgurante e arrebatadora.

Mais ou menos por êsse tempo, tiveram o Estado e a Municipalidade, desta capital, de sustentar um importante pleito com a empresa "Manaus Markets", que pretendia anular um ato do govêrno, a fim de manter-se na exploração, que antes vinha fazendo, do Mercado e Matadouro, em pre-juízo do povo.

A demanda era, sem dúvida, da máxima relevância, já pelos interêsses coletivos em foco, já pelas múltiplas ques-tões de direito que se teriam de agitar no fôro.

Era mister que os poderes públicos tivessem um patrono à altura da causa, capaz de arcar com as responsabilidades dela decorrentes. E nessas condições logo se impôs o nome de Araujo Filho, a quem foi confiada a defesa do Município e do Estado.

Na ocasião em que o grande causídico patrocinava essa lide, fui eu, então um rapazola, bater à sua porta.

Ao ser percebido, fizeram-me entrar para o escritório de Araujo Filho, onde estava instalada a sua biblioteca. Enquan-to esperava o dono da casa, não pude dominar a curiosidade de observar os livros nas estantes.

Ali estavam as obras jurídicas dos autores nacionais e portugueses, ao lado de tratados de escritores francêses, ita-lianos, espanhóis, ingleses e alemães. Adiante, junto ao Có-digo Filipino, e em latim, viam-se o "Corpus Juris" e as "Ins-titutas".

Lia eu a lombada de alguns livros que me haviam des-

pertado particular atenção, quando um rumor de passos me anunciou a presença de alguém. Voltei-me e vi à minha frente a figura do grande tribuno.

Senti-me abalado e confuso. Achei-me pequeno diante daquele homem que, se não era grande pela estatura, o era incontestavelmente pelo saber. Não sei dizer se me afigurava, naquele momento, um liliputiano em frente de Gulliver, ou o próprio Gulliver em face de um daqueles gigantes de Brobdingnac.

Araujo Filho falou-me. Expressia-se com brandura e simplicidade, em uma linguagem muito diferente daquela que eu lhe ouvira antes nos seus discursos. Pareceu-me até que empregava expressões corriqueiras, — e isso me encorajou, diminuindo a emoção do primeiro instante. E' que êle fôra professor, havia dirigido um colégio em Pernambuco e sabia falar aos moços e adolescentes.

No decorrer da conversa, vieram-lhe algumas perguntas a meu respeito. E' estudante? — interrogou-me.

Já o havia sido. Estivera no Ginásio e havia estudado com professores particulares, fazendo exames de humanidades (os chamados exames preparatórios naquela época), para o curso jurídico, que, até então, por falta de recursos, não pudera seguir.

Morrera-me o pai, e como filho mais velho tivera de procurar uma colocação, para manter a família. Trabalhava na Prefeitura, onde me ocupava em lavrar portarias, fazer informações e redigir officios, naquele estilo por demais conhecido e trivial, que é de todos e não é de ninguém.

Comparecia ali à residência do meu interlocutor, por determinação do chefe de minha repartição — Domingos de Andrade —, para uma missão que eu ignorava até aquele momento, por que sôbre isso êle nada me havia elucidado. Foi Araujo Filho que m'a explicou, pois, sem conhecer-me já me esperava e sabia o fim de minha visita.

Dentro de poucos minutos estava eu sentado diante de sua mesa, sôbre a qual havia papel, caneta e tinteiro. Ia escrever.

Araujo Filho, folheando um grosso volume de autos, — a questão da "Manáus Markets" contra o Estado e o Município, — começou, de pé, a ditar-me umas razões, indo e vindo de um extremo a outro da sala.

Iniciou o trabalho formulando o conceito de monopólio. E, apesar da aridez do assunto, eu me sentia encantado pela

sua exposição, feita em uma linguagem límpida e elegante. As frases, ditas de improviso, eram fluentes, cadenciadas e harmoniosas, soando, por vezes, aos meus ouvidos, no arrematar dos períodos tersos, ora como redondilhas ou decassílabos, ora como perfeitos versos alexandrinos.

Quando Araujo Filho entrou pròpriamente na discussão da causa, maior foi a minha surpresa. Analisando as alegações do advogado adverso, ia êle destruindo-as, uma a uma, com argumentação admirável e tremenda.

Houve um momento em que Araujo Filho, defendendo uma tése, formulou uma objeção. Aludia a uma proposição que de certo seria apresentada pelo antagonista. E começou a explaná-la.

Tive, a princípio, a impressão de que o patrono do Estado e do Município havia oferecido, por suas próprias mãos, um elemento formidável para a vitória da parte contrária.

Como se compreende — indagava eu no meu íntimo — que êle viesse combater e aniquilar daquela maneira a defesa de seus constituintes?

Nisto, Araujo Filho ditou-me uma frase curta e incisiva: — “Mas não é assim”. . . E começou, de novo, a examinar o caso, desenvolvendo novos raciocínios. Em breve, a conclusão que êle apontara da primeira vez e que me havia parecido evidente e irretorquível, estava por terra, totalmente destruída, reduzida a frangalhos. Era assim a sua lógica.

Duas coisas sempre me impressionaram nos trabalhos de Araujo Filho, desde aquele momento: o seu estilo claro, vibrante, cheio de harmonia, e a sua dialética, que era irretorquível e esmagadora.

Quando aqui se fundou a Faculdade de Direito, foi Araujo Filho nomeado para reger uma das cadeiras. Quase sempre, entretanto, lecionava três ou mais disciplinas, revelando em tôdas elas amplo e perfeito conhecimento das matérias que ministrava aos alunos. Tornou-se o mestre querido das gerações que por ali passaram.

Fui dos primeiros que se matricularam naquele estabelecimento e antes de terminar o curso era levado ao Palácio da Justiça por Araujo Filho, para obter uma provisão de solicitador. Passei, assim, a labutar com o mestre como seu auxiliar, no escritório.

Ainda depois de alcançar o diploma, permaneci a seu lado, com êle trabalhando no patrocínio de numerosas demandas. Foi, prezo-me em dizê-lo, — no convívio de Araujo Filho, recebendo os seus sábios ensinamentos, que

consegui formar grande parte do meu pequeno, diminuto e quase insignificante cabedal jurídico. À sua assistência diuturna e constante devo o ter desvendado as primeiras noções de Hermenêutica e da Técnica Judiciária, para os embates da advocacia e para o exercício, mais tarde, da judicatura.

Tive, durante largos anos, a suprema ventura de gosar de sua convivência; e nesse interregno sem conta foram os gestos nobres que lhe presenciei, — muitos dêles capazes de demonstrar, por si e isoladamente, a intangibilidade de um caráter peregrino e a excelsitude de um coração magnânimo.

Não me seria possível, neste pequeno esboço, falar dêsses episódios da vida de Araujo Filho, que Pericles Moraes, em um trabalho que é uma joia literária, já qualificou de "luminosa".

Não há ramo das ciências jurídicas em que não revelasse vastos e profundos conhecimentos. Existem nos cartórios do Palácio da Justiça, no bojo de numerosos autos, razões de sua lavra, que são obras de valor incontestável.

Exerceu a advocacia como se desempenhasse um sacerdócio, colocando sempre acima de qualquer interesse pessoal a causa do Direito e da Justiça.

Não conheci orador que o pudesse exceder na tribuna judiciária, quer pela eloquência, quer pela cultura e erudição.

Achava-me no Tribunal do Juri quando Araujo Filho, já enfêrmo e combalido, compareceu ali pela última vez, para defender um acusado desprotegido e pobre, que como tantos outros, invocara o seu patrocínio, apelando para o seu grande coração. E recordo, ainda hoje, com intensa emoção, o instante em que êle, o orador incomparável, descia da tribuna, afogado em soluços, os olhos marejados de lágrimas, por ver que a garganta, atingida do mal que o arrastaria ao túmulo, já não podia exprimir com a ressonância e as vibrações de outrora os pensamentos generosos, as idéias sublimes e fagulhantes que lhe turbilhonavam no cérebro fecundo e privilegiado.

Cercado de discípulos e amigos, que procuravam confortá-lo, retirou-se Araujo Filho daquela sala, em cujos ângulos e arestas jamais haveria de ressoar o éco de sua voz, como sempre antes ressoara, em torrentes de beleza e cataratas de luz.



# O GRANDE AMAZONAS

AGNELLO BITTENCOURT

Procedente da capital baré, com algum atraso na entrega, chegou-me às mãos o livro **O Grande Amazonas**, cuja leitura me encheu de prazer e de novos ensinamentos. Lendo-o, desde logo se percebe que é uma obra de erudição nos domínios da história e da sociologia. Na 1.<sup>a</sup> parte, tratando do Continente lendário, da Atlântida e dos ameríndios, há extensas digressões sôbre cada um dêsses debattidos e sempre controvertidos assuntos, sem, contudo, perder de vista a Planície. Oferece um estendal de opiniões. O ecletismo é uma filosofia que não permite o julgamento sem os prévios debates ou provas evidentes. Nada a **priori**. Creio que foi essa a norma de **O Grande Amazonas**.

O verbalismo, em literatura, pode ser uma superabundância de folhagem, mas igualmente de flores. . . Ninguém se enfada ao meio de um grande jardim florido.

A lenda é uma "cortina de fumaça" que o historiador acolhe mais como poesia do que como fonte de informação. E quantas ainda existem no entendimento dos amazonenses, como, aliás, na visão dos nossos patrícios da hinterlândia? O panteísmo do caboclo criou os mitos, máxime os antropomórficos, que lhe atravancam a mentalidade dilucular, na persistência do êrro, na teimosia da credence. Quem lhe poderá riscar da inteligência o inocente conceito? Sòmente os contínuos jatos de luz, a evolução intelectual, através das cátedras, da imprensa e do aparecimento de bons livros, se resolverão muitas incógnitas da história, como fonte perene da sociologia e da política.

O que, tantas vezes, consideramos a "última palavra", é, ainda, um engano. Não me enfadam os documentários abundantes em motivos em que a dúvida persiste em assaltar os bastiões do meu espírito.

Na prospecção das camadas terrestres em busca do

petróleo, certas sondagens profundas, mas insuficientes, param, face ao desânimo. Os geólogos abandonam o serviço ingente, declarando "não tem". Passam os anos. Vêm outros cientistas e fazem a broca descer mais um pouco. Eis que aí está o lençol procurado! Assim são muitas das verdades históricas. Buscas perseverantes, nos velhos arquivos e nos monumentos, nas catacumbas, em concumitância com interpretações mais indutivas, fizeram e estão fazendo a ressurreição do passado nos dramas dos seus principais personagens. Há desta maneira, para o historiador, à semelhança do geofísico, uma prospecção psicológica. Não fiquemos, pois, no "magister dixit", no descobrimento do Continente lendário e nas hipóteses da existência e do lugar da Atlântida, como das viagens e cruzamentos dos nossos aborígenes. **O Grande Amazonas** é um elucidário de gabinete, no fluxo de opiniões sôbre tão complicados assuntos. É uma flâmula a mais no campo da erudição. Equivale dizer que a ciência de Michelet e de Rocha Pombo aguardava novos pesquisadores, outros sacerdotes do Clio, que profirirão um dia o **veredictum** "na voz da História".

Gostei, sobretudo, do capítulo referente à participação do Amazonas na luta final de Canudos contra a jagunçada que, em 1897, pôs em perigo o nosso Exército. No livro em apreço, talvez pela preocupação de não entrar em detalhes, omitiu-se uma circunstância que as gerações novas, sobretudo de meus coestaduanos, nesta época de tremenda corrupção de costumes, não devem desconhecer. Refiro-me à prestação de contas do Ten. Cel. Cândido Mariano, comandante do Batalhão de Polícia que o Governo enviara àquele sertão da Bahia a 4 de agosto, entrando em combate a 24 de setembro (1897), saindo vitorioso, lado da Polícia de São Paulo pois ambos tomaram o reduto de Antônio Conselheiro, a 5 de outubro. O glorioso batalhão volve a Manaus, com algum desfalque dos seus bravos. O digno comandante Cândido Mariano apresenta ao então governador, Fileto Pires Ferreira, seu Relatório e prestação de contas de todos os dispêndios realizados na viagem e em campanha. Recebera do Tesouro do Amazonas Cr\$ 40.000,00, além de Cr\$ 4.000,00 para sua representação pessoal. Gastara apenas Cr\$ 14.473,00, devolvendo ao Erário Cr\$ 25.527,00. Honestidade rara, que enobrece o caráter de um verdadeiro patriota!

Outro capítulo da história amazonense, fartamente

documentado em **O Grande Amazonas**, é o que trata da libertação dos escravos. E' pleno de justos conceitos, como em nenhum outro livro. Lisonjeio-me de ter sido testemunha da maior festa cívico-democrática levada a efeito em Manaus, como jamais se praticara, ali até hoje: a entrega das últimas cartas de alforria, em praça pública, pelo presidente da Província, Theodureto Souto, a 10 de julho de 1884. Tinha eu, apenas pouco mais que sete anos de idade. O brilho daquele acontecimento reacendeu-se na minha memória, ao ler o citado capítulo. Ali está a maior lição de humanidade à democracia dada na capital baré, bem do Govêrno Imperial !

Nos registros históricos de nossa terra, se há páginas burlescas em que os homens se transformam em seus inimigos levados pelos interesses inconfessáveis da mais sórdida politicagem, ôntem, como hoje, como v. g. "a renúncia do governador Fileto Pires Ferreira", "o congresso foguetão", "o bombardeio de Manaus", "o misterioso suicídio de Eduardo Ribeiro", etc., também muitas outras estão gravadas em letras de ouro, provando que os amazonenses não são rêmoras, mas gente que tem concorrido para engrandecer o Brasil pela inteligência, pelo trabalho e pela honradez.

**O Grande Amazonas** é uma cooperação de boas letras. E' um livro que ficará, em lugar de destaque, na estante dos que amam aquela terra e compreendem o seu destino político, social e econômico, na vontade e persistência dos seus novos dirigentes. E não se esquecem dos esplendores que Deus lhe deu.

# Santo Agostinho, Padroeiro da Inteligência

*Oração proferida pelo acadêmico Pericles Moraes, abrindo a sessão solene consagrada à glória do Bispo de Hipona, da qual foi orador oficial o acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano.*

Nesta hora em que a Academia se transforma num templo augusto para celebrar a glória de Santo Agostinho, não me eximo de confessar, sob pena de incidir em refalsada mistificação literária, que embora católico fervente, não passaram de mera cultura epidérmica, sem nenhum relêvo de expressão humana, as minhas aproximações com a vida e a obra daquele que o Padre Antônio Vieira classificou de maior Santo entre os Doutores e o maior Doutor entre os Santos da Igreja.

Teria efeito de um dógma essa afirmativa do célebre pregador católico?

Não obstante as minhas infatigáveis peregrinações através das idéias e dos sistemas filosóficos dos escritores e pensadores de todos os tempos, de horizontes e mentalidades diferentes, restringindo-me, é óbvio, às sábias lições cartesianas, segundo as quais "a leitura dos bons livros é como uma conversação com os melhores espíritos dos séculos passados", eu procurei debalde encontrar Santo Agostinho. Apesar de todos os meus esforços de penetração e assimilação, intentava fazê-lo emergir das controvérsias dos agiógrafos e psicólogos da História, na pureza inviolável de suas ações; e buscava-o, simultaneamente, na atrocidade de suas paixões e no resvaladio de suas diáteses morais, quero dizer, o santo aureolado de virtudes arcangélicas, que por seu heroísmo e pelo tamanho dos seus sacrifícios, senão pela disciplina de caráter, se redime das culpas antigas, sobrelevando-se às próprias crises de consciência. Empenhava-me por descobri-lo na efusão de suas graças

extraordinárias, refertas de êxtases e arrebatamentos, convertendo as almas dos transviados, ao jeito daquele maravilhoso São Vicente de Paulo, assim como no-lo pintam os seus biógrafos, não somente na sua bondade piedosa, mas também como homem de gênio, emparedado na firmeza de sua fé, sabendo compreender o seu tempo e sugerir a terapêutica para debelar os males que o acabrunhavam e corrompiam. Era isso, acima de tudo, o que eu sofregamente desejava encontrar nos exegetas do Bispo de Hipona, remontando de Lacordaire a Bossuet, entre os maiores dos de língua francesa, de quantos me passaram pelos olhos, e que pensavam com indisfarçável afoiteza ajustar à sua fisionomia, deturpando-a aliás, o espírito de sua obra e o drama de sua vida, de permeio com os seus desregramentos doutrinários e as suas fraquezas da juventude.

"Que coisa admirável o homem, exclama Renan, que num instante, entre duas eternidades, a que precede o nascimento e a que se segue à morte, ainda teve tempo de descobrir a arte, a religião e o destino!". Palavras judiciosas e profundas! Seria assim o autor da "Cidade de Deus", das "Confissões" e dos "Comentários ao Sermão da Montanha", para citar unicamente as três obras que Augusto Comte destacou na lista das duzentas e setenta consagradas até o seu tempo? Ainda não sei bem porque, mesmo através dos seus impulsos generosos, dos seus gestos cavalheirescos, dos primores do seu coração, tanto exaltados por idólatras apaixonados, a existência dêsse Santo preexcelso, que transcorreu fecundando tesouros de ensinamentos, que se acumularam mantendo a primazia dos princípios religiosos e a tradição da dignidade da Igreja, — que Deus me perdôe êsse pecado irremissível! — ficou sempre fora dos propósitos do mais modesto e humilde de todos os homens de letras do Amazonas.

Hoje, entretanto, estou convencido de que essa hostilidade suspeita que poderia parecer, erroneamente, no primeiro instante, um assomo de fatuidade, petulância ou desmarcada presunção, decorria apenas do meu conhecimento precário das fontes legítimas suscetíveis de melhor descortinarem os infindáveis horizontes da história de sua vida e de sua obra. Os que se dedicam a pesquisas de índole agiológica, sabem que as bibliografias dêsse gênero literário não estão ao alcance dos que habitam e se isolam do mundo e de suas maravilhas culturais, sepultando-se nos



barrancos amazônicos. A prova experimental só então tive-a eu, já nêstes últimos dias, quando, como se fôsse tangido por intuição divinatória, o ilustre sacerdote que é o Padre Raimundo Nonato Pinheiro, — brasão reluzente do armorial acadêmico, — se lembrou de trazer-me para uma leitura de afogadilho, pela deficiência do tempo que me sobrava para concluir estas ligeiras divagações, os dois volumes alentados da "Histoire de la Littérature Latine Chrétienne", da autoria do professor Pierre Labriolle, já falecido, que era membro do Instituto de França e professor da Faculdade de Paris, e cuja edição mais recente, uma vez que a primitiva se exgotara há mais de doze anos, fôra revista e aperfeiçoada pelo cônego Gustave Bardy, considerado atualmente na Europa o mais autorizado historiador do pensamento cristão da antiguidade. Esse livro notável, que lhe foi ofertado por Waldemar Pedrosa, — vulto pínacular de nossas letras —, nos dá a impressão de um rio caudaloso que se espraiasse por tôdas as cordilheiras da sabedoria humana, projetando luz intensa sôbre a figura de Aurelius Augustinus. O seu exemplo prodigioso, a imperturbável serenidade com que afrontava as convenções e preconceitos sociais, os obstáculos esmagadores que lhe pretendiam obstruir os caminhos da ascensão religiosa, os aspectos novos de sua biografia, o frio destemor com que suportou os aleives da escumalha que se irritava contra as verdades evangélicas de suas prédicas, os aspectos novos de sua biografia, o catálogo descrito e comentado de suas obras, as etapas de sua conversão, os seus sermões, a sua correspondência, a vastíssima bibliografia em língua francesa e em quase todos os idiomas estrangeiros que dêle se ocuparam, em suma, tôdas as contribuições que serviram para perpetuar a glória do teólogo, do filósofo e do moralista, aí se compendiarão metódica e sólidamente, sob o signo da técnica e da ciência, no sentido de extensão e densidade, explicando-lhe e traduzindo-lhe a obra mirífica, cujas raízes mergulham na antiguidade latina.

Foram as idéias dêsse livro singular de Pierre Labriolle, resplendente de verdades inconcussas, e mais ainda os preceitos do livro de Giovanni Papini, reduzindo a cinzas os detratores do Bispo de Hipona, que exerceram, ambos os dois, influência decisiva sôbre o meu espírito, operando radical transmutação no curso dos estudos que até então eu fizera em tórno da obra do Santo genial. Talvez mais acentuadamente com relação ao prosador da "Vida de

Santo Agostinho", não tanto pelo seu estilo originalíssimo e de aguda vivacidade, senão pela enternecida doçura com que perfilou carinhosamente, amorosamente, o grande convertido, caminhando a seu lado pelas encruzilhadas da inteligência e do coração, humilde e respeitoso, como se com êle tivesse convivido em outras épocas, sentindo-lhe e apalpando-lhe a tormenta da inquietude e a tempestade das angústias íntimas, através da formação moral do homem de ação e do homem de fé.

Na verdade, não é de agora a minha admiração pelo insigníssimo historiador do Cristo. Eu já lhe conhecia a obra há mais de quatro décadas, e já a percorrera de extremo a extremo, desde o requisitório incandescente do "Crepúsculo dos Filósofos", cartel de desafio contra a filúcia dos metafísicos — à sua profissão de fé, na "Stória di Cristo", que é o espetáculo comovedor de sua sensacional conversão ao catolicismo. Dos prosadores contemporâneos italianos, depois de D'Annunzio, que se me afigurava nos dias febris da mocidade, — eu já o disse em "Confidências Literárias" —, um semi-deus bárbaro, irresistivelmente sedutor, que num arrôjo para exceder-se a si mesmo, desce- ra à terra para criar a beleza e transfundi-la em obras-primas, depois do prosador olímpico do "Il Piacere", era Papini o que mais se impuzera à minha curiosidade espiritual. Conhecia de perto as turbulências da vida literária e a malícia diabólica do demolidor a quem Agripino Grieco, delineando-lhe em conferência magistral a obra, as idéias e a virulência sarcástica do polemista, acabou por alcunhá-lo de "açoite das mediocridades galardoadas". Escritor doutrinário, novelista, poeta, crítico, mestre da sátira e do epigrama, quando a Itália era assolada pelo movimento frenético do marinetismo que tudo levava de escantilhão, a sua iconoclastia, só por só, impulsionada pela fúria da procela futurista, que arrazava homens, obras e reputações consagradas, foi uma fôrça destróçadora que, desde o advento de "L'UOMO FINITO", abalou os alicerces das letras italianas. Depois de muitos livros da mesma estrutura rebelde, é que surgiu o seu volume imprevisto em tórno da vida de Jesus, em que Papini, no arcabouço de conceitos dilacerantes e através de um prefácio exterminador, foge aos moldes de que se haviam servido até então os seus ardentes panegiristas, exaltando-o certamente, na sua divina finalidade, mas desnivelando da mesma sorte de suas condições de messias improvisado, rebaixado a simples condição de pre-

gador de doutrinas religiosas. Não se pense, contudo, que com o seu novo processo, Papini tivesse renegado os Evangelhos e as tradições ortodóxicas da Igreja, abolindo e suprimindo tudo o que a inferiorizasse, com a intenção de deprimir-lhe os dógmas, sumariando-os em despiciendo manual de devoção para uso e gozo da beatice carola. A sua vida de Cristo, como ninguém a descreveu antes dêle, a não ser últimamente Plínio Salgado, — considerado uma das maiores cabeças da atualidade brasileira —, é uma vida inteiramente vivida, de humildade verdadeira, sem grandezas e opulências, e completamente desnudada de quimeras e fantasias. Mas o legítimo Papini, o Papini já curado das tropelias e das audácias desconsertantes dos seus livros da primeira fase literária, será encontrado de novo na "Vida de Santo Agostinho", um **capolavoro** que enleva assim por sua beleza como pelas verdades que resplandecem em suas páginas humanas. Foi revelando-lhe o conteúdo cultural que amei Santo Agostinho. Foi lendo e relendo essas páginas evocadoras, comoventes e cheias de unção, que eu aprendi a cultivar o Santo agostino e tentacular, que nas "Confissões" vive e palpita sob a mortalha de um passado de milênios. Foi sentindo os reflexos poderosos das idéias dêsse breviário de psicologia da fé, contornando a paisagem humana e social das épocas de sua florescência, que eu pude aperceber-me da magnitude dêsse legendário apóstolo da Igreja que entre todos os santos de sua religião marca o ponto mais alto de uma concepção larga e generosa da vida, e cuja obra, ainda hoje, tantos séculos decorridos, superexcita os homens de pensamento de todos os climas e latitudes. Vejo-o, aureolado em sua bondade natural, no fascínio de sua inteligência, na sublimidade de seus sentimentos e na austeridade de suas posturas, com a centelha de uma piedade e de uma abnegação que jamais se extinguiram, — traços fundamentais da compleição dos heróis e dos santos. Contemplo-o assim, à luz do seu tempo, na plenitude de sua cultura universal, fremente de revolta e estuante de indignação quando flagelava a maldade dos homens sem consciência, oferecendo amparo aos desventurados, dramatizando as suas lutas interiores, arrependendo-se dos seus próprios deslizos, redimindo-se, genuflexo, perante Deus, das ciladas traiçoeiras da volúpia e do pecado. Trata-se, em síntese, para completar o acabamento do retrato, consoante a definição de um dos seus melhores biógrafos, "de um gênio que enveredou pelo labirinto do mal, na persuasão de que

seguia pelas pegadas da verdade. Só as almas que vieram de longe, dos arraiais da descrença, sabem avaliar as angustias e canseiras de quem saltita de sistema em sistema, de quem, de monte em monte, escala a estrela da manhã e está sempre a distanciar-se ou a envolver-se em brumas”.

Nenhum outro escritor, antes de Papini, tão a fundo e com tanto calor e paixão, empreendeu a tarefa de, esmerilhando, desencavando, desentranhando alfarrábios, palimpsestos e incunábulo dos arquivos medievais, redescobrir e revelar, de corpo inteiro, o Santo prodigioso e a magnificência de suas “Confissões”, mostrando com a força imperativa de um exemplo o papel dos grandes homens, que são a um tempo inspiradores e modeladores estéticos das existências perfeitas.

Não seria eu, entretanto, com a estreiteza dos ângulos de refração da minha pobre inteligência, já mortificada pela idade, quem ousasse, neste minuto de exaltação, lançar a primeira pedra da catedral que as elites amazonenses, por intermédio de nossa Academia de Letras, vai erigir ao culto do Santo que não só se igualou em virtudes, cerebração e capacidade de sacrifícios a todos os santos da Igreja, mas a quase todos superou vantajosamente.

A mim não me cumpre escalar as eminências espirituais dessa personalidade de exceção, cuja vida, com a resignação e a coragem das almas sem remorsos, se desdobra, através de revezes e triunfos, no suplício de episódios amargos, pungentemente sofridos.

Só poderiam estruturá-la os escritores de alta cultura, que se afervoraram no estudo intensivo da grandeza dos homens do passado, penetrando-lhes o profundo sentido da vida moral e dos sentimentos religiosos. Dos escritores que se devotaram à investigação dos cânones da língua e dos seus clássicos, a fim de conhecer-lhes os primores, os segredos, as sutilezas e dificuldades, para escrever com acerto, limpidez, elegância e precisão, imitando-lhes o estilo e os matizes reverberantes da riqueza vocabular.

Esse é o privilégio dos vernaculistas de polpa, como os que se incrustam, entre nós, na linhagem de João Leda, que é o verdugo das competências improvisadas, dos eruditos de fichário, dos falsos escritores, dos apologistas da lei do menor esforço, justamente aqueles que, em corrida desabrida e com seráfica simplicidade — utilizo-me dos conceitos de Batista Pereira — “tomam da pena e começam orações com pronomes oblíquos e esmaltam o discurso do vasconço

dos analfabetos e da buzundanga das senzalas”.

O privilégio é vosso, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, conferido à vossa ilustração e à eloquência de vossa palavra, que é sempre “a dinâmica do belo, a verdade em ação, em resplandência, em movimento, como o curso de um mundo solar”.

Essa missão altíssima vos foi confiada merecidamente pela Academia de Letras do Amazonas, e só um príncipe da Igreja de vossa hierarquia, com a inspiração do vosso divino sacerdócio, com a vossa faculdade instintiva de atrair, conduzir e dominar as almas, faria o milagre de transformar em púlpito a tribuna acadêmica, para erguer, por entre os clarões ofuscantes do vosso verbo repassado de emoção, o pedestal que irá sustentar as colunas mestras do monumento ao Santo de envergadura ciclópea, cuja obra imortal e cuja vida incorruptível se constituíram o patrimônio maior da Igreja de Jesus Cristo.



## *Duas cartas de Augusto Linhares*

Augusto Linhares é um nome nacional. Nome laureado nos domínios da Medicina e na seara das boas letras, é mais um exemplo vivo que renova, no Brasil, a legenda de Francisco de Castro e de tantos outros médicos ilustres, que foram ao mesmo tempo notáveis escritores.

"Mesologia de Manaus", "Climatologia do Amazonas", "Educação das Crianças Nervosas", "Oração da Academia", "Voltando ao Columbário", "O Ministro", e muitos outros trabalhos de polpa, põem de manifesto o esplendor inapagável de sua inteligência, a fidalguia flaubertiana de sua pena e a policromia refulgente do seu estilo. Doutor em Otorrinolaringologia, Augusto Linhares invadiu com sabedoria os domínios do vernáculo, conseguindo, pela frequente intimidade com os melhores padrões da mais pura linguagem portuguesa, uma prosa castiça e pulcra, em que refulguram as grandes divícias do idioma.

Pericles Moraes, tomando um bloco marmoroso de suas canteiras impolutas, esculpiu-lhe formosa estátua consecratória, enchendo-a de iriações com os raios embelezadores de suas emoções estéticas: "RETRATO DE AUGUSTO LINHARES". Nêsse trabalho memorável, há depoimentos dêste quilate: "É um escritor que fêz um estilo e criou uma personalidade. Estilo que lhe ostenta o viço, a florescência, a exuberância, a capacidade construtiva de suas idéias, deixando transluzir a personalidade do escritor, nos contornos fulgurantes de uma obra de beleza, de harmonia e de perfeição".

Honra-se a Revista da Academia Amazonense de Letras em publicar duas cartas recentes do renomado escritor, que se orgulha de ser sócio correspondente do sodalício.

"Rio, 20.12.54.

Meu querido amigo Pericles Moraes:

Nêste mês de Festas, quando andamos todos a correr a fim de melhor o aproveitar em seus mínimos instantes, taes e tantas as obrigações a cumprir e satisfazer — coube-me, Deus louvado, a satisfação de receber como presente de Festas o seu **cahier**—"Revivendo uma glória amazônica" — ramalhete de violetas ao sopé da obra monumental — "Leopoldo Péres" (Roteiros de uma vida e de um destino) ali depositado pelo seu exímio biógrafo. E apesar de andar correndo — eis que páro embevecido para admirar mais uma vez as sempre novas cintilações de "um gênio verbal da raça, produto equatorial das selvas tropicais", como no Ruy vislumbra Júlio Dantas; do insigne e pujante escritor que em tudo o que toca, transforma em ouro de lei da mais pura, lídima e fulgente linguagem portuguesa.

E com que enlevo, com que amor aspiro longa, longamente êsse raminho de violetas sempre viçosas e rescedentes nas saudades do discípulo amado que o Mestre lhe devota! Eu de mim não encontro melhores palavras, outras não vejo ou imagino em louvor de tão alcantilado e singular espírito do que aqueles mesmos do seu incomparável e insigníssimo biógrafo, na sua pureza e verdade, os quais subscrevo de todo o coração: "Sua inteligência enlevava, extasiava, subjugava, hipnotizava nos seus deslumbrantes remígios, que eram um delírio de perpétuo renascimento".

Agora só me resta inclinar-me à cativante oferta da bela **plaquette** — REVIVENDO UMA GLÓRIA AMAZÔNICA: LEOPOLDO PÉRES, e apresentar ao queridíssimo amigo e à exma. Dona Andromaca os nossos sinceros votos, da Palmira e os meus, de Bôas Festas e Feliz Ano Novo.

Muito afetuosamente seu amigo grato.

**Augusto Linhares**

Ilustre e prezado Amigo Padre R. Nonato Pinheiro

Foi para mim prazer enorme receber a sua **plaquette** "Panorama Intelectual do Amazonas".

Apesar de já conhecer tão formosa oração declamada por seu fulgurante autor perante a Federação das Academias de Letras do Brasil — deu-me agora a sua leitura o mais vivo e grato ensejo de lhe apreciar intimamente a "recondita harmonia di bellezze diverse". Peça de excep-

cional fulgor, lavrada em estilo de cristal fluido, formulada em pensamentos altos e símbolos perfeitos, cada vez que a releio, descubro novas cintilas e revérberos, como soe acontecer-me com os livros do Eça, do Ruy e de nosso Pericles.

Fecundo em tudo o Amazonas! De par com a opulência de suas águas numerosas e da pujança de sua **selva selvaggia**—tem êle, no resplendor espiritual de filhos seus, capitalmente nessa gloriosa "**Casa de Pericles Moraes**", a afirmação majestática e integral de sua grandeza.

Meus parabens pelo "Panorama Intelectual do Amazonas".

Gratíssimo pelas palavras generosas da gentil oferta.  
Amigo e admirador

ass. Augusto Linhares

Rio, 28-11-54.

## Noticiário Acadêmico

O escritor e jornalista Thiago de Mello, eleito para a cadeira n. 30, da qual é patrão Tito Lívio de Castro, fundador Heliodoro Balbi, e sucessores Ribeiro da Cunha e Vivaldo Lima, foi solenemente recebido no dia 5 de Fevereiro último. Fez o discurso de saudação o acadêmico Djalma Batista.

Ao discurso do recipiendário, que foi uma peça de esmerado lavor literário, respondeu em brilhante oração o acadêmico Djalma Batista.

Em tôrno da personalidade do poeta de "Narciso Cego", o "Jornal do Comércio", desta capital, publicou o seguinte tópico :

"A Academia Amazonense de Letras, através da unanimidade de seus componentes, escolheu, ontem, em sessão ordinária, para ocupar efetivamente a cadeira n. 30, patrocinada por Tito Lívio de Castro, e ocupada, primeiramente, pelo notável Heliodoro Balbi, o jornalista e poeta Thiago de Mello .A decisão dos imortais conterrâneos calou, agradavelmente, nos círculos sociais e de pensamento de Manaus, principalmente, porque Thiago de Mello possui de fato qualidades de verdadeiro acadêmico. Na oportunidade da eleição, o Silogeu indicou o dr. Djalma Batista para saudar o valoroso jornalista amazonense e apresentar-lhe os votos de boas-vindas à Casa de Péricles Moraes. Também, após a sessão, os acadêmicos Arthur Virgílio, Mithridates Corrêa, Moacyr Rosas e Padre Nonato Pinheiro visitaram o recém-eleito, e, em sua residência, o sacerdote-imortal usou da palavra para comunicar o ocorrido ao sr. Thiago de Mello, que pronunciou eloquente discurso de agradecimento.

QUEM E' THIAGO DE MELLO — Thiago de Mello é amazonense de nascimento, filho de Manaus, pertencente a tradicional família desta terra. Muitos não o conhecem de perto. E' que Thiago muito cedo deixou o Amazonas, rumo ao Rio de Janeiro, em busca de vitórias e de conquistas para o seu espírito desassombrado e brilhante. Estudou medicina e tudo ia bem, quando o provinciano tomou contacto com a imprensa. Chegou num campo maravilhoso e aí espalhou todo o seu valor e evidentemente a sua cultura primorosa. Estava triunfante e, daí por diante, dedicou-se inteiramente à vida do jornal, escrevendo com segurança e firmeza, dizendo o seu pensamento sôbre os mais palpitantes assuntos da vida brasileira, em seus diversos aspectos. Redator e cronista de méritos do vespertino "O Globo", do Rio, Thiago de Mello escreveu poesias maravilhosas, ajuntadas nos livros: "Silêncio e Palavra", "Narciso Cego" e "A Lenda da Rosa", êste a ser lançado no início do ano vindouro pela Editora José Olímpio. Estas são as suas credenciais maiores e a Academia agiu bem: trouxe de longe, de outras partes onde brilhava, um amazonense que orgulha a sua terra e envaidece, justamente, os seus conterrâneos — Thiago de Mello".

\* \* \*

Foi eleito membro correspondente de nossa Academia o escritor e poeta paraense Georgenor Franco, laureado plasmador de "Ouro e Lama".

\* \* \*

Está marcada para os últimos dias de Junho a recepção do Padre José Pereira Neto, notável sociólogo e famoso orador sacro, ultimamente eleito para a cadeira n.º 21, da qual é patrono Tenreiro Aranha, e foi fundador Leopoldo Péres. Fará o discurso de saudação o acadêmico André Arújo.

\* \* \*

Moacyr Rosas, o consagrado autor de "Cidade, Homens e Livros", pertence atualmente ao quadro dos sócios correspondentes da Academia Paraense de Letras, onde ocupará a cadeira n.º 17, cujo patrono é João Leda.



O célebre escritor Daniel Rops, autor insigníssimo de "Jesus e seu tempo" que teve repercussão mundial, foi eleito membro da Academia Francesa.

\* \* \*

**A Lenda da Rosa**, uma das obras-primas de Thiago de Mello, foi incluída pela Editora José Olímpio na seleção Rubayat. É o primeiro autor brasileiro vivo que merece a insígne distinção de ter o seu nome figurando naquela seleção.

\* \* \*

A Editora Civilização Brasileira S. A. acaba de publicar "Mito e Realidade de Vargas", da autoria do escritor e psiquiatra Cláudio de Araújo Lima. Esse livro está obtendo da crítica ótima receptividade.

\* \* \*

Aristophano Antony, o grande jornalista que é uma das figuras mais impressionantes do cenário intelectual amazônico, dará a lume, brevemente, SOMBRAS E REFLEXOS, livro de ensaios críticos da mais palpitante atualidade.

\* \* \*

O insígne escritor Padre Raimundo Nonato Pinheiro, 1.º Secretário de nossa Academia, já terminou e vai enviar para a Editora Sérgio Cardoso & Cia. Ltda. o seu notável estudo biográfico sôbre o saudoso D. João da Matta Amaral, antigo Bispo de Manaus.

## Homenagens póstumas a JOÃO LEDA

Com o desaparecimento do nosso eminente colega Prof. João Leda, ocorrido a 1º de março último, silenciou uma das grandes vozes da filologia luso-brasileira. O mundo intelectual do Brasil perde assim uma das suas notáveis figuras de escritor, filólogo e polemista invencível. Foi João Leda, em nosso país e em Portugal, dos primeiros a pesquisar, divulgar e interpretar as preciosas gemas do vocabulista de Seide. De Rui, igualmente, o foi, no investigar os neologismos criados por êsse gênio verbal. Vieira, para o Mestre insigníssimo de "Nossa Língua e seus Soberanos", foi a maior expressão da vernaculidade em nosso idioma.

Membro fundador da Academia Amazonense de Letras, nela ocupava a poltrona número 17, que tem como patrono José do Patrocínio. "Vocabulário de Rui Barbosa", "Os Áureos Filões de Camilo", "Nossa Língua e seus Soberanos" e "A Quimera da Língua Brasileira", livros de sua autoria, eis as obras que lhe revelaram a indisputável proficiência de conhecedor profundo do idioma de Camões.

Numa honrosa e merecida homenagem ao alto valor do nosso pranteado confrade, que era, já agora, uma das figuras maiores das letras nacionais, o Presidente da Academia deliberou que o Sodalício se transformasse em Câmara Ardente, exposta à visitação pública até o derradeiro instante. Êsse gesto de nobre significação de Pericles Moraes se completou, a seguir, com a deliberação para que às expensas da Academia se realizassem os funeráis do grande morto.

Às suas exéquias compareceram, além dos acadêmicos, autoridades civis, militares, eclesiásticas, amigos e admiradores do renomado escritor, solidarizando-se conosco no imenso golpe que sofremos.

Reproduzimos abaixo os artigos, telegramas, ofícios, recortes da imprensa e outras notas referentes ao infausto acontecimento.

**"A Tarde", de 3 de março, publicou o seguinte artigo do acadêmico Aristophano Antony:**

### **LUZ QUE SERÁ ETERNA**

Ontem, em manhã clara e luminosa, levámos aos sete palmos de chão, todos nós com o coração ferido pelo espetáculo doloroso e acabrunhador, que a morte impõe, o nosso querido João Leda. Nós o sabíamos, há mais de seis meses, irremediavelmente perdido. Sempre estivemos, nas horas mais cruciantes, ao seu lado. Ele, sujeito a colapsos frequentes, tinha a convicção de que não se levantaria mais. Passadas, porém, as crises agudas, seu espírito reverberava e o homem de cultura e de pensamento, voltando a si mesmo irradiava sabedoria. Seu médico assistente, o devotado e culto dr. Olavo das Neves, não escondia o seu assombro. E nós, também, diante da sua resistência extraordinária, da lucidez que demonstrava depois das ameaças que o assaltavam, ficávamos perplexos! Um dia, quando pensávamos que o fim havia chegado, deu-se a ressurreição. E o mestre bem amado, alheio às inquietações que o rodeavam, diante do cientista ilustre que o acompanhava com extremos de carinho, passou a dissertar sobre a vida e a obra do padre Antonio Vieira! Assim mesmo, nos instantes mais cruciais, quando dêle me acercava, tomando-lhe as mãos finas para perguntar como estava passando, êle vencidos os novos perigos, dizia, paternal como sempre: — "Como vais, meu caboclo?". E, compreendendo a insistência dos seus amigos e discípulos, que tanto se compraziam em vê-lo e assistí-lo, aconselhava que fossemos dormir. Teimosamente, ficávamos ao seu lado, assistindo, compungidos, a dedicação surpreendente de dona Augusta, a sua espôsa, que não o deixou um só instante, a chorar sòzinha, na antevisão do momento supremo em que a morte viria, para levar o seu marido idolatrado, o companheiro de tantos anos de alegrias e desventuras.

\* \* \*

Dois dias antes da morte de João Leda, pelo telefone, mestre Pericles Moraes, com os requintes da sua bondade e da sua ilustração, advertiu-me que o fim do grande filólogo estava para chegar. Afirmava-me isso, mal contendo o seu acabrunhamento, a sua desolação em face do amigo

e do companheiro que lhe era inseparável. No dia imediato, foi Mendonça de Souza quem, diante do estado comatoso do enfermo, mandou avisar-me que a hora fatal se aproximava. Fui vê-lo, o coração sobressaltado. Logo à entrada da residência, deparei, apreensivos, dois acadêmicos insígnies: — D. Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano, e o reverendo padre Raimundo Nonato Pinheiro. Dêles indaguei pelo doente, obtendo como resposta a certeza do óbito inevitável. Ficamos todos em silêncio. Formou-se, após, um grupo de componentes da Academia Amazonense de Letras, combinando, por antecipação, as honras que seriam prestadas ao mestre e companheiro que estávamos para perder. E foi nessa expectativa dolorosa, que deixei a casa do nosso querido confrade, para voltar à redação. À tarde, estava eu no meu posto, escrevendo o comentário para o dia imediato, quando o telefone tilintou. Era Valois Coelho quem me transmitia, a mim que já a esperava, a notícia trágica: — "Aristophano, o mestre Leda acaba de falecer". Era o fim que temíamos. E não teria nunca mais, eu que sempre sentei ao seu lado, nas tertúlias do Silogeu que êle ajudou a criar, a sua palestra amiga, os seus ensinamentos, a cintilância do seu espírito, a não ser através dos livros que legou à posterioridade e que ficarão, para sempre, enriquecendo a literatura luso-brasileira. Dêle, além da sua obra imperecível, ficará a saudade que nos deixou. Saudade profunda, que será perene em nossos corações.

\* \* \*

João Leda me conheceu menino. Era amigo de meu pai, de tôda a minha família. Quando ingressei no jornalismo, onde imperava e o respeitavam e temiam, já lhe haviam assegurado a nomeada de preliador indomável. Fiz-me homem e, respeitando-o, mereci a sua estima. Entre nós, não houve nunca um ressentimento. Anos depois, a 13 de Agosto de 1949, era eu recebido na Academia Amazonense de Letras, pela palavra luminosa de Pericles Moraes Presidindo os trabalhos, João Leda recordou a minha infância e, generoso e bom, disse coisas amáveis a meu respeito. Em seis anos de trato quasi diário, alicerçámos a nossa amizade. Trocávamos, na intimidade, opinião sobre homens e livros. E era com sofreguidão que escutava os seus conceitos e as lições de cultura que nêsses momentos,

eu recolhia do seu espírito. Na sua simplicidade enternecedora, João Leda a todos encantava. Nunca ouvi, da sua boca, um dispatério ou uma irreverência. E nós o venerávamos, por isso mesmo. E nós o bem queríamos, por ser não apenas um mestre em questões vernaculares, mas um animador e amigo dos que, nas incipientes manifestações da inteligência, dêle se acercava para recolher os seus ensinamentos e solicitar, em horas difíceis, auxílio às trevas em que nos debatíamos. Foi êsse homem bondade, foi êsse homem coração, foi êsse homem sabedoria, que as letras nacionais acabam de perder. Foi êsse homem que levamos ontem, compungidos e arrasados, ao cemitério São João Batista. Sua vaga, na Academia Amazonense de Letras, será difícil de preencher. A cadeira de José do Patrocínio, que êle criou e tanto soube enaltecer e dignificar, coberta de crepe continuará, por muito tempo, na areópago supremo, sempre irradiando luz, muita luz para todos nós.

**O acadêmico Moacyr Rosas, sob o pseudônimo de Pablo Cid, escreveu o seguinte:**

### **MESTRE JOÃO LEDA**

As vossas pálpebras estão cerradas e o vosso sono é eterno. Mas, só agora podeis enxergar, distinguir o verdadeiro carro da glória — a majestosa berlinda puxada por cisnes dourados, governados pelas ebúrneas mão de Apolo.

Assim como Stefan Zweig dissera, numa circunstância igual a esta, à aba do túmulo do grande Freud, que era daquêle doloroso instante que o nome do incomparável cientista vienense ia crescer para o mundo, também podemos repetir a imagem: é dêste momento que João Leda vai atingir o seu colossal tamanho em cis-transatlântico.

Não dizemos, como o acadêmico Mendonça de Souza, que vós, um homem sábio como o demonstrastes ser, ereis digno de uma estátua. Não. Não repetiremos as palavras do ilustre historiador, porque nenhuma estátua que os maranhenses ou os amazonenses erguessem teria o tamanho desta coluna de sabedoria como são os vossos livros.

Mesmo que não houvesse os vossos livros monumentais, ainda continuareis bem vivo no coração daquêles que tiveram a suprema felicidade de compartilhar do vosso círculo de amizades. Um escritor europeu, falando de Victor Hugo, afirmara que êle era gênio porque soubera



reunir talento e caráter. E em tôda vossa vida, mestre querido, mestre João Leda, fôstes caráter e talento. Não lavrestes a terra como o homem da Bíblia, mas fôstes um impecável modelo de dignidade humana.

A vossa modelar conduta na terra, vos credencia perante a bondade de Deus.

(Gazeta — 2-3-55).

**Do "Jornal do Comércio, de 6 de março, êste artigo do acadêmico Padre Nonato Pinheiro":**

### **"MORTO AINDA FALA"**

O apóstolo São Paulo, em sua Epístola aos Hebreus, referindo-se ao justo Abel, cuja fé enaltece, escreveu esta frase lapidar: "defunctus, adhuc loquitur" (morto, ainda fala!) A expressão do egrégio bandeirante do Evangelho lucila-me no pensamento, desde que li, profundamente comovido, uma epistola que o inolvidável vernaculista João Leda me endereçou, e que, por um dêsses misteriosos caprichos do destino, só me chegou às mãos depois que o sábio autor já se encontrava na Eternidade. Lendo-a, em tais condições, é como se ouvisse uma voz partida do Além, uma mensagem de quem já atravessou as fronteiras do túmulo para ingressar na verdadeira imortalidade: "defunctus, adhuc loquitur".

Estando na residência do extinto, na intenção cristã e sacerdotal de confortar um pobre coração submerso nas angústias dolorosas da viuvez, fui surpreendido com o precioso documento, perdido entre os manuscritos do insigne morto, carinhosamente conservados pela dedicada família, ainda mal refeita do martírio inoportável do dia 1.º de março.

D. Augusta, acompanhada de sua afetuosa filha, quis conduzir-me à biblioteca do pranteado morto, instalada na parte térrea da residência, onde êle tinha o seu gabinete de leitura, e onde se entregava, paciente como um beneditino ou um carmelita, aos longos serões com que invadia os vastos domínios da língua portuguesa. Aliás, numa revelação que muito me comoveu, declara mais de uma vez à desvelada e estremecida esposa: "Tendo necessidade, você poderá vender meus livros. Recomendo-lhe, porém, especial carinho para com as minhas produções, os frutos das minhas pacientes pesquisas e estudos através de uma longa

vida. Não consinta que os meus manuscritos e os meus documentos caiam em outras mãos que não sejam as de Pericles, de Mendonça e do Padre Nonato!"

A virtuosa viúva, cujo coração ainda sangra a sangrará por muito tempo, conduziu-me no dia 4 do fluente, sexta-feira, àquele recinto silencioso e austero, onde o artista fabricava as joias refulgentes de sua ourivesaria literária. Muitas vêzes lá entrei, e muitas vêzes ouvi, sempre com interêsse e encantamento, a douta palavra do Mestre e Amigo! E agora, com uma surprêsa comovedora e agradabilíssima, me falava depois de morto: "defunctus loquitur..

Com o cuidado e a veneração de quem toca relíquias, percorri de vô seus numerosos manuscritos e suas páginas datilografadas: originais de artigos, discursos, conferências, estudos linguísticos, trabalhos de crítica literária, ofícios, memoriais, etc., etc. Despertou-me a atenção o escrúpulo extraordinário de João Leda na conservação de documentos comprovantes do seu longo "curriculum vitae", quer como homem particular, quer como homem público. Passei tôda a manhã de sexta-feira no seu gabinete de leitura, em presença da viúva desolada e da neta dedicada, a quem criava como filha extremosa. Vi e sentí o que foi sua atuação como servidor público do Estado, e verifiquei que a coroa ofertada pelo Exmo. Sr. Governador do Estado foi algo mais do que simples cortesia social! Conheci de pleno, através daqueles preciosos documentos, como João Leda se conduziu na direção do Diário Oficial e na provedoria da Santa Casa de Misericórdia.

Objeto de particulares atenções foram as numerosas cartas carinhosamente conservadas no seu arquivo, mórmente as epístolas assinadas pelos grandes mestres do nosso idioma. Lá encontrei missivas de João Ribeiro, Mário Barreto, Laudelino Freire, Sá Nunes, Pedro Pinto, Silveira Bueno, e de escritores de alto coturno, como Aluísio de Castro e Luís Viana Filho.

A correspondência mais frequente é a de Sá Nunes. Aliás, isso não me causou surprêsa, pois, no Rio de Janeiro, residindo na mesma Rua Benjamin Constant, onde mora a família Sá Nunes, tomei conhecimento, pela própria voz do egrégio vernaculista baiano, dos pormenores dessa vetusta e fervorosa amizade. Não me surpreenderam, portanto, estas palavras indicativas de uma profunda afeição, consolidada por laços indesatáveis: "Nada neste mundo se compara com uma alma irmã da nossa alma. Por isso é que

as suas letras, desde o sobrescrito, me causam um alvoroço, uma agitação no íntimo, como às vezes sucede ao receber de meus pais" (Carta do dia 10 de dezembro de 1926, escrita em Curitiba).

Conheci plenamente o valor mental e o riquíssimo cabedal de ciência que João Leda possuía em assuntos de língua portuguesa. Sabia-o respeitado nas duas pátrias de idioma comum. Entretanto, em contacto com os venerados papéis que tive a ventura de examinar, sob a dobrada emoção da confiança em mim depositada pela veneranda senhora, e das determinações do saudoso extinto, que me incluiu na tríade afortunada dos que lhe podiam percorrer os documentos, senti que se me intensificava o culto que sempre votei à sólida cultura do meu querido Amigo, em questões de linguagem. Foi quando vi o grande Mário Barreto, objeto de restrições por parte de João Leda, em algumas frisantes divergências, escrever-lhe, submisso como um cordeirinho, estas palavras surpreendentes: "De autores de muito mais elevada categoria que eu igualmente discorda V. Excia. e o querer pôr-me na mesma plana dêles é generosidade que muito e muito me penhora"! (Carta de 11 de setembro de 1928, escrita no Rio de Janeiro). Os que conhecem esse "genus irritabile" de filólogos, para lembrar uma expressão de Ruy, saberão aquilatar o valor dessas palavras, em que o sábio autor de "Através do Dicionário e da Gramática" lhe enviava uma braçada de flores!

Emocionei-me, porém, profundamente, quando D. Augusta e Augustinha me passaram às mãos os últimos escritos do preexcelso linguista. Era uma carta a mim endereçada, do próprio leito de dor, logo que leu o artigo "Estética da Língua Portuguesa", de minha lavra, dado à estampa no cenceituado vespertino "A Gazeta". É, para cúmulo de minha sensibilidade e plenitude de minha alegria, deparavam-se-me dois exemplares da referida epístola: um escrito pelo próprio punho, com aquela letrinha que nós tão bem conhecemos; outro, era a cópia manuscrita pela neta e assinada pelo Mestre, na suposição de que eu não mais lhe reconhecesse a letra, algo alterada pela debilidade daquela dextra que tantos primores escreveu para gáudio dos amantes da boa linguagem. Transcrevê-la-ei, para que a intelectualidade do Amazonas tome conhecimento de um curioso paralelo que êle próprio traçou entre si e o artista

Pericles Moraes, comentando o trecho em que eu apresentava os dois insígnies escritores para modelo dos jovens estudantes:

"Meu caro Padre Nonato:

"Recebi à tarde de ontem, no momento mesmo de começar sua circulação cotidiana, um exemplar de "A Gazeta", onde, sob a epígrafe "Estética da Língua Portuguesa", escreveu você uma brilhante crônica sobre gramáticos e linguagem luso-brasileira. Como sempre, recamou-a de dizeres singelos, mas vernáculos, com a graça das imagens infalíveis nos seus escritos, como que a lhes põem em relêvo as galanices e louçanias.

Perdô-lhe de coração o pecado de me haver inserido no rol luminoso dos estetas da nossa língua, ao lado do imponente Péricles Moraes. Péricles é, em verdade, um esteta. Penso que, se lhe queimarmos o fígado, as costelas, o estomago, qualquer órgão enfim, esse órgão resistirá um pouco, como se estivesse a reclamar inclusão em alguma frase musical em elaboração. É um homem que pensa e escreve como se o fizesse marcando notas, ouvindo bemóis e sustenidos, fazendo arcos na pauta, como se de toda a composição só lhe estivesse agradando um quase nada. Já tive ocasião de ver algumas vêzes as torturadas folhas escritas de Péricles. É uma hecatombe, um morticínio de entidades gramaticais: logo ao início um advérbio degolado com furioso traço da pena; mais longe, um verbo que escorre suas lágrimas pelas pernas de um substantivo, já fuzilado com duas preposições a pedir socorro num farrapo de frase só perceptível pelos cultores da Paleografia.

"Que pontos de contacto descobriria, pois, o ilustre Padre Nonato entre mim e o beneditino Péricles, escrupuloso ao ponto de não confiar à memória a grafia dos nomes, e revê-la quantas vêzes o assaltem dúvidas, e capaz de revisar cem provas para obstar um palavrão no seu escrever, onde a musicalidade do fraseio pode correr parêlhas com a casticidade das idéias? Um homem assim não pode afinar com outro que lhe é oposto em tudo: não lhe adota os processos da escritura, não perlustra os mesmos autores prediletos. Mui ao contrário, versando clássicos há quarenta anos, com eles aprendeu a desvenerar zumbaias e

salamaleques, a não rasgar sedas senão com quem as usa de insuspeita origem. Com tôdas essas coisas, perdeu também a balda de turibular autores que não sejam de 24 quilates, isso para não serem duas as bestas, consoante a sentença irrecorrível do mestre Camilo.

“Outro traço que marca a grande diferença entre mim e Péricles: enquanto êle se mostra de singular indiferença para com quantos lhe jogam pedras contra sua torre de marfim, eu de bom grado dou uma costela por um bate-boca nas gazetas, desde que o adversário não suprima a gramática nem ultraje o senso comum. Talvez evocando alguns palúrdios a quem tenho escorchado em quatro livros, pela péssima doutrina que ministram à mocidade estudiosa de nossa língua, talvez por isso é que o Padre Nonato, equivocando-se possivelmente com o estalido das minhas lombadas, o confunda com as sinfonias verbais de Péricles, em cuja obra, na realidade, há tudo quanto revela o verdadeiro esteta.

Um abraço do João Leda.”

**O Professor João Chrysostomo de Oliveira escreveu no “Jornal do Comércio”, de 6 de março:**

**JOÃO LEDA —**

### **O FASCINADO DA “PLETORA VOCABULAR”**

Tombou para sempre a respeitável figura do grande filólogo João Leda.

Tombou, por inelutável coincidência histórica no mesmo dia da morte de Ruy Barbosa, ocorrido há 32 anos, morte que abalou tão profundamente o grande filólogo que êle teve impulsos de rasgar e destruir os originais do seu precioso e magnífico livro “Vocabulário de Ruy Barbosa”, relicário de cultura e de grande e justas homenagens ao famoso gigante do pensamento nacional. Êle chegou a confidenciar-me: “Preparei aquela obra com verdadeira paixão pela assombrosa cultura do Mestre. Desejava que Êle a manuseasse e sentisse a parcela de minha admiração pelo seu estupendo poder verbal. E quando soube de seu desaparecimento um profundo desgosto se apoderou de mim e tive ímpeto de destruir totalmente o trabalho de muitos anos,



não o fazendo por interferência de amigos". A 1.º de março de 1923, foi-se o grande Mestre homenageado póstumamente pelo notável filólogo e a 1.º de março de 1955 partiu para o mesmo destino o ínclito cultuador da riqueza vocabular do príncipe da eloquência brasileira.

João Leda foi exemplo de um verdadeiro milagre de auto-didatismo. Ele próprio foi a sua academia. Ele próprio foi o seu curso de humanidades. Ele próprio constituiu a sua faculdade de filosofia, haurindo entre as quatro paredes de sua biblioteca, no silêncio das noites incontáveis, um manancial de cultura clássica. A fonte que ele nunca deixou de explorar diuturnamente foi a língua pátria através do contacto habitual com os clássicos, através do conversar constante com os mestres da boa linguagem.

Sentia um verdadeiro fascínio por Bernardes, Vieira, Herculano, Camilo, Ruy e outros astros que eram soberbamente meneados em seus veios expressivos que o Mestre não somente assimilava mas também, e sobretudo, — aí está seu grande mérito de professor filólogo — divulgava com verdadeira unção de quem oferece maravilhosas relíquias a contritos devotos. Só a pletora vocabular, — disse o grande Mestre em "Aureos Filões de Camilo" — pacientemente catada nos ignorados filões do classissismo e na pitoresca fala popular, e metodicamente disposta num léxico com os seus mais tênues matizes de significação, poderá conseguir esse belo escopo, virilizando e hematizando o organismo do nosso idioma". Eis a sua santa paixão de garimpeiro que não foi compreendida por Cândido de Figueiredo, que solene e ultramontaneamente despresou a sua magnífica e expressiva colaboração oferecida em "Aureos Filões de Camilo" e "Vocabulário de Ruy Barbosa" ao pindarizado "Novo Dicionário" do vocabulista lusitano, colaboração que além de despresada foi retribuída com o azedo, descabido e desaforado epíteto ao colaborador: "mediocridade insolente".

E não se diga que João Leda tinha em seu estilo o ranço pesado dos quinhentistas ou seiscentistas, a monotonia das longas tiradas clássicas, o cansativo modo de dizer das eras pristinas. Não. O seu estilo era vivo e movimentado. A sua prosa era suave e atualizada. O seu modo de dizer era vibrante e dominador. A graça de Bernardes, a vibratilidade de Vieira, a profundidade e a ironia de Camilo, a severidade de Herculano e a impetuosidade e a pujança de Ruy eram sábia e agradavelmente amalgamados no estilo

de João Leda que, em tudo o que abordava, prendia e encantava com o segredo dessa poderosa amálgama.

Como polemista, era arguto e perspicaz discípulo de Camilo, na sua contundência e ironia, seguidor de Vieira, na sua exaltação e palmilhador de Ruy na sua dialética poderosa.

Sabia viver os assuntos que explanava, vivendo com verdadeira fascinação a vida das palavras que empregava.

A famosíssima Revista da Língua Portuguesa, dirigida por Laudelino Freire, sempre colocou João Leda na galeria dos seus mais respeitáveis e ilustres colaboradores, dada a sua grande autoridade nos problemas linguísticos e filológicos, sobejamente demonstrada nas suas preciosas obras "Aureos Filões de Camilo", "Nossa Língua e os seus soberanos", "Vocabulário de Ruy Barbosa" e "Quimera da Língua Brasileira" além de muitos artigos esparsos.

Esgrimidor de primeira linha, nas pugnas do vernáculo e do jornalismo, João Leda sabia também ser compassivo, bondoso e até paternal com aqueles que lhe traziam suas apreciações e com propósitos edificantes.

Relíquia das mais preciosas é a carta-bilhete que o querido Mestre me enviou, quando publiquei três artigos de apreciação despretençiosa ao seu monumental "Vocabulário de Ruy Barbosa", correspondência que vale como atestado de nobreza e complacência do Mestre para com um neófito e que conservo como uma peça valiosíssima entre os documentos que são mais estimados em meu arquivo. Eis o precioso documento:

"Caro João Chrysostomo.

Li hoje no JORNAL DO COMÉRCIO a terceira das suas belas e amáveis crônicas sôbre o meu livro "Vocabulário de Ruy Barbosa". Muito apreciei os seus reparos quanto às minhas omissões do que já ensinara a respeito de certas palavras o mui acatado Constâncio e não imagina como me desvaneceu o verificar que o extinto lexicólogo coincidiu em muitas exegeses com as minhas, feitas tantos anos depois. Durante a laboração do meu trabalho, só não consultei o Constâncio por não conhecer alguém que o possuísse em Manaus, terra assaz ingrata, como você bem sabe, para investigações desta natureza.

Muito grato seu velho amigo João Leda"

21/11/50.

O passamento do ilustre professor João Leda trouxe

para o nosso meio cultural não um vácuo, não uma lacuna sómente, mas um estado de calamidade espiritual que sempre ocorre quando um vulto oracular do seu porte desaparece. Oráculo êle sempre o foi em assunto de sua paixão cultural. E oráculo êle sempre o será com o exemplo edificante e a obra invejável que deixou.

D. Albina e minha estimada aluna Leda que estais consternadas com a ausência insuportável do vosso espôso e avô: recebendo o meu amplexo de condolências sinceras, escutai sempre êsse oráculo em vossos corações e êle vos consolará através da trilha digna que deixou.

Academia Amazonense de Letras que estais abalada com a queda de uma das mais fortes colunas da vossa glória: escutai sempre êsse oráculo na consciência dos vossos ilustres membros e êle reedificará esta coluna mais fortalecida com o material sublime de sua obra admirável amalgamada com o padrão formoso do seu caráter adamantino que há de servir para modelar as gerações futuras que se hão de habituar às lides mentais.

**Do escritor Joaquim Vieira da Luz, da Academia Maranhense de Letras, no "Jornal do Brasil", de 14 de março:**

VULTOS MARANHENSES

### PROFESSOR JOÃO LEDA

**Joaquim Vieira da Luz**

(Da Academia Maranhense de Letras)

O mundo intelectual brasileiro vem de perder uma das suas expressões máximas — o filólogo maranhense Professor João Leda, cidadão probo que, pela sua extrema modéstia, vivia quase ignorado e desconhecido nos confins do Norte, em Manaus, para onde fôra muito novo ainda, acompanhando o pai, Mariano Cesar de Miranda Leda, professor particular e jornalista de "sangue na guelra", que, pela sua independência e carater inamoldável, foi forçado a aceitar um emprêgo nos Correios, "sob a condição de ser logo removido de São Luiz para Manaus, a fim de tranquilizar a adversa grei governeira" . . .

João Leda, como filho mais velho do desterrado postalista, acompanhou o pai ao exílio que lhe foi imposto e

aceito somente para assegurar a subsistência da família, deixando, assim, amargurado, entregue às estéreis lutas políticas, sempre sempre infelicitadoras, a querida terra ateniense.

Aos 18 anos, ainda em São Luiz, João Leda iniciou a sua carreira de jornalista, profissão que exerceu continuamente, em vários jornais amazonenses, durante mais de quarenta anos, tendo envelhecido "no batente", como se costuma dizer e repetiu em honrada carta que nos escreveu há um ano.

Na vida pública, foi o Professor João Leda diretor da Secretaria da Assembléa Legislativa do Amazonas, cargo no qual estava aposentado, tendo também dirigido a Santa Casa de Misericórdia e a Imprensa Oficial. Era presidente da Assembléa Geral da Associação Amazonense de Imprensa e vice-presidente da Academia Amazonense de Letras, em cujo quadro de sócios efetivos formava a trindade de maranhenses ao lado de Raul de Azevedo e do Professor Felix Valois Coelho.

Amante da pureza da língua de Camões, dignificada por Gonçalves Dias, João Lisboa e outros grandes de Atenas, o Professor João Leda consagrou longos anos ao seu estudo. Com excessos de modéstia assegurava que somente por mero diletantismo, sem vaidades filológicas, dera a lume a quatro livros que os competentes diziam-lhe conferirem o direito de morrer com a consciência de que deixaria algo que lhe recordasse o nome.

Muito embora tenham as decepções e agruras da vida inoculado no seu espírito tremendo derrotismo, dizendo-se "forrado de irreductível cepticismo", não acreditando na consagração póstuma, "nem que sobrenadem no olvido geral do nosso País os mais alcandorados nomes que o têm glorificado pelo saber e pela cultura", citando como exemplo "o máximo entre os maiores — Ruy Barbosa, que nos dá a impressão de haver morrido lá pelo século décimo, e morrido tão definitivamente, que nem mesmo por mero acaso o relembram", a despeito de todo este cepticismo, somos dos que participam da crença de que autores como o Professor João Leda serão sempre lembrados e recordados através dos seus magníficos livros: **Vocabulário de Ruy Barbosa**, São Paulo, 1934, **Os Aureos Filões de Camilo**, **Nossa Língua e seus soberanos** e **A Quimera da Língua Brasileira**, Manaus,

1939, trabalhos que realmente consagram o seu nome e o dignificarão em todos os centros de cultura, na presente e nas gerações por virem.

\* \* \* \*

Quem escreve estas notas não era conhecido, nem teve a honra de conhecer o Professor João Leda. Apenas fez-lhe uma carta, em fevereiro do ano passado e recebeu cativante resposta datada de 5 de março, deixando para escrever-lhe novamente quando lhe enviasse os livros **Dunshee de Abranches e outras figuras** e **Fran Paxeco**, cuja conclusão ficou bastante retardada, chegando, porém, a enviar-lhe o livro do Professor Jerônimo de Viveiros — **História do Comércio do Maranhão**. Dois livros seus prometidos na referida carta não chegaram às nossas mãos, infelizmente; possuímos, apenas, **Vocabulário de Ruy Barbosa**, agora tornado mais precioso.

João Leda, abroquelado à exagerada modéstia, muito natural a um quase octogenário, disse-nos, naquela carta:

"Somente para corresponder ao pedido que me faz com tamanha gentileza, anuo em endereçar-lhe estas notinhas que me dizem respeito e que jamais forneci a ninguém, comprazendo-me na minha obscuridade. Acredite que, mesmo quando mestres da estatura de João Ribeiro e Silveira Bueno discorreram acêrca de trabalhos meus com gabos assás penhorantes, como aconteceu com **A Quimera da Língua Brasileira**, saudada pelo segundo dêsses filólogos como "o melhor livro de língua portuguesa nestes últimos anos"; nem mesmo nêsse instante me pruiu a vaidade de divulgar tal conceito aos amigos mais íntimos, preferindo deixá-los dormir serenamente na revista universitária que o estampou".

A propósito do livro referido, tomamos da **Revista das Academias de Letras**, órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil, ano IV, n. 20, abril de 1940, as seguintes notas:

"Um dos grandes documentos desta hora, quando a língua portuguesa no Brasil está sendo tratada, estudada, defendida, como nunca o fôra nem mesmo no país de que procede, é êsse livro grandioso que o erudito Sr. João Leda acaba de distribuir, para o maior prestígio e glória dessa língua.

O problema da língua, o brasileirismo perante o



léxico, a língua popular na literatura, a fala popular no Brasil e em Portugal, os vícios de linguagem etc. constituem temas do livro e são desenvolvidos com uma superioridade de visão crítica, de elevação de saber, de desassombro nos conceitos e na defesa, a ponto de se não poder negar jamais, ao Sr. João Leda, autoridade e prestígio para falar da língua, das suas virtudes e eloquência.

E neste momento em que a FALB trabalha pela solução das dificuldades da língua, no sentido de uma uniformização de nomenclatura gramatical, de pronúncia normal e de orientação filológica entre brasileiros, o Sr. João Leda não poderá negar a sua excelente cooperação, porque, em prestando tal serviço, se honrará, como dignificará a Academia Amazonense de Letras, a cujo quadro pertence.

A quimera da língua brasileira fica realmente desfeita com o livro do Sr. João Leda".

Nomes como o do Professor João Leda e livros do porte dos de sua autoria não caem no esquecimento: ficam e perduram através dos tempos — como o amor definido pelo poeta desconhecido:

O amor é escada sublime,  
Vasta, imensa, luminosa,  
.....  
.....  
Se o fogo de mil crateras  
Tombasse sôbre o universo  
E mar e homens e feras  
Ficasse tudo submerso,  
Embora! Passado um dia,  
Nalgum ângulo de rocha,  
Onde a urze desabrocha,  
O amor desabrocharia.

O Maranhão se orgulhece de possuir, ainda, figuras do alto porte e da estirpe do varão ilustre cujo desaparecimento o Brasil deplora.

**Do Jornal do Brasil, de 4 de março, a seguinte crônica sem o nome do autor:**

### **DE LUTO A FLOR DO LÁCIO**

— Um dos grandes sabedores de nossa língua, daquele sabor clássico hoje esmaecido, acaba de silenciar.

João Leda morreu.

Escalando, embora, às vezes, as agrestias do gongorismo, foi estilista encantador, que eleganciava os períodos tanto quanto os casquilhos aprimoram o traje.

Páginas existem, de João Leda, que valem por modelos de eloquência e correção, qualidades indispensáveis no momento, diante da insciência ostensiva — que transformou a cultura em produto da geração espontânea. . .

De seu amor ao idioma bastará lembrar que, superiormente, polemizou com o debil vocabulista Candido de Figueiredo, a fim de se não perderem milhares de ótimas palavras indicionarizadas.

Era especialmente no altar de Ruy Barbosa que João Leda queimava incenso. Depois, no de Camilo Castelo Branco.

Assim, do gênio verbal que se eternizou na "Réplica" magistral, como do extraordinário romancista de "Doze casamentos felizes", colheu opulências deslumbrantes.

A batéia de seu trabalho, encheu-a João Leda, fervorosamente, do ouro e das pedras preciosas que, a eito, se encontram nos livros de Rui e de Camilo.

Modesto, afastado sempre das lisonjas e das fascinações das metrópoles que congregam homens cultos, o maranhense João Leda vivia a laborar em seu amado Amazonas — misto de artista e de monge.

Estamos apolegando "Os soberanos do vernáculo" "Vocabulário de Ruy Barbosa", "Os áureos filões de Camilo" — onde se irmanam o erudito, o filólogo, o esteta.

Artigos seus figuram na "Revista de Língua Portuguesa" envoltos na sutil fragrância da perene flor do Lácio.

Que o Brasil, de norte a sul, recorde as obras e o nome de João Leda — esse incansável proletário do pensamento!

**Da imprensa local :**

**De A GAZETA, de 1.º de março :**

**ENLUTADO O AMAZONAS : FALECEU O FILÓLOGO**

**JOÃO LEDA**

**Câmara ardente na Academia — Os funerais**

Cumprimos a dolorosa missão de noticiar o falecimento do escritor João Leda, vulto dos mais categorizados do país no setor do vernaculismo, verificado hoje, às 13,55 horas.

Após cruciantes sofrimentos, suportados com enfibertura e raro estoicismo, sucumbiu o venerando mestre aos 77 anos de idade, cercado dos carinhos e atenções dos parentes e amigos. Nascido em São Luís do Maranhão, o extinto havia fixado residência definitiva no Amazonas desde longa data, aqui contraindo núpcias com a exma. senhora D. Albina Augusta Veiga Leda. Funcionário público, serviu durante longos anos na secretaria da Assembléia Legislativa, tendo sido aposentado no grau de Diretor, após uma fôlha de ingentes e inestimáveis serviços. Foi, ainda, diretor da Imprensa Oficial e provedor da Santa Casa de Misericórdia.

Homem de letras, João Leda era sócio fundador da Academia Amazonense de Letras e ocupava no Silogeu a cadeira n. 16, cujo patrono é José do Patrocínio. Seus conhecimentos profundos da língua portuguesa credenciam-no assim no Brasil como em Portugal, como um dos mais autorizados sabedores do idioma comum. Suas predileções cedo se voltaram para a Filologia, sôbre cujo assunto deixou inúmeros trabalhos em jornais e revistas, particularmente os livros de sua autoria "Nossa língua e seus soberanos", "Os áureos filões de Camilo", "Vocabulário de Ruy Barbosa" e "A quimera da língua brasileira", obras que produziram sulcos profundos entre os estudiosos da língua de Camões.

Na imprensa, João Leda ocupou um lugar de alto relêvo. Era, sem favor, um dos grandes mestres do nosso jornalismo, mantendo sempre bem elevado o primado do espírito e da inteligência, mercê da invejável cultura de que era possuidor e dos raros dotes de expositor e polemista. Algumas de suas polémicas marcaram época nos anais da

imprensa planiciária, saindo-se sempre vencedor, coroado de louros. Seus indiscutíveis méritos levam-nos a afirmar que seu nome se projetou dentro e fóra do país, e nós sentimos que esta perda é nacional.

O extinto deixou um único filho, o sr. Arthur Leda, residente em Pernambuco, e uma neta, a jovem Maria Augusta Leda, aluna do Instituto de Educação, ficando na viuvez sua digna consorte D. Albina Augusta Veiga Leda.

O escritor Pericles Moraes, presidente da Academia Amazonense de Letras, deliberou que o Silogeu fôsse aberto em câmara ardente, abrigando o corpo de um dos seus maiores luminares, cujo trespasse veio restringir o número reduzidíssimo de sócios fundadores. Foi ainda decidido pela nobre Companhia que o acadêmico padre Nonato Pinheiro interpretasse os sentimentos da Casa ao baixar o corpo à sepultura. O exmo. e revmo. sr. Arcebispo Metropolitano, acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos, administrou os últimos sacramentos e dará no Silogeu a absolvição ao cadaver. O féretro sairá da Academia precisamente às 10 horas de amanhã.

A GAZETA, que sempre teve em João Leda um mestre e um amigo, participa do luto que envolve a imprensa do Amazonas, e envia sentidas condolências à família enlutada.

**Do JORNAL DO COMÉRCIO, de 2 de março :  
UMA PERDA NACIONAL : FALECEU O FILÓLOGO**

**JOÃO LEDA**

**O corpo no Silogeu, em câmara ardente — Homenagens  
oficiais da Academia — Os funerais**

A cidade foi abalada com a notícia célere do falecimento, às 13,55 horas de ontem, do escritor João Leda, figura de nomeada nacional na esfera da filologia. O ilustre maranhense radicou-se ao Amazonas desde os mais verdes anos de sua mocidade, tendo-se distinguido especialmente no cultivo das belas letras.

Sócio fundador da Academia Amazonense de Letras, tomou como patrono de sua poltrona o escritor José do

Patrocínio. No jornalismo planiciário desde cedo firmou um lugar de alta posição, pela cultura de que era possuidor, pela vibração e colorido de estilo e, sobretudo, pela pureza cristalina da fôrma impecável com que manejava o idioma. De feito, João Leda foi acima de tudo um primoroso vernaculista, ombreando-se com os mais altos padrões de vernaculidade, assim no Brasil como em Portugal. Ficaram famosas, na imprensa do Amazonas, suas polémicas de natureza filológica e suas crônicas soberbas versando os mais variados assuntos. Entre suas notáveis produções, ressaltam-se os livros "Nossa língua e seus soberanos", "Vocabulário de Ruy Barbosa", "Os áureos filões de Camilo" e "A quimera da língua brasileira", obras de irrecusável valor literário e linguístico, em que marmorizou grandes monumentos em louvor da língua portuguesa.

Na Academia Amazonense de Letras, João Leda projetava um clarão permanente e inapagável. Investido nas funções de Vice-presidente, coube-lhe inúmeras vezes preencher o lugar do preexcelso Pericles Moraes, quando se ausentava do Estado. As palavras de abertura das sessões solenes, as conferências e discursos acadêmicos mantinham-no numa perpétua sideração. Era o sábio e o mestre que pontificava, ao lado de Pericles Moraes, trazendo sempre o alforge do seu espírito repleto de belezas e de fulgurações, para encantamento e enlêvo de quantos o ouviam. Com a morte do eminente acadêmico, dá-se uma vaga no Silogeu difícil de ser preenchida !

Como funcionário público, serviu ao Estado com dedicação e lealdade na secretaria da Assembléia, tendo sido aposentado na categoria de Diretor. Exerceu ainda o eminente extinto as funções de Diretor da Imprensa Oficial e de Provedor da Santa Casa de Misericórdia, dando sempre altas demonstrações de sua capacidade de trabalho.

O exmo. e revmo. sr. Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano, e membro dos mais eminentes do Silogeu, teve ocasião de administrar a João Leda os sacramentos e as bênçãos da Religião, além de dar-lhe o confôrto inestimável da sua presença.

Queremos ressaltar a dedicação digna de todos os louvores do ilustre médico Dr. Olavo das Neves que não mediu esforços para salvar a vida preciosa do nobre enfêrmo, hoje, defunto. Impende ainda acentuar a atuação do preclaro escritor Pericles Moraes, digno presidente da



Academia Amazonense de Letras, o qual, cercado da coroa dos seus eminentes confrades, manteve permanente na residência do inclito escritor a carinhosa assistência dos seus irmãos de Academia.

João Leda deixa na viuvez a exma. sra. D. Albina Augusta Veiga Leda, e falece aos 77 anos de idade. São seus descendentes o sr. Arthur Leda, seu filho, residente no Estado de Pernambuco, e sua neta Maria Augusta Leda, aluna do Instituto de Educação. Como sobreviventes, além dos mencionados, contam-se o causídico Dr. Mariano Leda, residente no Rio de Janeiro, e a exma. sra. D. Maria da Glória Leda Coutinho, residente em Belém.

Armou-se na Academia a câmara ardente, devendo o féretro sair às 10 horas para o cemitério de São João Batista. O próprio Silogeu patrocinará os funerais do ilustre extinto. O exmo. sr. Arcebispo, acadêmico Dom Alberto Gaudêncio Ramos, dará a absolvição do Ritual. Como intérprete oficial, a Academia designou o acadêmico Mitridates Corrêa para usar da palavra no Campo Santo.

O JORNAL DO COMÉRCIO participa do grande luto que envolve a intelectualidade amazonense, lamentando a imensa perda nacional. Apresentamos nossas condolências à família enlutada.

**De A CRÍTICA, de 2 de março :**

**O AMAZONAS DE LUTO :**

**FALECEU O ESCRITOR JOÃO LEDA**

**Homenagens da Academia — O féretro sairá do Silogeu  
— Os funerais do ilustre morto**

E' com pesar que registamos o falecimento do filólogo João Leda, ocorrido às 13,55 horas de ontem, em sua residência, sita à rua Simão Bolivar, 151.

O desaparecimento do proeminente escritor, podemos adiantar, faz estremecer nos próprios alicerces a cultura amazonense, de vez que se trata de um dos maiores polímatos e polígrafos do Amazonas. Nascido no Maranhão, João Leda fez-se amazonense pelo longo convívio estabe-

lecido neste Estado, onde decorreu a maior parte de sua preciosa existência, e de onde se projetou em todo o Brasil e além-mar nos domínios da filologia. Efetivamente, a língua portuguesa teve nele um dos seus mais primorosos e dedicados cultores. Inestimáveis serviços prestou ao nosso idioma com suas doutíssimas lucubrações, máximè com seus livros de reconhecido mérito. "Nossa língua e seus soberanos", "Os áureos filões de Camilo", "Vocabulário de Ruy Barbosa" e "A quimera da língua brasileira, cujos subsídios primam pela autenticidade das fontes aduzidas e pela profundidade das suas diuturnas observações.

Na arena do jornalismo era um campeão laureado, e seus trabalhos eram disputados pela imprensa amazonense, porque sempre ricos de faiscantes pedrarias. Além de saboroso cronista e comentador de fatos sociais e culturais, notabilizou-se como excepcional polemista, ficando célebre, entre outras, a que manteve com o lexicógrafo Cândido de Figueiredo.

João Leda honrou o funcionalismo público, tendo servido durante longo tempo na secretaria da Assembléia Legislativa, aposentando-se no posto de Diretor. Exerceu com superior atuação as funções de Diretor da Imprensa Oficial e de Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

Na Academia Amazonense de Letras, João Leda ocupava a cadeira 16, cujo patrono é José do Patrocínio, e cuja vaga agora se verifica. O presidente do Silogeu, escritor Péricles Moraes, determinou homenagens especiais, deliberando inclusivè que a câmara ardente fôsse armada no recinto da Academia, como preito merecido a um dos luminares da douta Confraria.

João Leda era casado com a exma. sra. D. Albina Augusta Veiga Leda, deixando um único filho, o sr. Arthur Leda, e uma neta, a jovem Maria Augusta Leda, aluna do Instituto de Educação. São irmãos do pranteado escritor o sr. dr. Mariano Leda, advogado, residente no Rio de Janeiro, e a exma. sra. D. Maria da Gloria Leda Coutinho, residente em Belém.

O féretro sairá da séde da Academia Amazonense de Letras, às 10 horas, para o cemitério de São João Batista, onde se farão ouvir vários oradores. Em nome do Silogeu, foi credenciado o acadêmico Mithridates Corrêa. O acadêmico D. Alberto Ramos, arcebispo metropolitano, dará a absolvição ao cadáver.

A CRÍTICA manifesta, nesta altura, sua profunda

consternação, porque sentimos que tombou uma coluna do jornalismo planiciário. Além disso, o excelso escritor, cuja morte pranteamos com sinceridade, hourou-nos muitas vezes com suas preciosas colaborações. Endereçamos nossos sentimentos à família enlutada.

**No Congresso Nacional, o deputado amazonense Aureo Mello proferiu o seguinte discurso :**

**FEZ O NECROLÓGIO DE JOÃO LEDA NO  
PALÁCIO TIRADENTES**

**"Homem que, pela cultura e pela singularidade de pensamento, se elevou aos pináculos e às ressonâncias maiores no plano da intelectualidade nacional"**

RIO, 11 (M) — Em discurso proferido na Câmara Federal, o deputado Aureo Mello levou ao conhecimento da Casa o falecimento, no Estado do Amazonas, do professor João Leda, "homem que, pela cultura e pela singularidade de pensamento, se elevou aos pináculos e às ressonâncias maiores no plano da intelectualidade nacional. João Leda, maranhense de origem, foi, sem dúvida, motivo de orgulho para o Amazonas e, por sua bravura, pela pujança e pelos aspectos coruscantes da sua cultura e do seu pensamento, êle representava bem, como símbolo vivo, aquela terra magnífica. João Leda, nos "Aureos filões de Camilo", João Leda no "Vocabulário de Ruy", João Leda em todo o joeiro da sua dialética e do seu valor é dessas figuras que merecem estar paralelizadas com os expoentes do pensamento, da cultura, da idéia, nos maiores planos brasileiros. Êle preferiu, porém, ficar na obscuridade do vale verde, ficando escondido como as pérolas preciosas, lá na minha terra".

Depois de referir-se às múltiplas homenagens que vêm sendo prestadas a João Leda, inclusivè por parte da imprensa carioca, o deputado Aureo Mello afirmou :

"Para João Leda trago a êste plenário as flôres negras da minha profunda saudade, trazendo, ao mesmo tempo,

o pensamento caboclo, como um ofertório, a dôr da minha terra, o pesar que neste momento mergulha em todos os quadrantes do grande Estado Brasileiro”.

“Jornal do Comércio”, 2-3-55.

**Na Câmara Municipal de Manaus, o vereador João Chrysostomo de Oliveira inseriu um voto de pesar em homenagem a João Leda:**

**PRESTOU A CÂMARA SUA HOMENAGEM A  
JOÃO LEDA**

**João Chrysostomo de Oliveira fez o necrológio do morto**

Na sessão de ontem, da Câmara Municipal de Manaus, presidida pelo sr. Ismael Baníño, foi aprovado em redação final, o projeto n. 2-55, que autoriza o chefe do poder executivo a permitir a construção e regulamentação dos Mercados Particulares. O sr. João Chrysostomo de Oliveira, da tribuna, fez o necrológio do professor João Leda, cujo falecimento consternou profundamente a família amazonense. Sôbre o assunto, manifestou-se o sr. Jorge Abraham, endossando as palavras proferidas pelo seu antecessor. Por fim, fez uso da palavra o sr. Rodolfo Vale, manifestando-se também sôbre o desaparecimento do professor João Leda. Em seguida, o presidente suspendeu a sessão, em atenção ao pedido formulado pelo sr. João Chrysostomo de Oliveira, marcando outra para hoje à hora regimental.

“Jornal do Comércio”, 3-3-55.

**O “JORNAL DO COMÉRCIO”, do Rio, de 2 de março publicou o seguinte telegrama :**

**FALECEU O ESCRITOR JOÃO LEDA**

MANAUS, 2 (Asapress) — Esta capital recebeu no primeiro instante de ontem com grande tristeza e consternação, a notícia do falecimento do escritor João Leda, vulto

dos mais categorizados no país no setor do vernaculismo.' Após longos padecimentos, suportados com fibra, sucumbiu o venerando mestre, aos 77 anos de idade. Nascido em São Luiz do Maranhão, o extinto fixou residência no Estado do Amazonas, desde longa data, aqui contraindo núpcias com a Sra. Albina Augusta Veiga Leda. Funcionário público, tendo servido por longo tempo na Secretaria da Assembléia Legislativa do Estado, tendo sido aposentado no cargo de Diretor após uma folha de inestimáveis serviços prestados. Foi, ainda, Diretor da Imprensa Oficial e Provedor da Santa Casa de Misericórdia. Homem de letras, João Leda era sócio-fundador da Academia Amazonense de Letras e ocupava no Silogeu a cadeira n. 16, cujo patrono é José do Patrocínio. Seus conhecimentos profundos da língua portuguesa credenciaram-no tanto no Brasil como em Portugal como um dos mais autorizados sabedores do idioma comum. Suas predileções sempre estiveram voltadas para a Filologia, sobre cujo assunto deixou inúmeros trabalhos, em jornais e revistas, particularmente livros de sua autoria como sejam: "Nossa Língua e Seus Soberanos", "Os Aureos Filões de Camilo", "Vocabulário de Ruy Barbosa", "Quimera da Língua Brasileira", obras essas que produziram sulcos profundos entre os estudiosos da Língua de Camões.

Na imprensa, João Leda ocupou lugar de relevo, sendo autentico mestre em jornalismo, sempre com sucesso, com polémicas memoráveis. João Leda deixou um único filho, Arthur Leda, residente em Pernambuco, e uma neta, Maria Augusta Leda, aluna do Instituto de Educação em Manaus, ficando na viuvez sua consorte Albina Augusta Veiga Leda.

O escritor Pericles Moraes, Presidente da Academia Amazonense de Letras, deliberou que o Silogeu fôsse aberto, para ser instalada a Câmara Ardente, abrigando o corpo de um dos seus maiores luminares, cujo trespasse veio restringir o número reduzidissimo de socios fundadores. Foi decidido, ainda, que o Academico Padre Raymundo Nonato Pinheiro interpretasse o sentimento da casa, ao baixar o corpo à sepultura. O academico D. Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo Metropolitano de Manaus, por seu turno, ministrou os últimos sacramentos no Silogeu, na absolvição do cadaver. O sepultamento, que contou com grande número de pessoas do mundo oficial amazonense, teve lugar no Cemitério de São João Batista.



**A FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL  
HOMENAGEIA O ESCRITOR JOÃO LEDA**

**Palavras do acadêmico Raul Azevedo:**

— Longe de mim ter pensado que, na primeira sessão nossa deste 1955, tivesse de me referir a um morto, e êsse fôsse João Leda. Faleceu em Manaus, terra que adotou como sua, desde mocinho, nascido como eu no Maranhão, na sua tradicional capital São Luiz. Fomos ambos, com outros que se foram, fundadores da Academia Amazonense de Letras, que vive em perene esplendor. Fomos ainda companheiros de imprensa e amigos, e na Assembléia Legislativa do Amazonas, eu deputado em sete legislaturas, êle na secretaria da mesma Assembléia, em contacto diário.

Mas quero falar-vos é do notável escritor que era João Leda, um dos maiores filólogos da nossa Pátria, emparedado na Província, e daí a sua obra não ter a vulgarização que merece, salvo entre os especializados. Conhecedor profundo e equilibrado do idioma, dêste nosso rico e belo idioma, êle estava sempre alertado com os problemas da linguagem, em seus mínimos detalhes. Pesquisador profundo e competente dos seus segredos múltiplos, era um ourives da prosa, um filigranista. A sua morte foi sentida pelos seus amigos, e por duas cidades — Manaus e São Luiz — que conheciam bem os seus múltiplos valores.

Ocupou, sempre com brilho desusado, no Areópago amazonense, a poltrona 16, da qual é patrono José do Patrocínio. Foi diretor da Imprensa Oficial e Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

A moléstia minava-o. E até quando pôde escrever mantivemos correspondência cordial. Morreu aos 77 anos, e sofreu muito. Mas — curioso! — a sua letra era firme, clara, as suas idéias sempre nobres e elevadas. A moléstia, até então, não lhe tocara o espírito.

Mas aqueles que lêem, que se interessam pela língua difícil e formosa que é a nossa, em Portugal e Brasil, êsses todos conhecem a obra de João Leda e respeitam êsse que nasceu na outr'ora terra de filólogos que foi o Maranhão, que tem dado à Pátria grandes e numerosos valores.

A sua valía é incontestada. Os seus livros são profundos.

Ensinam. Aí estão, para comprovar, **Nossa Língua e seus soberanos, Os aureos filões de Camilo**, o notabilíssimo **Vocabulário de Rui Barbosa, A quimera da língua brasileira**, um título bem expressivo, — livros que representam a inteligência, o saber, o critério de João Leda.

Desejo salientar nestas palavras de Justiça e Saudade, que a Academia Amazonense de Letras, sob a sábia direção desse nome rútilo que é Pericles Moraes, prestou ao confrade eminente tôdas as homenagens que lhe foram possíveis. O Silogeu instalou câmara ardente, abrigando o corpo do grande escritor, que tôda a cidade consternada visitou. Fez o enterramento. Na Casa dos Mortos, com o brilho de sempre, falou o acadêmico Mithrídates de Lima Corrêa. Outro acadêmico, o arcebispo metropolitano de Manaus D. Alberto Gaudêncio Ramos, ministrou os sacramentos no Silogeu, na absolvição do corpo.

Morreu a 1 de março deste 1955 e enterrou-se ao dia seguinte.

Das suas obras a mais vulgarizada, duas edições, é o rico **Vocabulário de Rui Barbosa**, — uma pesquisa paciente de tôda a obra de Mestre Rui, e a descoberta dos vocábulos por aquele imaginados e escritos.

Pertencia ao P. E. N. Clube do Brasil.

Era um homem bom, conciliador, calmo e de vasta erudição. Fez estudos especializados da obra do Padre Antônio Vieira, de Bernardino Ribeiro, de Camilo, e de tantos outros que são glórias do idioma. Enterrado vivo na Província, mesmo assim o seu nome chegou a Portugal, e dentro do Brasil os especializados respeitavam-no.

E' difícil para a Academia Amazonense de Letras preencher essa vaga. As responsabilidades são muitas.

E peço, Sr. Presidente, um telegrama de pêsames ao Silogeu amazonense, na ata um voto de pesar, e que a Federação das Academias de Letras do Brasil suspenda a sessão de hoje em homenagem à memória do grande jornalista, escritor e filólogo que foi o saudoso João Leda.

**Recebemos as seguintes comunicações :**

Do Tribunal de Justiça do Amazonas :

N.º 3/55

MANAUS, 3 de março de 1955.

SENHOR PRESIDENTE :

Levo ao conhecimento de V. Excia. em meu nome

pessoal e no da Egrégia Segunda Câmara dêste Tribunal de Justiça e da cada um dos membros, a nossa profunda consternação pela morte do Exmo. Sr. Professor JOÃO LEDA, uma das molas mestras da cultura planiciária e figura proeminente da Academia Amazonense de Letras.

Outrossim, comunico a V. Excia. que, por unanimidade de votos, a Egrégia Segunda Câmara fez consignar na ata relativa dos seus trabalhos do dia, um voto de profundo pesar pelo falecimento de tão ilustre membro dêsse Silogeu.

Apresento-lhe as minhas homenagens de elevada estima e subido aprêço.

**Desembargador RAIMUNDO VIDAL PESSÔA**

Presidente da 2.<sup>a</sup> Câmara

**Do Grêmio Estudantil de Ciências e Letras:**

Manaus, 3 de março de 1955.

Ilmo. Sr.

Professor Péricles Moraes

M.D. Presidente da Academia Amazonense de Letras.

**NESTA**

Ilustríssimo Senhor:

O Grêmio Estudantil de Ciências e Letras, órgão que congrega em suas hostes uma plêiade de jovens amantes do Belo e das Artes, sente-se no dever de apresentar a êsse Silogeu, representado na veneranda pessoa de V. Sa., os sinceros votos de pesar e tristeza pelo transe lamentável do mágnio e preclaro Professor João Leda, um dos expoentes máximos das letras portuguesas; o estilista exímio e filólogo, incomparável; o mestre modelar e preliador incansável do vernáculo; o artista primoroso, o luminar insigne, o depositário de valor inestimável da cultura e do saber em nossa terra.

Certo de que assim fazendo testemunhamos nossa afeição ao pranteado mestre, servimo-nos do presente para apresentar-lhe nossos protestos de estima e maior consideração.

Atenciosamente,

**Grêmio Estudantil de Ciências e Letras**

RAFAEL FARACO

Diretor do Conselho Regente

**Do O Jornal, de 2 de março:**

**TOMBOU UM CEDRO DAS LETRAS NACIONAIS**  
**Falaceu o Filólogo João Leda — As homenagens da**  
**Academia — Comovedoras despedidas — Câmara**  
**ardente no Silogeu**

Com a mais viva consternação anunciamos o falecimento do professor João Leda, verificado às 15,55 horas de ontem, em sua residência, sita à Rua Simão Bolivar, 151.

Com o desaparecimento do ilustre homem de letras, perde a Nação um dos grandes baluartes da língua portuguesa, vernaculista consagrado assim no Brasil como em Portugal. Nascido em São Luiz do Maranhão, João Leda transferiu-se jovem para o Amazonas, onde decorreu a parte mais dilatada e mais notável de sua preciosa existência.

O amor ao idioma lusitano marcou um dos traços mais dominantes, senão o predominante, de todo o aurifulgente "curriculum vitae". Suas longas vigílias literárias e pacientes pesquisas linguísticas tornaram-no um dos mais primorosos vernaculistas, espelhando-se em suas produções as galas mais preciosas da língua de Camões e Rui Barbosa. Suas obras mereceram da crítica autorizada dos dois países de língua portuguesa os mais calorosos encômios, de tal modo que, hoje em dia, nas estantes dos estudiosos do idioma luso-brasileiro, figuram sempre os vitoriosos livros do sábio extinto: Nossa língua e seus Soberanos. Os áureos filões de Camilo, Vocabulário de Rui Barbosa e A químera da língua brasileira.

João Leda conhecia profundamente os clássicos de nossa língua, tanto portugueses como brasileiros. Cultuava com particulares carinhos a memória dos escritores que mais se distinguiram pela pureza cristalina do idioma, notando-se suas particulares preferências pela tríade luminosa: Vieira, Camilo e Rui Barbosa. Ficou célebre sua conferência sôbre o padre Antonio Vieira, pronunciada em Belém, no Teatro da Paz, aos 31 de Maio de 1927, trabalho inserto no livro de sua lavra "Nossa língua e seus Soberanos". Assim exordiava o preclaro mestre: "Parece que a cultura contemporânea se enfada, de quando em quando, com as grandes figuras que se agitam à sua volta num de-

sesperado ânseio de luz e de ruído, e, de capricho ou de grado, como se buscára um oasis para espairecer e disfarçar o fastio ambiente, imerge com alegria nas cerrações do passado, e aí compraz em conversar as sombras dos varões ilustres que encheram e celebrizaram certas épocas da História".

O preecelso morto dominava tôda a obra de Camilo, que abarca mais de duzentas produções. Não sòmente possuía a coleção completa das obras de Castelo Branco, mas ainda fazia timbre de adquirir tudo o que de importante se escrevia sòbre o celebrado escritor lusitano. Ultimamente, era seu pensamento dar a lume uma segunda edição de "Os áureos filões de Camilo", edição consideravelmente aumentada. Por ocasião do centenário de nascimento do imortal Rui Barbosa, sob os auspícios do Govêrno do Amazonas, ao tempo do pranteado Leopoldo Neves, a conceituada Tipografia Fenix lançou a segunda edição do "Vocabulário de Rui Barbosa".

Em 1931, João Leda concorreu com notável tese ao provimento da cadeira de História Universal, do Brasil e noções de Direito Pátrio, da antiga Escola Normal do Amazonas. Há quem sustente ter sido vítima de inominável perseguição, ou pelo menos de fria indiferença por parte de um dos examinadores. Seja como fôr, o conceituado filólogo produziu um trabalho de largo fôlego, apresentando a Tese "Da relativa exação dos factos históricos", com impressionantes conclusões. Na parte relativa à História Pátria, eis as doutas Proposições:

1.<sup>a</sup> — A história do Brasil, país novo, apenas começa a ser elaborada.

2.<sup>a</sup> — Nenhum facto da história do Brasil, ainda os mais contemporâneos, está apurado em tôdas as suas minudências.

3.<sup>a</sup> — A elucidação gradual dos factos da nossa história depende de paciente pesquisas nos arquivos quase inexplorados".

A última proposição nos lembra a afirmação categórica de notável historiador brasileiro que, anos depois, assim sentenciava: "A história do Brasil será notavelmente modificada quando se efetuarem sérias pesquisas nos arquivos do Vaticano!"

Durante a enfermidade que vitimou o douto vernaculista, inúmeras fôram as visitas dos acadêmicos e amigos.



Comovedoras, as despedidas aos confrades do Silogeu. Chamado à sua presença o presidente Péricles Moraes, declarou: "Péricles: diga a todos os acadêmicos que agora me despeço da Academia, com saudades, partindo sem levar ódios nem rancores de nenhum deles!" E eram verdadeiras as palavras do moribundo. Em cada acadêmico João Leda tinha não somente um discípulo, mas sobretudo um amigo e admirador, para não dizer um irmão. E durante toda a enfermidade, como uma oblata de flores, cercavam os acadêmicos o querido mestre, levando-lhe o conforto de sua presença e de sua amizade.

O exmo. sr. Arcebispo Metropolitano, preclaro membro do Silogeu Amazonense, visitou o falecido professor, tendo-lhe administrado os santos sacramentos. Foram testemunhas daquele momento sagrado os academicos Arthur Virgílio, Mendonça de Souza e Padre Nonato Pinheiro. Ao cabo das cerimônias do Ritual, João Leda exclamava ao Arcebispo: Sinto-me feliz. Deus foi generoso para comigo, concedendo-me longos anos de vida, e o conforto destas bênçãos!"

O ilustre extinto era funcionário estadual, tendo servido longos anos na Secretaria da Assembléia, aposentando-se na categoria de Diretor. Desempenhou as funções de Diretor da Imprensa Oficial e de Provedor da Santa Casa de Misericórdia. Foi armada no Silogeu a câmara ardente, saindo o féretro da sede da Academia Amazonense de Letras, às 10 horas para o Cemitério de São João Batista. Por designação oficial da presidência, usará da palavra por ocasião do enterramento o acadêmico Mithridates Corrêa, que falará em nome da Casa de Adriano Jorge.

A EMPRESA ARCHER PINTO LIMITADA associou-se a todas as manifestações de pesar prestados ao pranteado escritor. Perdemos o mais brilhante colaborador dos nossos diários, e a Pátria estremece, porque tombou um cedro das letras nacionais.

O extinto contava 77 anos de idade, e deixa na viuvez a exma. sra. d. Albina Augusta Veiga Leda. Sua descendência compõe-se de seu filho sr. Arthur Leda e de sua neta Maria Augusta Leda, aluna do Instituto de Educação. Sobrevivem os irmãos dr. Mariano Leda, advogado no Rio de Janeiro, e d. Maria da Glória Leda Coutinho, residente em Belém.

Os funerais do egrégio morto foram custeados pela Academia Amazonense de Letras.

**O Presidente Péricles Moraes recebeu os seguintes telegramas:**

Do intelectual Hermes Falcão:

"À Academia Amazonense de Letras, na pessoa do seu ilustre Presidente envio condolências pela grande perda que acaba de sofrer com o desaparecimento do membro dêsse Sodalício o eminente filólogo patricio João Leda".

2/3/55.

Do acadêmico Anísio Jobim:

"Dolorosamente surpreendido notícia falecimento nosso querido companheiro Academia eminente Professor João Leda levo intermédio V. Excia. profundos pêsames Academia Amazonense Letras".

3/3/55.

Do acadêmico Raul de Azevedo:

"Sentidíssimo morte grande querido amigo João Leda abraço companheiros Academia pesar seu eminente Presidente".

3/3/55.

Do acadêmico Alvaro Maia:

"Apresento sinceros pêsames falecimento grande amigo João Leda, cujos trabalhos honram Amazonas e Brasil. Sandações atenciosas".

3/3/55.

Dos escritores Alfredo Assis, Antônio Oliveira, Joaquim Luiz e Josué Montello:

Participamos pesar falecimento grande filólogo brasileiro".

3/3/55.

Do escritor Vieira de Alencar:

"Com grande pesar recebi seu telegrama com deplorável notícia falecimento nosso eminente que-

rido João Leda. Este triste acontecimento enche de saudade nosso coração seus amigos admiradores e constitui notável desfalque letras amazônicas. Solidarizo-me seu intermédio pesar Academia Amazonense. Cordial abraço”.

4/3/55.

Do Presidente da Academia Carioca de Letras escritor Paulo Medeiros: Grande pesar perda letras amazonenses morte ilustre filólogo João Leda”.

11/3/55.

Dos senhores Djalma Batista, Presidente, e Carlos Melo, Vice-Presidente da Associação Médica do Amazonas:

“Comunico Vossa Excelência Diretoria Associação Médica Amazonas inscreveu última reunião voto pesar infausto desaparecimento insigne filólogo, enlutando círculos culturais do Estado e do País. Respeitosas saudações”.

14/3/55.

Do Presidente do Pen Clube, escritor Celso Kelly:

“Sabedores pelo nosso companheiro Raul Azevedo falecimento escritor filólogo João Leda Pen Clube inseriu ata voto pesar seu consócio ilustre e envia pêsames Academia Amazonense”.

14/3/55.

Do jornalista Alcides Gentil:

“Faço sentir querido amigo pedindo obséquo transmitir demais presadíssimos confrades minhas sinceras condolências pela grande perda sofrida com falecimento João Leda mestre notável do círculo. Afetuosas saudações”.

16/3/55.

Do acadêmico paraense, Paulo Eleutério Senior:  
"Apresento preclaro Presidente sinceras homenagens pesar perda João Leda grande prestigiosa figura escritores contemporâneos Brasil".

16/3/55.

Do acadêmico Jorge Carvalhal:

"Sòmente hoje recebimento dos jornais tive dolorosa notícia falecimento João Leda uma das maiores glórias da nossa Academia. Peço receber e transmitir ilustres confrades minhas condolências".

17/3/55.

Do desembargador Florêncio de Abreu, Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil:

"Sessão hoje Federação Academia Letras Brasil acadêmico Raul de Azevedo falou longamente sôbre saudoso João Leda propondo voto pesar suspensão sessão homenagem notável filólogo unanimemente aceito. Saudações".

17/3/55.

## **DE LUTO AS LETRAS NACIONAIS: FALECEU**

### **JOÃO LEDA**

As 13,55 horas do dia 1.º do corrente, faleceu na cidade de Manaus o consagrado escritor João Leda, figura marcante na esfera nacional da filologia.

Era maranhense de nascimento, mas radicou-se no Amazonas desde a meninice, tendo-se sempre distinguido pelo cultivo das belas letras.

Fundador da Academia Amazonense de Letras, tendo como patrono José do Patrocínio, João Leda presidiu por diversas vêzes o Silogeu ao qual Péricles Moraes empresta, até hoje o brilho de sua cultura admirável.

João Leda, desde cedo, firmou nome como jornalista, escrevendo com pureza cristalina e manejando o idioma

de maneira impecável. Foi, antes e acima de tudo, um autêntico vernaculista, ombreando-se com os mais altos valores de vernaculidade do Brasil e de Portugal.

Entre as suas primorosas produções, destacam-se "Nossa língua e seus Soberanos", "Vocabulário de Rui Barbosa", "Os áureos filões de Camilo" e "A químera da língua brasileira".

Na Academia Amazonense de Letras era considerado, como Pericles Moraes, o sábio e o mestre, abrindo-se, com o seu falecimento, uma vaga no sodalício daquele Estado, difícil de ser preenchida.

Como funcionário público, serviu ao Estado com dedicação, zelo e honestidade, na Secretaria da Assembléia Legislativa, tendo sido aposentado na categoria de Diretor. Exerceu ainda o extinto as funções de Diretor da Imprensa Oficial e de Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

João Leda deixa na viuvez a senhora Albina Augusta Leda, e falece aos 77 anos de idade. São seus descendentes o sr. Arthur Leda, seu filho, residente em Pernambuco, e sua neta Maria Augusta Leda, aluna do Instituto de Educação. Como sobreviventes, além dos mencionados, contam-se o causídico dr. Mariano Leda, residente no Rio de Janeiro, a senhora Maria da Glória Leda Coutinho, residente nesta capital.

Armou-se na Academia Amazonense de Letras a câmara ardente, saindo o féretro para o cemitério de São João Batista. O próprio Silogeu custeou os funerais do ilustre extinto, tendo D. Alberto Gaudêncio Ramos, arcebispo de Manaus e membro da Academia Amazonense de Letras, dado a absolvição do ritual. À beira do tumulto falou o acadêmico Mithridates Corrêa.

Em sessão realizada à tarde de 9 do corrente, a Academia Paraense de Letras, aprovando unanimemente proposta do acadêmico Georgenor Franco, consignou na ata dos seus trabalhos um voto de pesar pela morte de João Leda, tendo ainda dado o nome do notável escritor para a cadeira n.º 11, do quadro de sócios correspondentes, elegendo para a mesma o escritor amazonense Moacir G. Rosas.

(Folha do Norte 12/3/55.)



**JOÃO LEDA, Glória das Letras do Brasil**

ARTHUR VIRGILIO

João Leda veio, adolescente, da capital de seu pátrio Maranhão — a Atenas Brasileira — para o Amazonas, iluminado a luz divina. Afeiçoou-se às letras desde a sua infância. Radicou-se em Manaus, aonde alargou e enriqueceu seus conhecimentos, enchendo bem sua existência. Com o rodar dos anos, considerava-se amazonense de corpo e alma.

Dado ao gozo puro do espírito, aos prazeres delicados e úteis que lhe proporcionava a biblioteca de prateleiras compactas, João Leda, trabalhador incansável, jamais se preocupou em amontoar pecúnia, proclamando que "é sempre rico quem tem saúde e se contenta com o que tem". Portanto, nunca viveu mal de sorte.

O gramaticólogo Valmiro Vidal doutrina que aquê que prezar sua personalidade, tem de se impor pela segurança do vernáculo. João Leda, que defendia a mesma opinião, dedicou-se com entusiasmo, ao estudo da língua e da literatura portuguesa. Dessas disciplinas conhecia os clássicos, nacionais e estrangeiros. Os autores de sua predileção foram, entre outros, o Pe. Antônio Vieira, Camilo Castelo Branco e Ruy Barbosa.

Fez-se à custa de seu talento, jornalista e escritor de largo descortino, de capacidade realizadora. Escreveu nos matutinos e vespertinos que, naquele tempo então, circularam nesta capital. Era colaborador assíduo de "O JORNAL", da Empresa Archer Pinto Ltda., e cooperou também no "Jornal do Comércio", hoje pertencente à cadeia dos "Diários Associados", de Assis Chateaubriand. Sustentou pela imprensa, ruidosas polêmicas, teve vitoriosas contendas. Além de conferências, discursos, artigos e crônicas, são de sua lavra engenhosa — "Nossa língua e seus soberanos"; "Os áureos filões de Camilo"; "Vocabulário de Ruy Barbosa"; "A quimera da língua brasileira", livros que dispensam louvores, porque saíram do cérebro de um especialista. Disponha ainda de farto material de linguística portuguesa, para a confecção de outros volumes, material precioso que deixou de dar à publicidade, por falta de recursos monetários.

Homem da grande esfera intelectualista, falava e escrevia com correção e pureza. Seu entendimento era eloquente, sólido, persuasivo, levava a convicção ao ânimo de quem o ouvisse ou lesse. Ninguém lhe pode negar a qualidade de "bom autor, porque êle pensava e discorria bem, e de bom escritor, porque escrevia corretamente, o que pensava com profundidade".

As suas composições tinham originalidade, forma peculiar, aspecto próprio, características particulares. Manifestava suas idéias em perfeita harmonia com as suas palavras sem qualquer resquício de falsidade ou fingimento, disfarce ou artifício. Poderia falar de juízos contrários à realidade, desacerto, desvios do bom caminho, abusos e injustiças, mas, poupava as pessoas.

Admirava a virtude nos outros ; e admirar a virtude nos outros, disse Thamistius, é prova de virtude. Não era um roedor da fama, não maldizia, não levantava queixumes, nem fazia mau ofício de ninguém. Gostava da ironia fina, cortês, sutil, elegante. Não o afligia a inveja, o despeito, a ingratidão, que a vida ainda não conseguiu separar-se dêsses deslizes. E, referindo-se à ingratidão, à semelhança do Pe. Antônio Vieira — o Cícero católico — perguntava : "Se não houvesse ingratidão, como haveria fineza?"

João Leda, de Cássio, tinha a modéstia, de Ulisses, a prudência, de Cipião, a nobreza.

Competente funcionário da Secretaria da Assembléa Legislativa do Estado, exerceu em comissão, as funções de diretor do "Diário Oficial" e provedor da "Santa Casa de Misericórdia", sempre submisso aos seus deveres, para não desmerecer da confiança de seus concidadãos, pois, sabia que, na solução dos negócios públicos, a razão deve prevalecer sôbre o coração. Afinal, aposentou-se no cargo de diretor da mencionada Secretaria, que lhe ficou a dever, principalmente no seu mister de perito da língua-mater, inestimáveis serviços.

No descanso com dignidade, prosseguiu com mais afinco, os seus estudos de português ; e durante sua atividade de vernaculista emérito, teve o destino de rever e corrigir trabalhos alheios, o que fazia com apurado interesse, manifesta satisfação, e outra coisa se não podia esperar da enternecedora bondade do seu valoroso coração.

Ainda na atividade de servidor público, casou-se com a senhora Albina Augusta Veiga Leda, natural de Portugal. Antes, seu filho Arthur deu-lhe uma neta Maria Augusta, que o avô criou carinhosamente e estava instruindo com particular desvêlo. Deixou-a na 3.<sup>a</sup> Série do Colégio Estadual do Amazonas.

Um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, ocupava a cadeira n. 16, que é iluminada pelo nome fulgurante de José do Patrocínio. Era o vice-presidente, uma das duas figuras capitulares da administração da venerável Confraria e um dos dois principais esteios do civilizado Grêmio Literário da Planície-Verde.

Concorreu com uma substanciosa tese, ao provimento da cadeira de História Nacional, História do Brasil e Noções de Direito Público, da então Escola Normal do Amazonas, mas, a política ingrata impediu o reconhecimento do seu mérito, de sua aptidão, de sua superioridade.

O tempo decorrido entre o nascimento e a morte de João Leda foi de continuo pensar. Fêz-se um sabedor do idioma de Camões e de Ruy.

Eu o estimava e admirava os seus singulares dotes de espírito e coração. Guardo na lembrança as agradáveis ocasiões, que êle me oferecia, quando, nos dias feriados, civis ou religiosos, eu ia à sua instrutiva e cativante convivência espiritual. Daí êste escrito de amizade e saudade.

Vivia identificado com a vida da família — sua sagrada constituição.

Estava seu lar na Santa Paz do Senhor. Eis que, em agosto do ano passado, insidiosa moléstia o acomete. Piorou. Prognóstico sombrio. Desenganado, João Leda preparou-se para o ato de morrer, recebendo os sacramentos e as bênçãos da Igreja, que lhe administrou o Pastor Arquidiocesano, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, a quem o enfêrmo, aliviado, depois da consoladora cerimônia, exclamou: — "Sinto-me feliz. O Criador foi generoso para comigo, concedendo-me largos anos de vida e o confôrto destas Bênçãos". Em seguida, despediu-se afetuosamente da família, e, chamando seu irmão em letras, Péricles Moraes, que dirige o Silogeu, lhe formulou êste pedido: "Péricles, diga a todos os acadêmicos que, nesta hora, me despeço da Academia, com saudades, partindo, sem levar ressentimento de nenhum deles".

Melhorou. Parecia que a sua saúde se ia restaurando. Chegou a entabolar conversa, a fazer breves dissertações literárias. Lia os jornais, da manhã e da tarde, escrevia alguma coisa, e visitou comovido, seus silenciosos amigos, no seu gabinete de trabalho, que lhe despertou amáveis e gratas recordações.

A cruel enfermidade, porém, agravando-se em fevereiro dêste ano, **ex-abrupto**, subjugou por completo, o grande filólogo e escritor, abatendo-o, torturando-o. Êle tudo sofria com piedosa resignação; e, estóico como Zenon, ocultava o padecimento que o atormentava e consumia, declarando que estava pronto para receber a implacável Ceifeira que lhe rondava a casa residencial.

A espôsa, conhecendo o significado de sua augusta e sublime missão, estava constantemente, afável e desvelada, no seu pôsto de honra, nas minguadas horas do dia e nas crescentes vigílias da noite, expondo-se a tôdas as fadigas, e rogando ao Ser Supremo que desse lenitivo e salvasse seu velho sócio, participante de suas alegrias e tristezas.

Mas, o egrégio varão, em plena posse de suas relevantes faculdades intelectuais, aguardava com a calma dos fortes, o têrmo final de sua vida, a qual, de há muito, já ultrapassára o limite provável da existência humana. "A obra da Natureza, observava êle, é obra de uma Inteligência que não se engana".

Advertido pela própria consciência de que a morte fatal e eterna, teria que o colhêr dêste mundo, e pressentindo do que chegará a hora extrema, João Leda despede-se, conformado, da espôsa amada e da neta querida; lembra-se da irmã, a sra. Maria da Glória Leda Continho, residente em Belém do Pará, e do irmão, dr. Mariano Leda, advogado na Capital Federal, a quem se recomenda, e, bem assim, aos amigos, aos consócios da Academia. E contemplando a espôsa—que, emocionada, lhe fitava, falando-lhe sôbre a fé e o amor de Jesús, parece que João Leda, recordando-se de um pensamento de Tobias Barreto, ansiava por dizer à espôsa, cheio de unção religiosa: "Augusta, quando os seus olhos me fitam e seus lábios me falam, a minha alma acredita em Deus"!

Sua imaginação não se apartava da família. De quando em quando, já com a voz arrastada, chamava a fiel e dedicada consorte, como que invocando auxílio e proteção; e,

da derradeira vez, disse em voz baixa, como se estivesse murmurando em prece: — "Minha mulher, você é uma santa. Nossa Senhora a proteja por tôda a sua vida". — Foram estas suas últimas palavras amoráveis de ternura. João Leda emudeceu de pena e de saudade.

Perdendo a fala e com a respiração rouca e trepidante, os olhos quase apagados, só podia invocar a espôsa, entrechocando levemente as palmas das mãos, e sem fôrça para repetir êsse gesto, levantava com dificuldade, a mão direita e com esta batia brandamente no antebraço esquerdo.

Os acadêmicos Dom Alberto Gaudêncio Ramos e Pe. Raimundo Nonato Pinheiro assistiram espiritualmente ao confrade, na agonia da morte, encaminhando-o e esforçando-o a respeito de sua salvação.

Às 13 horas e 55 minutos de 1.º do corrente mês de março, abriu-se-lhe "a porta de saída do templo da vida", e João Leda, que já recebera os socorros de sua Religião, cerrou as pálpebras, derramou lágrimas de dor, de saudade, e foi-se embora **ad vitam aeternam**, coberto pela sombra misteriosa da morte, levando na retina as imagens da espôsa e da filha de seu filho, partículas de sua alma, pedaços de seu coração.

Momento compungitivo, horripilante, constrangedor! A espôsa, fisionomia dilacerada, abraçada com a filha de criação, soltava ais doridos, gemidos surdos, e chorava daquelas mesmas lágrimas que umedeceram o rosto do marido, padecia daquela mesma dor, e sua vontade era pregar-se na mesma cruz! Todos apiedavam-lhe o coração despedaçado por tanto desgosto e desventura. Suas amigas enxugavam-lhe o pesado pranto e procuravam dar-lhe consôlo naquela agrura amarga, terrível, exortando-a a implorar socorro aos Céus, convencido de que Deus apazigua o servo que a Êle recorre.

A trágica notícia do passamento de João Leda correu célere em todos os círculos intelectuais, em tôdas as camadas sociais de Manaus. Confrades, amigos e admiradores, assustados ("a morte assusta os vivos"), moveram os passos, numa inquietação dolorosa, para a casa do mestre, tomando parte no profundo sentimento de pesar que envolvia a família e o Amazonas.

Às 18 1/2 horas, o cadaver do erudito e abalizado escritor e filólogo foi transportado em luxuoso caixão, para



a séde da Academia Amazonense de Letras, cuja sala principal se transformou em Câmara ardente, para receber o esquife do vice-presidente da ilustrada Confraria, o qual ficou diante da efígie do Crucificado, alumado pelas luzes agonisandas e esmorecidas de quatro círios e velado pela espôsa, neta, acadêmicos e mais pessoas amigas.

Em a nave da nobre Catedral do Pensamento do Amazonas, tremulavam, de vez em vez, súplicas pelo repouso eterno da alma do competente e inesquecível professor. Circundando a urna funerária, viam-se diversas corôas, com estas inscrições: "Ao querido Leda, ultima recordação de sua espôsa e filhos"; "Homenagem do Estado do Amazonas"; "Última homenagem da Academia Amazonense de Letras"; "A grande saudade do velho amigo Péricles Moraes"; "Saudade do amigo Mendonça de Souza e família"; "Ao mestre amigo Leda, preito e saudade de Plínio Coelho e família"; "Ao professor João Leda, homenagem da Empreza Archer Pinto Ltd."; "Ao mestre João Leda, o adeus da Associação Amazonense de Imprensa".

No dia seguinte, 2 de março, às 10 horas, depois do Arcebispo Metropolitano haver intercedido ao Altíssimo, por João Leda, saiu o féretro, no carro especial da "Santa Casa de Misericórdia", com grande acompanhamento de automóveis, com destino ao Cemitério de São João Batista, para cuja capela foi conduzido, e onde rezaram-se orações do ritual católico, sendo, em seguida, levado à beira da sepultura que foi abençoada.

Fizeram o elogio fúnebre do notável filologista, o acadêmico Mitridates Corrêa, pela Academia Amazonense de Letras; o dr. Aderson Menezes, pela Associação Amazonense de Imprensa; o acadêmico de direito e professor João Crisóstomo de Oliveira, pela Sociedade Amazonense de Professores e o dr. Oséas Martins, pelos amigos do ilustre e saudoso extinto.

E naquela hora de silêncio, meditação e prece, João Leda desceu ao seio da terra, deixando a desolada espôsa revestida do manto austero e penoso da viuvez.

Estive presente, em espírito, nos derradeiros instantes da vida do mestre, no seu trespasse, no seu sepultamento; e, sentenciava Ruy Barbosa, "estar presente em espírito é estar presente em verdade".

E' de registrar-se o devotado cuidado, a extraordinária dedicação do médico assistente, o ilustre Dr. Olavo das Neves, que mobilizou os recursos de ciência, para salvar o seu douto cliente e amigo ; sendo de notar-se também, a atuação do digno presidente da Academia, o escritor Péricles Moraes, que acompanhou, do mesmo modo que Mendonça de Souza, membro do Sodalício, em tôdas as fases da doença do confrade imprescindível e providenciou em nome da veneranda Comunidade Literária, sôbre o funeral e exéquias do 7.º dia, sentindo um quê de mágoa, de angústia, com a perda irreparável do brilhante acadêmico às letras do Amazonas como se alguma parte de si mesmo lhe faltasse.

"O Jornal" — 31 de Março 55.

### **ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS**

VOTO DE PESAR — Apresentado pelo vice-presidente, sr. Antonio Montenegro, foi aprovado voto de profundo pesar, por motivo do falecimento do professor João Leda, cujo necrológio aquêlê diretor fez. A homenagem será comunicada à família enlutada e à Academia Amazonense de Letras, de que fazia parte o extinto, como expoente da cultura amazonense, notável vernaculista que honrava as letras regionais.

## QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

---

**PARÁ** — Artur Cesar Ferreira Reis, Edgard Proença, Paulo Eleuterio, Romeu Mariz e Arthur Napoleão de Figueiredo.

**MARANHÃO** — Antônio Bona.

**CEARÁ** — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira e Raimundo Girão.

**RIO GRANDE DO NORTE** — Henrique Castriciano.

**PERNAMBUCO** — Mário Mello.

**ALAGOAS** — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luís Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.

**SERGIPE** — Luís da Costa Filho.

**BAHIA** — José de Figueiredo Lobo.

**RIO DE JANEIRO** — Albertina Berta, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Ataulpho Nápoles de Paiva, Carlos de Araujo Lima, Carlos Marinho de Paula Barros, Cláudio de Araujo Lima, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Beltrão, Heitor Péres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Odilon Lima, Oswaldo Orico, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Netto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Cauto, Rosalina Coelho Lisboa Larragoite, Severino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca e Virgílio Barbosa.

**ESTADO DO RIO** (Niterói) — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.

**SÃO PAULO** — Francisco Azzj, Mário Cardim e Pinheiro Junior.

**PARANÁ** — J. M. de Santa Ritta.

**PORTUGAL** — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Garçon.

**ESPAÑA** — Eugênio de Láscaris Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.

**FRANÇA** — Serge Deborbieux.

**ITÁLIA** — Rafael Corso.

**PERÚ** — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.

**BOLÍVIA** — Alcides Arguedas.

**COLOMBIA** — Cornelio Hispano e Guillermo Valencia.

**EQUADOR** — Wenceslau Pareja (Guayaquil).

**URUGUAI** — Carlos Reyles e Emilio Oribe.

**ARGENTINA** — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.

**MÉXICO** — Vicente Mendoza.

**ALEMANHA** — Guilherme Giese.

**SÃO DOMINGOS** — Americo Lugo.

**CUBA** — Antônio Iraizoz.





---

Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX  
Sergio Cardoso & Cia. Ltda.  
(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmento, 78

Manaus — Amazonas